

TROCANDO IDEIAS



Anna Luisa

RICARDO ORESTES FORNI

TROCANDO IDEIAS

Ricardo Orestes Forni

Data de publicação: 28/5/2021

PUBLICAÇÃO:

EVOC – Editora Virtual O Consolador

Londrina – Paraná – Brasil

www.oconsolador.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

	Forni, Ricardo Orestes
F727t	Trocando ideias / Ricardo Orestes Forni; capa de Ana Luísa Barroso da Silva Neto; revisão de Thiago Bernardes. – Londrina, PR : EVOC, 2021. 198 p.
	1. Literatura espírita. 2. Espiritismo. I. Silva Neto, Ana Luísa Barroso da. II. Bernardes, Thiago. III. Título.
	CDD 133.9 19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Sumário

Sobre o Autor.....	5
Trocando ideias.....	11
O sonho da lagarta.....	13
O frasco de perfume	18
Meu Deus! Meu Deus!	24
Espírita gosta de sofrer!	27
Sofrer no umbral e na Terra, por quê?.....	30
Mundos de regeneração e mundos transitórios	35
Mundo de regeneração e mundo de Espíritos regenerados..	37
Os flagelos são calendário?.....	41
O momento da caridade.....	44
Os nossos flagelos	47
O banimento e a misericórdia	51
A que distância estamos?.....	54
Os pertences daqueles que partiram.....	57
Onde Ele está?.....	62
Pela experiência do sexo.....	65
Previsão do tempo	70
O que tem feito dos seus talentos?	75
Suicídio entre animais.....	79
O dia "D" dos encarnados	83
O melhor telefone	90
Sonho ou realidade?.....	94
Logo ali!.....	98
A cruz vazia	102
O Jesus "guerreiro"	107
Os vários porquês	110
A minha dor, a nossa dor!	117
Nossa estrada de Damasco	122
A caixa de laranja	130

Os três médiuns que visitaram Jesus	134
Problemas: provas ou expiações?.....	138
Vencendo os obstáculos.....	143
Onde se localiza a violência?.....	149
Doutrina Espírita: converter ou convencer?	153
Onde está a paz?	157
A fidelidade de Deus	163
A quarta guerra mundial	167
Ano Novo?	171
As luzes se apagaram... ..	175
Cirurgia plástica.....	178
Como vai a nossa pista?.....	181
Deus me esqueceu?.....	184
Na “boca” do caixa	188
O Natal de Lin Meiyun	192
A lâmpada da garagem.....	195

Sobre o Autor

No dia 13 de setembro de 2015, a revista **O Consolador**, em sua edição 431, publicou a entrevista abaixo que Ricardo Orestes Forni concedeu a Orson Peter Carrara, da equipe de redação da citada publicação.

Nada melhor para apresentar o Autor aos nossos leitores do que reproduzi-la na abertura desta obra:

Ricardo Orestes Forni:

“Os assuntos sempre me procuram”

Autor de várias obras de grande sucesso, o conhecido escritor, que é também colaborador de nossa revista, fala sobre suas experiências e revela como surgem seus livros

Ricardo Orestes Forni, natural de São José do Rio Preto e residente em Tupã, ambos municípios paulistas, nosso entrevistado de hoje, é médico e vincula-se à União Espírita Allan Kardec, sendo também um dos colaboradores desta revista. Seu primeiro contato com o Espiritismo foi por meio do livro *Nosso Lar*. Atualmente com vários publicados e outros no prelo, conta sua experiência e inspiração para escrever as obras, distribuídas entre contos, textos doutrinários e romances de grande sucesso editorial e muita clareza doutrinária.

De onde vem o gosto e a experiência em escrever?

Sempre gostei muito de ler desde a minha adolescência, o que deve ter facilitado para que eu viesse um dia a escrever. Sobre aquilo que escrevo se passa sempre o seguinte: o assunto a ser desenvolvido vem ao meu encontro. Raríssimas vezes eu fui ao encontro deles. Por isso não sei explicar a experiência em escrever, já que sou “procurado” e não procuro.

Quantos livros publicados? Quantos romances e quantos doutrinários?

Publicados são dezoito, além de uma participação em um livro de Orson Peter Carrara. Além desses, outros encontram-se em processo de análise e elaboração em diversas editoras, tais como Petit, Mythos e Editora EME. Do total dos livros que vieram a lume, oito são romances. Os demais têm conteúdo diverso, mas sempre pautado nas diretrizes espíritas.

Pode relacionar, por favor?

Voltou pela Lei do amor, Semeadura e Colheita, O Amor e a Multidão dos Pecados, É Impossível Morrer, Reconcilia-te primeiro, Dolorosa Colheita, Mãe Estou Aqui! e A Vida Sempre Floresce (romances), Sempre Existirá Esperança, Admirável Mundo Bom, Bom Dia Mesmo, A Cura Pela Fé, O Amor Pelos Animais, Razões para uma vida melhor, Faça sua Parte, FILHOS – Da sexualidade À Adoção, Das Drogas À Deficiência Física, Descomplicando o Espiritismo. Participação no livro Educação Do Desejo, do escritor Orson Peter Carrara.

Como são construídos os romances?

Como disse, os assuntos sempre me procuram. Muitas vezes julgo que aquilo a que dei início não se

desenvolverá, porque não consigo enxergar o meio e, muito menos, o fim. Contudo, as coisas vão se encaixando e acabam por ser concluídas. O que posso dizer é que uma ideia inicial surge e a partir dela as coisas vão acontecendo.

Desses livros todos, qual aquele que mais o marcou?

Tenho imenso amor pelos animais. Não me considero, como está em *O Livro dos Espíritos*, um deus para eles. Sinto-os como meus irmãos mais jovens a quem devo respeito e auxílio, da mesma forma como vivemos pedindo ajuda aos Espíritos superiores. Por isso, o livro *O Amor Pelos Animais*, em que desenvolvo o assunto da progressão do princípio imortal pelo reino animal em direção ao reino hominal, em homenagem a uma cachorrinha que tivemos e a quem amamos muito, foi o que mais me marcou os sentimentos.

O Descomplicando o Espiritismo, da Petit, foi vencedor do Concurso Literário PETIT 30 anos. Comente sobre a obra.

O interessante desse livro editado pela Petit é que recebi o comunicado do Concurso "Saia da Gaveta" e achei a ideia interessante. Ocorre, porém, que nada tinha nem na gaveta física e muito menos na "gaveta" mental. Por isso mesmo, esqueci o assunto. Depois de quase um mês, com o prazo para o envio do material a se esgotar, todo o conteúdo do livro surgiu-me rapidamente pela mente e o transferimos para o papel, encaminhando-o para o julgamento. Ficamos imensamente felizes com o resultado e gostaríamos que os leitores dessa obra também se sentissem da mesma forma.

O livro **FILHOS**, editado pela Mythos, como surgiu?

O livro publicado pela Mythos, que nos honrou com o prestígio dessa Editora, também não fugiu à regra. Não sei dizer como ele surgiu ou como percorremos o assunto nele contido. Esperamos, da mesma forma, que ele agrade aos leitores que nos derem o carinho da sua atenção e que esse livro possa ser útil de alguma maneira.

E sua experiência com o PONTO DE VISTA da Revista Internacional de Espiritismo?

O jornal *O Imortal*, de Cambé-PR, na figura da doce pessoa do inesquecível “paizinho” Hugo Gonçalves e *O Clarim*, através da pessoa do senhor Aparecido Belvedere, foram quem nos proporcionaram as primeiras oportunidades da publicação de nossos artigos, creio eu que pela década de noventa. A eles a nossa gratidão perene. Participar da RIE é uma honra que não merecemos e que acontece mercê da bondade desses confrades, principalmente se nos lembrarmos que dela participou o cultíssimo Wallace Leal Rodrigues a quem reverenciamos física e espiritualmente após o seu desencarne. Sinto-me atrevido em colocar a pena em órgão da imprensa espírita que teve esse baluarte entre os seus colaboradores.

Nessa facilidade e empenho em escrever, qual a experiência mais marcante de suas lembranças?

Naquilo que o autor escreve está o seu sangue, seus ossos, sua alma, está todo o seu ser num mecanismo incondicional de entrega total ao leitor de boa vontade. Quando isso é reconhecido através de alguma comunicação entre o leitor e o autor, ocorre a consumação dessa entrega, em que aquele que oferece se vê resguardado no íntimo daquele que o recebe. Tive oportunidade de ter algumas situações em que isso ocorreu e esse reconhecimento ressoa em mim como um alento para não parar.

Algo mais que gostaria de acrescentar?

Só tenho a agradecer a todas as Editoras que nos dão oportunidade de sair de nós mesmos e realizarmos o mecanismo de entrega aos leitores, mesmo que nossa parcela seja a mais ínfima de todas. É do pequeno que um dia surge o grande. É do pouco, muito pouco, que um dia surge algo maior. Sem essas oportunidades viveríamos egoisticamente nossas meditações por mais simples que elas sejam e menor valor que possam conter.

Suas palavras finais.

Meu amigo, minha amiga, abrace o seu tesouro real que é o tempo presente. Do passado só traga as lições. Deixe o fel da derrota entregue ao esquecimento do tempo. Do futuro, contemple o aceno da esperança em dias melhores. Mas o nosso tempo real é o presente. O passado já se foi. O futuro quem sabe se existirá? Mas o momento do agora é concreto, é o real. Agarre-se a ele e faça de cada dia um hino de realizações de um homem melhor que quer e realiza em si mesmo a parcela de um mundo novo onde o Amor seja um sol perene e onde o ódio seja apenas um sonho mau que nunca mais irá voltar. Muita paz!

Após a publicação da entrevista, ou seja, de 2015 até a presente data, Ricardo Orestes Forni publicou os seguintes livros:

– no gênero romance: O Anjo Da Guarda (EME), Triângulo de Paixões (Mithos), A Aprendiz Do Amor (Petit), As Propostas do Amor (IDE), O Amor Prossegue (EME), Elos de Ódio (EME), O Ódio e o Tempo (EME);

– em outros gêneros: Sorria, você já é feliz (EME), Herdeiros da Imortalidade (EME), Conheceréis a Verdade

(EME) e o último: Chico, histórias e lições (EME), além da participação nos livros O Veterinário de Deus (EME) e Fome De Quê (EME).

No curso da atual pandemia, ele vem participando de um encontro virtual local regional aos domingos para o estudo da Doutrina Espírita e, semanalmente, do grupo Luz e Paz.

A direção da EVOC

Trocando ideias

Creio que o leitor merece uma explicação sobre o título. Não somente sobre o título, mas sobre cada tópico do conteúdo. Afinal, cada livro nasce também em função da pessoa que possa apreciá-lo e quanto melhor explicado for, tanto melhor para se alcançar o objetivo da utilidade do que se escreve.

Pois bem. *Trocando ideias* surgiu ao refletirmos sobre o silêncio de Jesus quando indagado pela triste figura de Pilatos sobre o que era a Verdade.

Ora, a Verdade absoluta e infinita é Deus! E os Espíritos deixaram bem claro na questão de número dez do *Livro Dos Espíritos* que o homem não pode compreender a natureza íntima do Criador. Portanto, a que distância estaremos de compreender o que seja a verdade da existência, tanto quanto em relação à Verdade sobre a qual Jesus preferiu o silêncio na presença de Pilatos?

Por essas poucas colocações resolvemos nomear como título desse livro *Trocando ideias*, para que fique bem claro que em nenhuma de suas frases ou parágrafos tivemos a distante pretensão de esgotar qualquer assunto ou de ser, como é hábito expressar, donos da verdade.

Estamos apenas trocando ideias.

Quando trocamos ideias ficamos abertos para a concordância do que está sendo exposto, também como para a discordância de parte ou tudo sobre o que vai ser discorrido. É dos embates construtivos que evoluímos e nos aprofundamos em direção aos porquês da existência.

O importante é darmos sempre um passo à frente desprovidos de orgulho e de egoísmo em busca da luz interior retirando-a de debaixo do alqueire como Ele nos recomendou.

Como somos observados pelas Leis do Pai de acordo com as nossas reais intenções, estamos de consciência tranquila para convidá-lo a trocar ideias conosco no transcorrer das páginas desse pequeno apanhado de colocações, concordando ou discordando de cada uma delas, mas sempre caminhando em busca da Verdade possível de ser conquistada.

Se você concordar e estivermos certos, estaremos dando um passo a mais em direção ao objetivo de todo Espírito imortal que é de se integrar cada vez mais na Obra da Criação.

Se discordar e estiver certo, da mesma forma nos alegraremos e buscaremos segui-lo em busca do conhecimento indispensável ao nosso progresso como seres imortais.

Vós sois deuses! – disse-nos Jesus. Tomando desse norte definido pelo nosso Mestre e Senhor, fica a proposta de trocarmos ideias em caminhada determinada para aproximarmo-nos D'Ele e da Verdade.

Ricardo Orestes Forni

O sonho da lagarta

Escrevo essa página três dias depois da desencarnação do meu filho. O coração ainda sangra. A alma dói porque, ao contrário do que muitos pensam, o espírita não é feito de bloco de mármore. Se existe amor, é natural que exista a dor e as lágrimas. Só a revolta, a blasfêmia e o questionamento a Deus é que não comportam espaço na concepção do espírita. Estou tendo forças, às duras penas evidentemente, a quem me pergunta sobre a “perda” do meu filho para responder que não o perdi, apenas o devolvi ao verdadeiro “dono”, Senhor de nossas vidas que é Deus.

No velório do corpo me surgiu essa concepção a quem dei o nome de “sonho da lagarta” e reparto com você desejando que nunca passe pela mesma experiência.

Uma velha lagarta se rastejava pesadamente sobre o chão duro do terreno onde passava as horas do seu dia. Tinha dores pelo corpo à semelhança da pessoa idosa que desenvolve o processo de inflamações e desgastes das articulações (juntas) do corpo e que dificulta a marcha, impondo muitas vezes, além da dificuldade para se locomover, o processo de dor crônica que limita e transtorna os hábitos do dia a dia.

A velha lagarta de alguns dias de vida que para ela semelhava a um longo tempo de existência se deslocava em direção a uma árvore que servia-lhe o alimento através de suas folhas verdes.

Arrastando-se pelo chão sujo e duro o animal reclamava:

– Ô vida dura, meu Deus! Tenho dificuldade para andar e ainda preciso subir novamente na velha árvore para comer as mesmas folhas amargas de sempre! Ô vida! Se é que isso pode ser chamado de vida!

Nisso, passou uma linda borboleta que parecia dançar um balé formoso deslizando pela brisa com o auxílio de asas coloridas e belas.

A velha lagarta, com dificuldade, moveu o pescoço para cima e teve tempo de contemplar o voo belíssimo da companheira alada.

Isso aumentou o sofrimento dela que retornou às suas reclamações.

– Essa voadora que vai para onde quer é a prova de que minha vida é muito ruim! Seria melhor não existir do que viver como vivo! Não é justo que eu rasteje enquanto ela é a princesa do ar!

Para piorar ainda mais as queixas da lagarta, a borboleta pousou numa bela flor recentemente aberta em um galho que se estendia como a oferecer-lhe a saudável refeição. O animal alado introduziu sua trompa no interior da flor e sorveu o néctar dos “deuses”!

A lagarta não perdeu tempo e retornou recheando ainda mais de amargura as suas queixas:

– Essa vida não é justa mesmo! Eu tenho que comer essas folhas amargas depois de me arrastar pelo chão e subir nas árvores. Enquanto isso, ela se alimenta das flores que ela alcança voando e longe do chão imundo! Onde está a justiça dessa vida?!

Depois de se alojar com muita dificuldade próxima à folha que lhe serviria de alimento, ela ouviu uma voz grave

e pausada que vinha do alto da árvore:

– Minha filha, você acredita que um dia alçará voo como a borboleta que acabou de contemplar?

A lagarta assustada por não entender a origem daquela voz misteriosa, indagou:

– Quem conversa comigo e tenta me iludir com tamanho sonho? Como posso acreditar que um ser que rasteja como eu, um dia poderá voar?! Como acreditar que um dia largarei essas folhas amargas como alimento em troca do néctar de uma flor?! Oh! Não! Isso não é verdade! Encerrarei meus dias arrastando-me e amargando essa vida injusta!

– Então, minha amiga, não crê nisso? – insistiu a voz desconhecida para a lagarta.

– É claro que não! Isso é um absurdo! Se acreditasse nisso, estaria completamente fora do meu juízo!

– Mesmo assim, que a Lei seja cumprida! – completou a mesma voz grave que parecei vir da parte mais alta da árvore onde a lagarta se instalara.

Ela ainda tentou levantar a cabeça com grande dificuldade para ver se conseguia localizar a origem daquelas palavras, sem conseguir. Acomodou-se da melhor maneira possível no galho em que se dependurara.

Estranhamente começou a sentir um sono muito grande que foi vencendo suas forças em permanecer desperta. Acabou entregando-se a ele.

Lentamente foi adormecendo e começou a sonhar com a beleza e o voo da borboleta.

Enquanto sonhava, porém, do seu corpo foi se

desprendendo fios de prata que se enroscavam em pequenos gravetos aqui, ali e acolá.

A lagarta não percebeu, mas acabou aprisionada numa espécie de cárcere construído pelos fios e gravetos.

Depois de um determinado tempo de Deus, ela despertou assustada! Sua barriga grande e mole com a qual se arrastava no chão para caminhar havia desaparecido.

– Como vou fazer para me locomover agora?! – perguntou aflita. E começou a se agitar dentro daquela prisão escura.

De repente percebeu que do corpo antes disforme partiam duas espécies de braços como se fossem... como se fossem asas!

Sim! Parecia ter asas como da bela borboleta! Seu corpo gordo tornara-se esguio como se usasse um antigo espartilho das mulheres dos séculos passados!

Agitou-se ainda mais procurando pela liberdade de movimento. Não queria ficar presa naquele lugar estranho.

Agitou-se tanto que acabou despencando da prisão e, para seu enorme espanto, começou a se erguer no ar! Liberdade! Liberdade nunca antes conhecida! Liberdade nunca antes sonhada! Tinha asas e cores belíssimas! Seu corpo era bem definido. Ao invés de mastigar, tinha meios de sugar o néctar das flores! Não precisava mais amargar as folhas verdes como alimento. Agitou as asas e ganhou mais altura. Sentiu que bailava no ar!

Lembrou-se da voz! Era verdade! Ela já não era mais a lagarta informe. Tudo mudara para melhor! Ela, agora, era uma belíssima borboleta! O ar ganhara mais uma bailarina

e as flores mais uma visitante!

Como disse no início, essa versão da lagarta e da borboleta surgiu no velório do meu filho que estava no casulo do corpo físico como todos os encarnados estão.

Entretanto, creiamos ou não na “Voz”, um dia sairemos desse local para “voar” em direção para regiões sublimes onde imperam a paz e a felicidade plenas. Um dia seremos “bailarinos” a esvoaçar entre as estrelas e cultivar o amor por entre os raios de prata do luar!

Lembro-me de coração sangrando desse filho e envio mentalmente a ele esta visão que a Vida nos apresenta sobre *O sonho da lagarta*.

Não te perdemos, apenas tu voltaste antes para a verdadeira dimensão da Vida imortal.

Voltaremos a nos encontrar porque é da Lei!

Voltaremos a nos encontrar porque somos imortais.

Voltaremos a nos encontrar porque somos bailarinos da eternidade.

Então, até lá meu filho! Que a misericórdia de Deus te acolha nos braços como um dia te tivemos nos nossos.

Quando da vontade do Pai, nos encontraremos no brilho das estrelas e na poesia do luar!

O frasco de perfume

Célia era uma senhora sexagenária com uma boa quota de trabalho na Doutrina espírita em favor de encarnados e desencarnados sofredores.

Os cabelos grisalhos mesclados nas cores branco e cinza emprestavam um ar de respeito ao rosto que sempre abrigava um sorriso acolhedor, antes mesmo que as palavras de consolo fossem pronunciadas.

Ao lado da sua residência morava uma vizinha chamada Margarida um pouco mais nova que lutara com grandes dificuldades financeiras para criar o filho, abandonada que fora pelo companheiro que preferiu partir em busca de aventuras logo nos primeiros anos do compromisso assumido.

O filho moço, razão de viver daquela mãe lutadora, desencarnara havia poucos dias de acidente automobilístico.

Márcio – esse era o nome dele – começara trabalhar bem cedo para auxiliar a mãe nas despesas de casa. Com o auxílio da progenitora comprara uma moto de terceira mão para deslocar-se até o serviço que ficava a uma boa distância da residência. Jamais utilizava o veículo para o divertimento próprio já que entendia a responsabilidade que a vida depositara em seu lar desde sua adolescência.

Era, para resumir, o filho muito bem equilibrado e cômico de suas obrigações que toda mãe desejaria. Bem afeiçoado fisicamente, evitava mesmo o namoro para que não se comprometesse e nem ocupasse o tempo de moça

nenhuma enquanto não tivesse as condições para compromissos mais sérios.

Contudo, o acidente acontecera com total isenção de culpa desse jovem já que dirigindo com todo cuidado que se deve ter no trânsito, foi atingido por um veículo desgovernado que tinha ao volante um motorista embriagado.

Dessas tragédias em que só encontramos explicações e consolo nos ensinamentos espíritas.

Acontece que a mãe de Márcio não tinha nenhuma noção de espiritualidade de acordo com as orientações doutrinárias do espiritismo.

Célia sensibilizada e entristecida pela dor de Margarida, pediu auxílio aos Espíritos amigos para que fosse portadora de algum bálsamo para aquele coração materno que enfrentava a maior das dores que pode se abater sobre um ser humano, principalmente quando a ideia da morte implica em um final irreversível e a separação do ser amado para todo sempre ou por um período indefinido que exacerbava ainda mais os sofrimentos.

Pensou por algum tempo e decidiu comprar um frasco de perfume, mas teve o cuidado de escolher um vidro que não tivesse nenhum atrativo externo.

Logo em seguida dirigiu-se ao lar ferido pela fatalidade da existência.

Bateu à porta que demorou ser aberta. Enquanto aguardava ouviu o choro do coração materno que se desfazia com a partida do ente querido, razão de todas as suas lutas até então.

Enfim, após alguns minutos e novas batidas na porta,

ela foi aberta e a figura transfigurada pela dor naquela face de mãe surgiu à frente de Célia que não disse nada no primeiro impacto, apenas abraçando forte e ternamente sua vizinha. Um abraço prolongado como se através dele pudesse transmitir toda a solidariedade que o mundo possuísse.

– Perdi meu filho, Célia! – afirmou a mãe de Márcio que desabou em choro convulso após essas palavras.

– Minha amiga! Venho abraçá-la como a uma querida irmã em Deus. Permita-me alguns minutos junto ao seu lar e ao seu coração.

Margarida não respondeu, apenas apontou com as mãos para que ela entrasse no lar humilde.

Poucas peças de mobília encontravam-se espalhadas pela sala. Uma mesa pequena com lugar apenas para quatro pessoas e duas poltronas envelhecidas completava a decoração. Do grande vitrô pendia silenciosamente uma cortina de tecido muito simples como a se oferecer para enxugar tantas lágrimas que banhavam aquele lar.

Célia acomodou-se em uma das poltronas enquanto a vizinha repetia mais uma vez em palavras que o pranto entrecortava:

– Pois é, Célia! Perdi meu filho!

Célia que segurava o vidro de perfume que adquirira nas mãos, colocou:

– Minha amiga! Trouxe-lhe um presente para ajudá-la em tão difícil situação.

E estendeu o vidro para a mãe de Márcio.

Margarida pegou o objeto sem demonstrar nenhum

interesse em saber do que se tratava e depositou sobre a mesa.

– Desculpe, Célia. Depois eu abro. Agora não estou em condições.

– Se for possível abrir agora, eu agradeceria muito minha amiga. – retornou Célia ao diálogo.

– Mas... Mas... – balbuciou a mãe de Márcio não querendo ser grosseira e indelicada para com a vizinha que parecia estar fora de si.

– Abra minha irmã! Abra, eu te peço por favor. – insistiu Célia.

Sem a mínima vontade e somente para não ser mal educada, Margarida pegou o pacote pequeno e dele retirou um pequeno frasco de perfume alimentando o pensamento de que “esses espíritas” realmente não tinham a mente em ordem.

– Agora, se não for muita insistência da minha parte, peço-lhe o favor de que aspire o perfume minha amiga. Só por um segundo. Por favor! Faça isso por mim.

A mãe de Márcio novamente atendeu ao pedido de Célia, retirou a pequena tampa do frasco e colocou, com um pequeno toque, uma porção da fragrância no dorso de sua mão esquerda. Na verdade Margarida queria que ela fosse embora, sumisse de sua frente com aquelas atitudes. Mas, como Célia sempre demonstrara ser uma pessoa extremamente boa, conseguiu conter-se.

– Me responda só a uma pergunta e eu prometo que irei embora e deixarei de importuná-la nesse momento em que você experimenta a maior das dores minha amiga. – ponderou Célia.

A mãe de Márcio, sem nada entender, segurando-se para não explodir com aquela atitude e, até mesmo achando que a vizinha enlouquecera, fez um sinal afirmativo com a cabeça e aguardou a pergunta sem o mínimo interesse.

– Gostou do aroma, minha querida irmã?

– Sim. É muito bom. – conseguiu balbuciar sem nenhum entusiasmo a mãe sofredora.

– Percebeu que o vidro não é o responsável pelo aroma, mas sim a fragrância que está em seu interior, não é mesmo?

Com novo esforço a mãe de Márcio conseguiu movimentar a cabeça afirmativamente.

Incontinenti, Célia deixou o frasco que voltara às suas mãos cair sobre o chão e quebrar-se por inteiro. O aroma extremamente agradável inundou o ambiente onde as duas se encontravam.

A mãe do rapaz recém-desencarnado olhou com extremo espanto para a vizinha convencida de que ela enlouquecera.

Movimentou os lábios para demonstrar toda a sua indignação contida até então, mas antes que pronunciasse qualquer palavra, Célia começou a explicar:

– Pois então! O Márcio é o perfume minha irmã. O corpo é o vidro que o contém. Você não perdeu seu filho. O “frasco” do corpo “partiu-se” de encontro ao chão quando ocorreu o acidente, mas o delicioso perfume continua minha irmã! Você perdeu o frasco, mas não o perfume. Quando nosso lar é abençoado pela presença de um filho, nós confeccionamos um corpo, mas o perfume que é o

Espírito imortal vem de Deus! Márcio não se desfez. Continua perfumando sua vida que não tem fim exatamente como a dele, através das lembranças amáveis que ficarão para sempre em seu coração e a aguardá-la para o reencontro certo entre aqueles que verdadeiramente se amam. O perfume dele continuará abençoando seus dias através de sua memória, do seu coração e, quando o “frasco” do seu corpo se quebrar como acontece com todos nós que estamos nesse mundo da matéria, ocorrerá o encontro entre o “perfume” da mãe que continua a amar com o “perfume” do filho que abençoou a sua existência atual e poderão caminhar juntos espalhando o aroma de Deus pelos mais variados caminhos da vida imortal!

Ditas essas palavras, Célia se aproximou novamente de Margarida e a envolveu outra vez num abraço de real fraternidade que existe em todo aquele que consegue sentir, verdadeiramente, a dor do seu semelhante.

Margarida inspirou profundamente o ar ambiente como se tentasse sentir o aroma da imortalidade do filho querido que a amiga espírita havia sugerido!

Meu Deus! Meu Deus!

Meu Deus! Meu Deus!

Por que me abandonaste?

Por que estás tão longe de salvar-me,

Tão longe dos meus gritos de angústia?

Está acima o Salmo 22 que, segundo a profecia, o Messias enviado por Deus haveria de enunciar no alto da cruz nos momentos de profunda angústia que atingiria o Embaixador supremo do Criador perante os homens do planeta Terra.

Na época em que Jesus esteve encarnado entre os homens, existiam muitas figuras que se apresentavam como profetas. Por isso, aquele que seria o verdadeiro e único enviado de Deus haveria de apresentar uma espécie de credencial para que fosse reconhecido, credencial essa anunciada séculos antes de sua vinda em corpo físico até a humanidade.

Podemos citar, de passagem, o batismo de Jesus nas águas do rio Jordão por João Batista. João ficou espantado ao ver Aquele a quem ele, João, não tinha o mérito de desatar os nós de suas sandálias, à sua frente pedindo para ser batizado! As Escrituras anunciavam dessa maneira. Jesus pretendia com isso se revelar como o Messias esperado e não apenas dizer que ele era o próprio enviado, fornecendo mais esse sinal aos homens daquele tempo.

Mas, retornando à nossa troca de ideias, por que teria Jesus pronunciado essas palavras do salmo 22 nos seus momentos finais do suplício na cruz?

Sempre lembrando que, absolutamente, não estamos a excluir outras interpretações. Estamos apenas trocando ideias.

Então, vamos lá.

Jesus falava o aramaico que era um dialeto da Judeia. Portanto, Ele ensinava nesse dialeto durante o tempo em que ficou vivendo e proporcionando ensinamentos às pessoas a sua volta.

Acontece que, no alto da cruz, Jesus repetiu o salmo 22 em hebraico!

Qual teria sido a intenção D'Ele que sempre ensinou falando o aramaico?

Uma hipótese interessante, muito interessante mesmo, é de que Jesus mandava um recado para os sacerdotes do Templo que falavam o hebraico! Perceberam?

Se Jesus recitasse o salmo 22 em aramaico, os sacerdotes poderiam alegar que havia faltado a Jesus essa prova para que Ele fosse considerado o verdadeiro Messias!

Falando em hebraico não deixava nenhuma dúvida. Era realmente Ele o representante máximo de Deus junto aos homens.

Jesus como que passava mais um *recibo* sobre a sua identidade espiritual conforme anunciavam as escrituras.

Outras explicações existem sobre esse momento da cruz como a possibilidade de Jesus estar ensinando mais

alguma coisa aos homens daquela época e de outras eras. Mas, como Ele sempre ensinou em aramaico, acreditamos que se fosse deixar mais alguma lição nesse momento crucial da sua existência física, continuaria a ensinar em aramaico, não havendo necessidade de falar em hebraico.

Foi um recado com endereço certo. E esse endereço certo era para os sacerdotes do povo judeu.

Mas, calma! Como estamos apenas trocando ideias, registramos essa hipótese, ficando cada um com o total e absoluto direito em concordar ou não.

Trocar ideias não é, em absoluto, impor opiniões.

Espírita gosta de sofrer!

Espírita gosta de sofrer ou sofre com gosto?

Confuso? Pois é! Não sei de onde tiram determinados conceitos sobre os espíritas.

Muitas poucas pessoas, talvez por um julgamento brando, vejam nos espíritas um ser humano pretensamente mais evoluído do que os outros.

Muitos afirmam isso por ironia, por citarem que os espíritas vivem falando em sofrimento e procurando se consolar com explicações estapafúrdias no julgamento dessas pessoas, baseando-se os espíritas em vidas passadas, quando não em causas do presente momento.

Seja lá como for, fiquemos meditando entre a gente, espíritas, sobre a afirmativa acima.

Então, como ficamos: gostamos de sofrer ou sofremos com gosto?

Como fomos criados por Deus para sermos felizes, nenhum ser humano gosta de sofrer, creio eu.

Sendo o espírita também um ser humano e com o mesmo destino de todas as criaturas do Senhor do Universo, também não gosta de sofrer.

Aliás, na questão de número 614 de *O Livro Dos Espíritos*, é colocada de maneira muito clara que o homem somente sofre quando se afasta das Leis de Deus. Ou seja, sendo o Pai sinônimo de Amor, Ele também não destinou sofrimento a nenhum dos seus filhos. O sofrimento é

consequência educativa do afastamento das Leis de Amor que regem o Universo. Se preferirem, que regem os multiversos já que, segundo alguns autores, existem vários Universos.

Mas, em resumo, o espírita então também não gosta de sofrer.

Mas sofre com gosto?

Aí a coisa muda de figura.

Se interpretarmos ao *pé da letra* a afirmativa, a resposta é não!

Mas se procuramos o sentido velado, a resposta é sim. O espírita sofre com gosto! Sim! Sofre com gosto porque entende a dor como mensageira de algo bom para o Espírito imortal, embora não o seja para o homem que se inicia no berço e termina no túmulo. A dor é o degrau da escada que nos permite escalar paulatinamente do átomo ao Arcanjo!

E como aprendemos que o sofrimento só traz todo o seu ensinamento quando não sofremos revoltados, procuramos sofrer com gosto, ou seja, longe da revolta, da blasfêmia, para que todo ensinamento de que a dor é mensageira chegue de forma plena a cada um de nós.

Quantos exemplos magníficos temos nos grandes vultos da humanidade que passaram pelo sofrimento de maneira tão grandiosa, deixando-nos lições imortais!

Citar nomes é correr o grande risco de não fazer justiça a esses vultos.

Mas, como estamos muito distantes da perfeição possível de ser alcançada, vamos correr o risco, errando

com certeza, mas movidos pela boa intenção.

Francisco de Assis, Allan Kardec, Chico Xavier, Madre Teresa de Calcutá, Irmã Dulce, Albert Schweitzer, Martin Luther King Jr., Mahatma Gandhi, os primeiros mártires do Cristianismo que eram barbarizados de muitas maneiras pela maldade dos dominadores da época e tantos outros que a sua memória quiser incluir nessa lista que se estenderá para muito longe.

Diante dessa realidade, oremos pedindo ao Senhor da Vida que nos dê sempre forças para que cada vez mais, embora não gostando de sofrer, soframos com gosto até o dia em que libertos das nossas mazelas íntimas, possamos ingressar no reino dos bem-aventurados!

Sofrer no umbral e na Terra, por quê?

Como não gostamos de sofrer, vivemos advogando em nossa defesa para nos livrarmos das dores, dos problemas. É muito válido não gostarmos do sofrimento porque não fomos criados por Deus com esse objetivo. O problema é que não nos lembramos de nos prevenir contra o sofrimento quando fazemos ao próximo o que não gostaríamos que o próximo nos fizesse. Nesse momento lamentável de nossa existência é que marcamos encontro com as lições necessárias ao nosso crescimento espiritual.

Daí é que surge pergunta como essa: se o Espírito já sofre no mundo espiritual nas regiões em que estagia por consequência de sua sementeira, ainda tem que reencarnar e sofrer também no corpo físico? O sofrimento do umbral não teria sido suficiente perante a misericórdia de Deus?

Vamos trocar ideias sobre esse ponto.

Para os espíritas, o sofrimento não se trata de punição. Esse conceito precisamos não perder de vista na interpretação dos acontecimentos do dia a dia.

O Deus bravo, irado, vingativo que mandava passar os inimigos derrotados a fio de espada, o Deus que tinha um povo preferido ensinado por Moisés, teve esse conceito modificado com a vinda de Jesus que nos apresentou um Deus que é Amor e que é Pai de todas as suas criaturas!

Portanto, conhecemos a partir da vinda do Governador do planeta Terra, esse Deus que é infinitamente doce, misericordioso, que não dá um pedaço de pedra a um filho

que lhe peça um naco de pão.

Entretanto, como acontece conosco aqui na Terra quando temos a responsabilidade de educar nossos filhos e educar não é transmitir conhecimento que as escolas proporcionam, mas sim formar o caráter desses filhos, muito mais haverá de fazer o mesmo o Criador.

Por isso, Deus educa o filho imortal que Ele num ato de estremado amor colocou na vida imortal. Não pune. O sofrimento tem a função educativa para nos conduzir à perfeição que podemos atingir, quando então mergulharemos na felicidade e na paz absolutas que ainda sequer conseguimos conceber.

Sofremos quando nos afastamos das Leis de Amor que reinam no Universo. Deus não envia a dor em nossa busca como se fôssemos foragidos que precisam ser encontrados e punidos. Não! A consciência endividada gera em si mesmo o sentimento de remorso que deve evoluir para o arrependimento das faltas cometidas e que acabam por solicitar das Leis misericordiosas novas oportunidades para reparar o mal cometido. O remorso é um sentimento destrutivo. É preciso muito cuidado com ele. Já o arrependimento é o chamado sempre ouvido de um coração que deseja modificar-se para melhor, constituindo-se num sentimento sempre bem-vindo aos olhos dos Espíritos que assessoram nossa caminhada evolutiva.

A função do sofrimento no umbral é proporcionar o arrependimento para que possamos reiniciar nosso prosseguimento em direção a Deus.

Prova disso são os servos da legião de Maria que percorrem constantemente o vale dos suicidas em busca daqueles que alcançaram o verdadeiro arrependimento. Contam-nos os Espíritos que esses servos lançam redes

luminosas em direção aos sofredores que se agarram nelas para sair daquele local. Quando o arrependimento é verdadeiro são dali retirados e conduzidos para o devido tratamento e novas oportunidades de recomeçar. Quando o arrependimento ainda não trabalhou o Espírito de maneira suficiente, as redes se rompem e o sofredor permanece naquele local pelo tempo necessário para reiniciar sua recuperação.

Pois bem. Se aqueles que vão para o umbral já sofrem naquele local até arrependem-se verdadeiramente, por que então é necessário retornar a uma nova reencarnação e enfrentar o sofrimento novamente? Se o Espírito já se arrependeu nas regiões umbralinas não poderia continuar sua evolução na dimensão espiritual? Por que a necessidade de voltar a um novo corpo e enfrentar outros sofrimentos?

Vamos tomar o exemplo da escola aqui da Terra. Os alunos recebem as lições durante certo período de tempo e depois são submetidos às provas para que o professor observe se realmente aprenderam as lições administradas.

Deus sendo onisciente não precisa provar nenhum Espírito. Ele conhece sua criatura na mais profunda da sua intimidade. Contudo, o Espírito necessita verificar se realmente progrediu para que sua consciência conquiste a paz continuando sua marcha evolutiva.

Se sofreu no umbral e alcançou o arrependimento necessário, cabe agora enfrentar situações que levem à prova esse arrependimento e o desejo de modificar-se realmente. É a associação da teoria à prática. É a necessidade de reparar o deslize cometido ferindo o direito do semelhante. Precisamos retornar ao local onde falimos para um novo teste. Alcançou o arrependimento sofrendo

no umbral e, agora, vai testar se aprendeu as lições experimentadas nas regiões de meditação profunda, da mesma maneira que o aluno enfrenta a prova para avaliar o seu aprendizado. E essa realidade não é para provar para Deus se realmente melhoramos porque Ele já sabe, mas para provar a nós mesmos essa nova realidade. Dessa maneira vamos nos firmando em nossa caminhada evolutiva e nos aproximando cada vez mais da perfeição que nos aguarda.

E tem outro detalhe: não voltamos ao mundo físico sozinhos. Somos acompanhados pelo nosso Espírito guia, nosso anjo de guarda e pelos amigos encarnados que retornam conosco dentro do lar ou próximo a ele. É evidente que dentro de nossa casa aqui na Terra retornam também aqueles a quem devemos, exatamente para ver se as lições aprendidas na dimensão espiritual foram realmente capazes de nos reformar intimamente. Como conferir um certificado de término bem-sucedido de um curso ao aluno que não passou pelas provas necessárias demonstrando o conhecimento das lições que recebeu?

No umbral sofremos a dor interior que se constitui no “inferno” particular de cada um para caminhar em direção à paz e a felicidade plenas que representam o “céu” particular de cada pessoa.

O sofrimento educativo que experimentamos nas regiões transitórias da dimensão espiritual precisa ser confirmado para o bem da nossa consciência em novas reencarnações onde experimentaremos encontros e reencontros com nossos semelhantes para colocar à prova o quanto melhoramos, o quanto evoluímos. É diante dos convites do mundo material que colocamos à prova o aprendizado conquistado na dimensão espiritual.

Sofremos no umbral para nos abirmos às lições necessárias à modificação de nossas atitudes e somente sofreremos aqui na Terra se não tivermos realmente incorporado as lições recebidas na dimensão espiritual, o que nos levará a reincidir no erro e ao nosso afastamento das Leis de Deus.

Está em nossas mãos abandonarmos a companhia tão indesejável das dores que nos visitam. Para alcançarmos essa realidade, atentemos ao alerta de Jesus quando socorria as pessoas convidando-as a não pecar mais.

Pecar para nós espíritas é fazer a outrem o que não gostaríamos que nos fizessem. Pecar é macular as Leis de Amor que vigem permeando os infinitos mundos da Casa do Pai.

Estamos trocando ideias. Mas o bom mesmo é trocar ideias com a própria consciência sem amordaçá-la ou anestesiá-la para atender aos valores do mundo.

Mundos de regeneração e mundos transitórios

Com as mudanças todas que temos visto e observado no planeta Terra, nossa atual escola das almas, é de bom alvitre recordar algumas características do mundo de regeneração e dos mundos transitórios.

Vamos nos valer da autoridade da *Revista Espírita* de 1865, mês de julho a seguir.

Suponhamos, pois, que em vez de Espíritos egoístas, a Humanidade seja, num dado tempo, formada de Espíritos imbuídos de sentimentos de caridade: em vez de buscarem prejudicar-se, eles se ajudarão mutuamente, viverão felizes e em paz. Não mais ambição de povo a povo e, portanto, não mais guerras; não mais soberanos governando ao seu bel-prazer, a justiça em vez do arbítrio, portanto não mais revoluções; não mais os fortes esmagando ou explorando o fraco; equidade voluntária em todas as transições, portanto não mais querelas e chicanas. Tal será o estado do mundo depois de sua transformação. De um mundo de expiação e de provas, de um lugar de exílio para os Espíritos imperfeitos, tornar-se-á um mundo feliz, um local de repouso para os Espíritos bons; de um mundo de punição, será um mundo de recompensa.

Nossa! Que maravilha, não? Pois é. Atente bem para essas colocações porque serão úteis na compreensão do próximo tópico que iremos abordar na página a seguir.

E agora, vamos ao mundo transitório que é outra

realidade um pouco esquecida por alguns espíritas.

Continuaremos a nos valer dos ensinamentos da *Revista Espírita*, agora do ano de 1859, mês de maio. Os ensinamentos provem do Espírito São Agostinho.

Os mundos transitórios são habitados por Espíritos errantes, ou seja, por Espíritos que ainda necessitam de reencarnar em outros mundos de acordo com a sua evolução moral. Eles são livres como aves que pousam numa ilha para refazer as forças aguardando pelo momento oportuno de seguirem rumo a outros planetas onde reencarnarão.

Sim, os Espíritos que estagiam no mundo transitório não ocupam uma veste física.

Esses mundos carecem de belezas naturais. São estéreis porque os Espíritos que os habitam de nada necessitam. Neles realizam estudos se preparando para futuras reencarnações pelas muitas moradas da Casa do Pai. Como tudo evolui na Obra da Criação Divina, esses planetas também estão sujeitos à Lei de evolução.

Como podemos observar, encarnados ou não, a evolução nos solicita ao estudo e ao trabalho sempre para que cumpramos a determinação de Deus que é a de atingirmos a perfeição possível de ser atingida.

Não sei a origem do famoso “descanse em paz” dirigido àqueles que desencarnam, mas com toda a certeza esse descanso só pode ser destinado ao corpo que retorna às suas origens e não ao Espírito que, criado pelo Pai, retorna como o filho pródigo ao seio do seu Criador com a festa da consciência do dever retamente cumprido esperando ansiosamente por ele!

Mundo de regeneração e mundo de Espíritos regenerados

Parece a mesma coisa o significado do título acima? Pode até parecer, mas não é como pretendemos trocar ideias sobre esse significado.

Os planetas criados no Universo e entregues ao comando dos Espíritos que já atingiram a perfeição máxima que pode ser atingida, também evoluem. É uma determinação divina. Consulte o capítulo III de *O Evangelho Segundo O Espiritismo*, item 19, um ensinamento de Santo Agostinho sobre essa realidade.

Dessa maneira, o planeta Terra que surgiu como um mundo primitivo evoluiu para um mundo de provas e expiações e continua a sua marcha evolutiva em direção ao mundo de regeneração.

Flagelos ocorrem como nos elucidam os Espíritos superiores com a intenção de acelerar esse progresso. Basta analisarmos a história da humanidade que frequenta essa nossa abençoada escola.

Mas, o que queremos destacar é que essa evolução é lenta, embora progressiva. Kardec já nos falava sobre os novos tempos, o caminhar da escola atual no progresso dos mundos. Aliás, a bem da verdade, somos nós os Espíritos que aqui reencarnam os autores dessa progressão de mundo de provas e expiações para um mundo de regeneração. Não é o planeta fisicamente falando que vai dar origem a um mundo regenerado. São os alunos dessa escola que irão progredindo científica e moralmente que

irão elevá-la na classificação das “muitas moradas da Casa do Pai”.

Em resumo, nos encaminhamos para um planeta de regeneração sem saltos, sem mudanças bruscas e desorganizadas. Tudo segue um planejamento de tempo muitas vezes lento, mas que não interrompe o seu caminhar para frente.

A transformação para um mundo de regeneração na realidade nasce dentro de cada Espírito vinculado ao planeta que hora habitamos. A velocidade maior ou menor está diretamente relacionada à velocidade com que conseguimos realizar a implantação do reino de Deus em nosso interior. Não existem milagres e nem segredos. Cada ser humano o constrói em mais ou menos tempo ou estaciona na conquista do mundo de regeneração. Esse mundo de regeneração pelo qual tanto ansiamos muitos aguardando erroneamente que ele venha de fora para dentro, é construído exatamente em sentido contrário. Nasce do nosso interior para fora quando cada um de seus alunos caminhar em direção do mais necessitado que pode ser auxiliado.

Reparem que a segunda colocação do título acima se refere a um mundo de Espíritos regenerados! Ou seja, os Espíritos que nele habitam já conseguiram conquistar as reformas necessárias para concretizar e consolidar o mundo de regeneração cujas características registramos no capítulo anterior.

No momento atual ainda estamos na luta contra nossas imperfeições para conquistarmos as qualidades necessárias que concretize esse mundo regenerado.

Portanto, existe uma diferença de tempo entre um mundo de regeneração e um mundo de Espíritos

regenerados quando as características do mesmo já se fizer presente na convivência entre os homens.

Para exemplificar de uma forma mais clara, imaginemos um aluno que ingressa no primeiro ano dos seus estudos básicos desejando atingir uma determinada profissão. Esse aluno somente receberá a graduação na profissão escolhida quando concluir o último ano da faculdade eleita por ele.

Nessa situação se encontra um determinado número de Espíritos vinculados ao planeta Terra. Desejam o “diploma” de Espírito regenerado, mas ainda não concluíram o curso para que isso se concretize verdadeiramente. Não fomos ainda “diplomados”! Estamos ainda realizando nosso curso penosamente. Mas dia virá em que receberemos nosso certificado de conclusão de estudo e veremos instalada na Terra as condições enumeradas no capítulo anterior quando os Espíritos nos ensinam o que encontraremos num mundo em que a regeneração já se encontra consumada.

Estamos em um número expressivo à espera desse mundo de regeneração, mas ainda há uma boa distância de um mundo de Espíritos verdadeiramente regenerados.

Queremos que seja mais rápido? Então caminhemos o mais rapidamente possível para dentro de nós mesmos em exercício que Santo Agostinho já nos ensinava no *Evangelho Segundo O Espiritismo*, no qual buscamos o mais precioso dos conhecimentos que é a arte suprema de se autoconhecer.

Quanto mais apressados estivermos em identificarmos nossas imperfeições, tanto mais rápido deixaremos de ser um planeta em direção a um mundo de regeneração para sermos verdadeiramente um planeta de Espíritos

regenerados.

A troca de ideias com respeito mútuo será uma das características de um mundo de Espíritos regenerados. Estamos conseguindo isso no livro em leitura?

Os flagelos são calendário?

O título estranho logo será explicado. Estou perguntando se você acha que os flagelos que atingem a humanidade seriam uma espécie de calendário que marcaria a data do ingresso do planeta Terra num mundo de regeneração.

Digo isso porque no meio dos espíritas, muitas pessoas tendem a interpretar um flagelo como sendo uma data a partir da qual a Terra estaria entrando na classificação de um planeta de regeneração.

A humanidade conheceu muitos flagelos, infelizmente. Eles são utilizados pela Providência divina como um meio de acelerar o progresso dos Espíritos vinculados ao planeta. Isso está muito bem explicado na questão de número 737 de *O Livro Dos Espíritos*. Seria uma espécie de empurrão de Deus para que o homem não fique estacionado em meio aos sofrimentos, fruto de sua pouca evolução e caminhe mais rápido na conquista da felicidade para a qual foi criado.

A humanidade conheceu cinco flagelos que a fustigou durante muitos anos. Alguns, por séculos.

A varíola, por exemplo, atingiu os homens por cerca de três mil anos! Foram vítimas dela para citar algumas pessoas, o faraó Ramsés II, Maria II, rainha da Inglaterra, o rei Luís XV da França, além, é evidente, de milhares de pessoas.

A peste bubônica, ou peste negra, talvez tenha sido a doença que mais matou na história da humanidade.

Dizimou a população da Europa e da Ásia no século XIV, causando a morte de 75 a 200 milhões de pessoas! É isso mesmo que você leu! Reduziu a população mundial drasticamente! E tudo isso devido à picada da pulga de roedores que inoculavam uma bactéria – *Yersinia pestis* – quando picavam para sugar o sangue. Formavam-se abscessos por todo o corpo que drenavam pus repugnante e levava a pessoa à morte sem os recursos na medicina da época.

A cólera também vitimou centena de milhares de pessoas.

No início do século XX, esteve visitando a humanidade a gripe Espanhola que causou a morte de 40 a 50 milhões de pessoas. Diga-se de passagem, que essa gripe não surgiu na Espanha, mas foi o vírus levado para a Europa durante a guerra por soldados norte-americanos.

A gripe suína, H1N1, que surgiu no México em 2009, matou 16.000 pessoas e só não fez mais vítimas porque uma vacina chegou a tempo de impedir.

Isso tudo para não adentrarmos nas tragédias das guerras!

Por exemplo, na primeira guerra mundial morreram de 20 a 30 milhões de pessoas!

Na segunda guerra mundial 70 a 85 milhões de pessoas foram vitimadas!

E isso só para citar de leve o assunto *guerras!*

Nas cruzadas em que os cristãos guerreavam contra os muçumanos faleceram de um a três milhões de pessoas.

Já imaginou então, na guerra dos Cem anos entre a

França e a Inglaterra? Cem anos de guerra, uma pessoa matando a outra! É demais, não é?

Como você já deve estar cansado de tanta tragédia, voltamos à pergunta: os flagelos seriam uma espécie de calendário para indicar quando a Terra entrará na posse da condição de um planeta de regeneração?

Em minha opinião com a qual não sei se você concordará ou não, é que não. Os flagelos não indicam uma data limite a partir da qual estaremos ingressando em um planeta de regeneração que, como já mencionamos, não está nas mudanças exteriores que possam comprometer o planeta, mas sim no interior de cada Espírito vinculado à escola da Terra e desejoso de habitar um mundo moral de melhores condições para todos.

O momento da caridade

Fora da caridade não há salvação!

Qual o espírito que já não leu ou ouviu referência sobre essa verdade ensinada pelos Espíritos Superiores?

Se quiséssemos complicar, invocaríamos a questão de número 886 de *O Livro Dos Espíritos* onde os mensageiros do Mundo Maior esclarecem que o verdadeiro sentido da palavra caridade como a entendia e praticava Jesus, é a benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas.

Não importa que ainda estejamos muito longe dessa plenitude da caridade. Temos a referência que devemos atingir um dia pelos caminhos da evolução. Devagar, muito lentamente, engatinhamos em direção a ela.

Um número determinado de Espíritos vinculados ao planeta Terra ainda não se sensibilizam para nenhum tipo de caridade.

Outra porção já pratica uma escala da caridade que vai desde darmos o que nos sobra até começarmos a aprender a doar de nós mesmos. Quando atingirmos esse estágio avançado da doação de nós mesmos, estaremos mais próximo da questão 886 mencionada pelo *Livro Dos Espíritos*.

Mas, em que momento surge a caridade em nossa vida?

Para trocarmos ideia sobre esse instante, vamos recordar a parábola do bom samaritano tão célebre e bela

do Evangelho.

Sem querer tornar-me cansativo, permita-me apenas lembrar o início dessa parábola.

Um homem que descia de Jerusalém para Jericó, caiu em poder de ladrões que o despojaram, cobriram de ferimentos e se foram, deixando-o semimorto.

Por esse local passou um sacerdote que vendo o ferido, passou adiante.

Em seguida, pela vítima do assalto, passou um levita que teve a mesma atitude do sacerdote.

Mas, um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e tendo-o visto, *foi tocado de compaixão*.

Ressaltei em itálico essas últimas palavras porque elas são a chave da nossa meditação sobre o momento da caridade.

O samaritano sentiu compaixão pelo ferido do caminho, ou seja, o samaritano se identificou com a vítima! Se não tivesse ocorrido essa sintonia, tudo o que veio depois não teria acontecido. Sem compaixão o socorrista da Samaria não teria deitado óleo e vinho nas feridas.

Se não tivesse sentido compaixão, o samaritano não teria posto o ferido sobre o seu cavalo.

Sem compaixão, o bom samaritano não o teria levado a uma hospedaria e cuidado dele.

Se não acontecesse a compaixão que é essa sintonia com a dor alheia, o samaritano não teria pego dois denários e dado ao dono da hospedaria pedindo que cuidasse do ferido até o seu regresso.

Dessa maneira fica claro que para praticarmos a caridade, principalmente aquela que nos recomenda os Espíritos como sendo a praticada por Jesus, é indispensável sentir o que o outro está sentindo em toda extensão e profundidade de sua dor. Foi o que fez o homem que descia de Jerusalém para Jericó. Sem essa sensibilidade é impossível caminharmos em direção ao aperfeiçoamento da caridade que estejamos praticando nos dias de hoje.

Esse instante mágico em que nos identificamos com a dor do próximo é o gatilho para a prática da verdadeira caridade.

Existisse a compaixão pelo semelhante e a corrupção, os mais variados tipos de crime, a impunidade e os demais fatos lamentáveis através dos quais um ser humano é capaz de ferir a outra pessoa não aconteceriam.

Me arrisco mais: existisse esse momento mágico da caridade para com a Natureza e os animais reconhecendo que tudo faz parte da obra da Criação Divina como Francisco de Assis compreendeu, tudo seria muito melhor para os homens que habitam o planeta Terra.

Porque ocorreu esse instante mágico da caridade, Jesus entregou-se a um corpo de matéria densa para nos ensinar o caminho da verdade e da vida.

Por esse instante grandioso da caridade para com nossas imperfeições, Jesus rogou o perdão de Deus para todos os seus algozes!

Os nossos flagelos

Tenho a impressão de que a pergunta número 737 do *Livro Dos Espíritos* nunca foi tão consultada como nos dias atuais de pandemia.

Com que objetivo Deus atinge a Humanidade por meio de flagelos destruidores? – indaga Kardec.

Para fazê-la avançar mais depressa. – respondem os Espíritos.

Pronto! Respiramos aliviados! Bem, não tão aliviados assim com a ausência de tratamento comprovado cientificamente e um tempo que é uma interrogação para o surgimento de uma vacina eficaz muito esperada como a mais benfazeja visita à Humanidade.

Parece que estamos a repetir dose semelhante de ansiedade quando a AIDS começou a ceifar as suas primeiras centenas de vidas nos Estados Unidos da América, espalhando progressivamente seus tentáculos para outras partes do mundo.

Quando em meados da década de oitenta do século passado surgiu o AZT, aconteceu uma corrida desesperada de pessoas contaminadas atrás dessa medicação que proporcionava um alívio passageiro à crueldade da moléstia que chegou a ser conhecida como um “castigo de Deus”. Obviamente que esse raciocínio demonstra esclarecer a bondade e a misericórdia do Pai que jamais criaria filhos para destiná-los ao sofrimento quando o objetivo é atingir a felicidade e paz absoluta colhida pela perfeição a que todos temos direito.

Recuando ainda mais no tempo vamos encontrar a epidemia da peste negra que, por coincidência, surgiu na China no século XIV e esparramou para a Europa vitimando em toda a Eurásia aproximadamente de 75 a 200 milhões de pessoas! Essa grave enfermidade pelos escassos recursos da medicina da época, era transmitida pela pulga de roedores que introduziam no corpo da vítima uma bactéria, a *Yersinia pestis*, que fazia eclodir no corpo vários pontos de necrose dos tecidos levando inexoravelmente a pessoa à morte em grande sofrimento. Tudo fruto de uma caça aos gatos por serem considerados como a imagem do “diabo”. Mortos os felinos, os ratos se reproduziram sem controle e, junto com eles, as pulgas agentes da peste negra.

Ainda bem que a paciência do Criador é infinita como tudo Nele!

Nesses tempos atuais Ele é muito lembrado como o autorizador dessa pandemia que está a ceifar vidas e a paz de número incontável de pessoas sobre o planeta Terra.

E a pergunta de Kardec se repete de maneiras diferentes nas mais diversas vozes, nos mais distantes rincões: por que, por que, meu Deus?!

Quando nosso alvo na atualidade diante dessa pandemia se volta para o Criador, uma pergunta se impõe: e os flagelos destruidores impostos pelo homem ao próprio homem, acaso nunca existiram?

Vamos recordar alguns exemplos desse fato.

A primeira guerra mundial no século XX ceifou a vida de aproximadamente vinte a trinta milhões de pessoas! Exercício do livre arbítrio do próprio homem orgulhoso promovendo flagelos!

Na segunda guerra mundial nesse mesmo século ceifou a existência de aproximadamente setenta a oitenta milhões de pessoas! Novamente o livre arbítrio do homem egoísta em ação dando azo a novo flagelo!

Acredita-se que as guerras levadas a efeito nas Cruzadas consumiram cerca de um a três milhões de vidas! De novo o livre arbítrio do ser humano dando origem a flagelos destruidores.

Quantos não padeceram na época da Inquisição?

Esses poucos flagelos mencionados impostos pelo homem ao próprio semelhante, tem um “simples” detalhe: todos poderiam ser evitados se o homem não fosse portador de dose imensa de orgulho, vaidade, egoísmo, fruto do desamor que abriga dentro de si!

De tal maneira que, esses flagelos que correm por conta e iniciativa do ser humano contra outro semelhante, clamam por um equilíbrio que a Providência Divina providencia para educar o ser imortal.

Mas o flagelo atual, o coronavírus, tem uma característica interessante! A Humanidade está se abraçando no momento de dor.

Se não ficou claro, vamos esclarecer com outro exemplo.

O tsunami no oceano Índico em 2.004 junto com um terremoto que atingiu a Índia, a Tailândia e outros países, ceifou a vida física de dois milhões de pessoas! O sentimento foi o mesmo que estamos a sentir agora? Ou aquelas pessoas estavam muito distantes de nós para nos sensibilizarmos?

Em 2010 o terremoto no Haiti promoveu o desencarne

de um milhão de pessoas! Sentimos na mesma intensidade como estamos a sentir nessa pandemia a perda de existências preciosas? Ou as vítimas estavam muito distantes de onde estamos na atualidade e, por isso mesmo, não nos comovemos?

Então, essa dor atual que o vírus trouxe é muito especial porque nos faz abraçar aqueles que estão do outro lado do mundo, mas dentro do mesmo barco!

O ser humano se une, troca experiências, soma esforços para que a ciência traga algum alívio a tão terrível mal.

É exatamente dessa maneira que Deus nos educa para podermos avançar mais depressa rumo a um planeta de regeneração.

O banimento e a misericórdia

Todo Espírito encarnado que acredita na necessidade da evolução moral para que possa continuar a habitar o planeta Terra em marcha para um planeta de regeneração, estará a meditar sobre essa realidade motivado pela pandemia atual, formulando uma pergunta para si mesmo em relação ao direito de retornar a essa escola abençoada de almas, embora a pequenez material desse orbe em relação ao Universo.

Valemo-nos dos ensinamentos de Kardec contidos na *Revista Espírita* de 1866, mês de outubro.

Referimo-nos linhas antes à pandemia do coronavírus, mas temos que observar que Kardec deixa claro que “os tempos chegados” não se caracterizarão por um novo dilúvio, nem um cataclismo, nem perturbação geral. Ressalta ele que convulsões parciais do globo sempre ocorreram em variadas épocas.

Essa transformação moral é necessária para que o homem possa ser feliz na face do planeta quando a maioria dos Espíritos, encarnados ou não, desejarem que o bem se estabeleça de maneira maior entre as criaturas.

Retornando ao assunto do banimento daqueles que persistirem no mal, anotamos o escrito por Kardec: “Sendo chegado esse tempo, uma grande emigração se realiza neste momento entre os que a habitam; os que fazem o mal pelo mal e *não são tocados* pelo sentimento do bem por não serem dignos da Terra transformada, dela serão excluídos, porque aí trariam novamente perturbação e confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Irão expiar

seu endurecimento nos mundos inferiores, para onde levarão os conhecimentos adquiridos e terão por missão fazê-los progredir.”

Confesso que senti com grande alívio a misericórdia de Deus nas palavras que destaco em itálico que Kardec apôs em seu texto: *e não são tocados* pelo sentimento do bem! Passei a ter esperanças de poder retornar porque, se fosse exigido uma condição mais rigorosa, poderia estar preparando a mala como fez o grupo de Espíritos da chamada raça adâmica.

Essa condição é reforçada em outro texto em que o Codificador afirma: “Por esta emigração de Espíritos não se deve entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados a mundos inferiores. Muitos, ao contrário, a ela voltarão, porque muitos cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo; neles a casca era pior que a essência. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maioria verá as coisas de maneira completamente diferente do que quando vivos, do que tendes numerosos exemplos. Nisto são ajudados pelos Espíritos benevolentes, que por eles se interessam e que se desvelam em os esclarecer e em lhes mostrar o falso caminho que seguiram.”

Honestamente, vi nessas linhas um retrato meu descrito pela benevolência do autor da Codificação.

Consumi minha paz interior quando li algumas linhas adiante das anteriores, a confirmação da colocação que precedeu a essa: “Assim, só haverá uma exclusão definitiva para os Espíritos rebeldes por natureza, aqueles que o orgulho e o egoísmo mais que a ignorância, tornam-se surdos à voz do bem e da razão.”

Estou salvo! Terei nova oportunidade na escola da Terra!

Estamos recebendo em nosso orbe como tem sido anunciado, Espíritos de planetas mais evoluídos que têm migrado para a Terra em auxílio a essa transformação moral em direção a um mundo de regeneração. Auxiliar e não fazer por nós a parte que nos compete.

Se nossa casa necessita da mão de obra de um pedreiro, ele comparecerá, fará os reparos, mas teremos que fornecer o material necessário para a realização do serviço e continuar cuidando da nossa moradia.

Se a pintura do local onde moramos necessitar de reparos, o pintor realizará o serviço indispensável com o material fornecido pelo interessado, mas temos a responsabilidade de cuidar da nova pintura.

No caso do planeta de regeneração, o material que teremos que fornecer aos Espíritos que vêm nos auxiliar é a nossa boa vontade e a disposição firme de realizarmos as transformações interiores que nos cabe fazer. É interrompermos o mergulho para fora em direção às conquistas dos bens materiais, dos títulos do mundo, dos valores transitórios da terra e mergulharmos para dentro na procura de aí instalar o reino de Deus convidando o homem velho ceder lugar para o homem novo.

Agindo assim, a misericórdia de Deus permitirá a nossa matrícula novamente no orbe terrestre regenerado!

A que distância estamos?

A que distância estamos de um mundo de regeneração? Sabemos que a transição já vem acontecendo há muito tempo. Kardec já nos falava sobre esse assunto. Por isso mesmo, vamos nos valer da *Revista Espírita* de 1865, mais precisamente do mês de julho para trocarmos ideias.

O Codificador começa por fornecer notícias de uma comunidade de Koenigsfeld, perto de Villingen, na Floresta Negra, onde quatrocentos habitantes viviam há cinquenta anos em plena harmonia fornecendo um modelo de como deveremos um dia agir perante a sociedade de um mundo regenerado. Nesse grupamento de pessoas, nunca ocorreu um crime; nunca houve um leilão de bens penhorado de alguém; nunca nasceu um filho bastardo ou algum envolvimento com fato policial.

Essa notícia lida na Sociedade de Paris deu ensejo à manifestação espontânea do Espírito Lamennais. Em seguida à comunicação desse Espírito, Kardec nos tece considerações da qual vamos extrair alguns ensinamentos que nos proporcionará um meio de avaliarmos a que distância estamos do mundo tão sonhado de regeneração.

“A comuna de Koenigsfeld oferece-nos em miniatura o que será o mundo quando for regenerado. O que é possível em pequena escala sê-lo-á em grande? Duvidar disto seria negar o progresso. Dia virá em que os homens, vencidos pelos males gerados pelo egoísmo, compreenderão que seguem caminho errado, e quer Deus que eles o aprendam à própria custa, porque lhes deu o livre-arbítrio. O excesso do mal lhes fará sentir a necessidade do bem e eles se

voltarão para este lado, como para a única âncora de salvação. Quem os levará a isto? A fé séria no futuro, e não a crença no nada depois da morte; a confiança num Deus bom e misericordioso, e não temor dos suplícios eternos.

Tudo está submetido à lei do progresso; os mundos também progredem, física e moralmente; mas se a transformação da Humanidade deve esperar o resultado da melhora individual, se nenhuma causa vier acelerar essa transformação, quantos séculos, quantos milhares de anos não serão ainda precisos?"

Podemos considerar que os habitantes de Koenigsfeld é uma pequena amostra do que aguarda a Terra toda quando a caridade imperar entre aqueles que tiverem o mérito de reencarnar nessa escola.

Como o próprio Kardec continua ensinando, não mais a ambição ou as guerras! A disputa com um mais forte em face ao derrotado onde pulula a orfandade, a viuvez, o ódio, a fome, os destroços físicos e morais de uma sociedade egoísta.

Não mais governos poderosos que impõem a "paz" através de armamentos que ameaçam a própria sobrevivência do planeta.

Não mais o mais forte se impondo ao mais fraco porque nesse mundo regenerado não haverá essa distinção de posição social.

Não mais a busca pela riqueza material por meio de condutas corruptas e corruptoras.

Não mais a impunidade que vasculha nos meandros das leis dos homens mecanismos de livrar da responsabilidade

aqueles que possuem os recursos necessários para, inutilmente, se livrarem das consequências de seus atos perante as Leis divinas!

Não mais as mãos que revolvem latas de lixo em busca da migalha de cada dia para pacificar minimamente a dor da fome.

Não mais aqueles que dormem expostos ao frio das noites de inverno rigoroso, muitas vezes desencarnando sob o rigor das intempéries.

Não mais aqueles que retornam ao mundo sem um teto por mais humilde que seja para proporcionar um local de retorno ao final de cada dia exaustos por um período de labuta.

Não mais crianças violentadas dentro do local sagrado do lar ou mendigando em sinaleiros de grandes cidades para recolher migalhas de caridade dos que passam indiferentes à dor alheia e depositam moedas de valor desprezível nas pequeninas mãos súplicas de seres que retornam nessa difícil condição social.

“A comuna de Koenigsfeld compõe-se incontestavelmente de Espíritos adiantados, ao menos moralmente, se não cientificamente, e que praticam entre si a lei de caridade e de amor ao próximo; esses Espíritos se reúnem por simpatia nesse recanto bendito da Terra para aí viver em paz, esperando que o possam fazer em toda a sua superfície.” – observa Kardec.

Dessa forma podemos lançar mão do “metro” da nossa consciência para avaliarmos a que distância estamos do planeta de regeneração!

Os pertences daqueles que partiram

Vamos valer-nos de um ensinamento de Buda.

Uma jovem casada com um homem muito rico teve um filho. O pai encantado com a criança, cada vez mais exigia cuidados da mãe para com o rebento.

Um dia, porém, a criança brincando no jardim da sua casa, enquanto a mãe realizava serviços domésticos no cuidado com o lar, foi picada por uma serpente extremamente venenosa.

A mulher desesperada tomou a criança nos braços e saiu correndo pedindo ajuda a todos que encontrava pelo seu caminho, enquanto a criança estertorava em seus braços e morria.

Não querendo aceitar a morte, aquela jovem mãe continuou a buscar auxílio para o filho que julgava ainda vivo o que causava tristeza nas pessoas que percebiam a morte da criança em seus braços.

Pedindo ajuda aqui, ali e acolá, a mulher acabou encontrando um camponês sábio que indicou a ela a figura de Buda, o Iluminado.

A moça com o filho nos braços estendido pediu a Buda que lhe desse um remédio que curasse a criança.

Buda, então, recomendou a ela como último recurso para o filho, que encontrasse uma semente de mostarda negra e trouxesse até ele para restabelecer a saúde da criança.

Antes, porém, que a mãe desesperada partisse em desabalada correria em busca da semente, o grande iluminado explicou-lhe que deveria ser uma semente de mostarda negra de um lar que nunca tivesse conhecido a dor da morte.

E a jovem mãe partiu esperançosa de poder salvar a criança e foi batendo de porta em porta. Na maioria delas lhe estendiam o grão de mostarda. E ela sempre perguntava se naquele lar a dor da morte já tinha se feito presente.

A resposta era invariavelmente a mesma: sim, naquele lar a morte já se fizera presente levando um pai ou uma mãe, um irmão ou uma irmã, um filho ou uma filha.

Não havia exceção! A morte, sempre a morte a ferir os corações!

Desolada, a jovem mãe retornou à sua vila, sentou-se à beira do caminho antes de adentrar o vilarejo e ficou observando. Viu o entardecer e as luzes do final do dia ceder lugar ao escuro da noite. Meditou nesse panorama e acabou por entender que a vida do homem era como o entardecer cujas luzes acabavam por ceder lugar à escuridão da noite, assim como a vida acaba por ceder à dor da morte.

Enterrou o filho e procurou refugiar-se próxima a Buda que esclareceu-lhe o seguinte: "A vida dos mortais sobre a terra está envolta, atravessada e alterada pela dor. Porém não há nenhum meio para aqueles que nascem deixarem de morrer, após a velhice vem a morte. Assim o quer a natureza dos seres vivos. Da mesma forma como os frutos maduros chegam ao ponto de cair da árvore, também os mortais, desde o instante em que nascem, caem no poder da morte. Todos são submissos a ela. Entre os que,

assustados pela morte, abandonam a vida, o pai não pode salvar seu filho, nem os mesmos da família seus pais. Vede! Enquanto os pais olham e se lamentam com amargura, a vida corporal do homem acaba partindo-se como a vasilha de barro do oleiro. Assim, o mundo é afligido pela morte e ruína, e é por isso que o sábio não é desconcertado, porque conhece as leis do mundo.”

Esperamos pela morte dos mais velhos. O filho espera pela morte dos pais ou de um irmão mais idoso.

A única morte que não ocupa lugar em nossa mente é a possibilidade de acontecer a partida de um filho antes que os pais. Parece que há uma inversão no calendário da Natureza. Por isso mesmo, a dor dos pais que vêem o filho partir antes, é a dor mais terrível conhecida pelo ser humano.

Muitas pessoas protestam, blasfemam diante do ente querido que desce à sepultura antes dos seus progenitores.

Uma ferida se abre na alma da mãe e do pai que passam por essa experiência extremamente dolorosa.

O tempo vai, muito lentamente, colocando curativos sobre a ferida que muito devagar vai cicatrizando.

Cicatriza, mas deixa a marca da saudade perene. Nunca se esquece aquele que partiu. E não é para esquecer mesmo, já que a ausência física não significa, absolutamente, que o ser querido não existe mais. Apenas não está visível aos nossos olhos, mas continua presente na vida por determinação Divina já que somos Espíritos imortais.

Mas, o tema proposto é para trocarmos ideias se devemos ou não doar os objetos materiais daqueles que se

foram antes.

Utilizando do bom senso, a resposta de imediato à partida é não. Não é recomendável dispormos daquilo que ficou na fase aguda da dor da separação para não reavivarmos a chaga aberta na alma.

Com o tempo, sem pressa, devemos, aos poucos, muito lentamente, doando o que tenha ficado e que possa socorrer a outra pessoa em nome do nosso ente querido que se foi. Quando doamos em nome desse ser amado, essa atitude cairá como bálsamo consolador sobre ele na outra dimensão da vida.

Muitos perguntam se essa atitude não representa que estaremos nos despojando das lembranças do ente querido. Entretanto, o que importa, o que toca aquele que continua vivo do outro lado da vida, são os sentimentos que alimentamos sobre ele. Continuamos a querer-lhe bem? Está sempre presente em nossos pensamentos na certeza do reencontro futuro? Em nossas orações sempre dirigimos a ele sentimento de um grande carinho, de um amor que não morreu? Confiamos na certeza de que nos reencontraremos com ele porque continua vivo? A presença dele continua em nossa casa como se ainda dispusesse do corpo como o nosso?

De nada adianta não doar nada daquele que se foi se vivermos mergulhados na revolta e na incerteza da continuidade da vida. Esses sentimentos fere aquele que se encontra em outra dimensão.

Inúmeras cartas de Chico Xavier dirigidas às mães que o procuraram no auge do sofrimento revelavam esse fato. Filhos pedindo que os pais não chorassem mais. Que eles continuavam vivos. Que foram recebidos com muito amor e carinho por parentes desencarnados antes deles.

Manter um quarto intocável como muitos pais fazem infelizmente e todos os dias se dirigir a esse local para chorar, cai como doloroso desespero sobre os filhos que continuam vivos e em contato emocional conosco.

Então, depois de um tempo adequado para viver o luto daquele que partiu, devemos ir aos pouco nos despojando dos seus pertences em nome deles e a favor de pessoas a quem esses pertences possam socorrer de alguma forma. Não existem pais que num gesto magnânimo de amor não fazem a doação de órgãos de um filho que a morte colheu de forma repentina?

Já imaginaram que bênção isso não representa para o filho desencarnado quando outras pessoas continuam a viver graças a esses órgãos? Como Deus que é a justiça suprema não compensaria o desencarnado cujos pais assim procederam?

Nada impede que guardemos alguma lembrança mais querida ao nosso coração. Uma ou outra coisa. Uma pequena lembrança.

Porém, guardar absolutamente tudo como justificativa de que as coisas que ficaram representam a presença daquele que partiu, pode ser causa de ficar reavivando a chaga aberta na alma e ferindo os que se encontram do outro lado da vida com a nossa tristeza e inconformação perante os fatos da vida sob o comando da Providência Divina.

Infelizmente, a semente de mostarda negra pode ser encontrada, mas estará sempre maculada pela dor da morte de alguém que já partiu...

Onde Ele está?

Quando alguma calamidade ocorre abatendo-se sobre o ser humano, vozes materialistas rapidamente se levantam lançando aos quatro ventos frases de famosos desafios!

Onde está Deus, que em toda a sua apregoada bondade e misericórdia permitiu que isso acontecesse?

Se Ele realmente existisse, não teria permitido que tal acontecimento vitimasse às suas criaturas!

Que Deus é esse que não moveu uma “palha” para impedir que tamanho desastre vitimasse seus filhos?

E vai por aí afora as expressões de desafio embutindo o sentimento de revolta que, na realidade, apenas tentam confirmar em atitude inútil e desesperada e cada vez mais vazia de concretude e verdade, a ideia da inexistência de uma Inteligência suprema criadora de tudo e de todos.

Quando o barco está recheado de recursos, quando a saúde física está plena, quando o sucesso é o companheiro do dia a dia, quando tudo no lar caminha em paz, quando os filhos seguem triunfantes a passos firmes e seguros em direção ao propósito material da existência, quando, enfim, o barco da existência navega por águas calmas, o marinheiro não procura por nenhum autor dessa situação toda. Ele mesmo, o “marinheiro”, é o total e pleno responsável pelo sucesso dos seus dias.

Mas, quando a tormenta agita as águas da existência e o frágil barco do corpo material é colocado sob ameaça, onde estará o culpado do insucesso que se desenha na linha do horizonte? Onde se esconde o antes triunfante

“marinheiro” quando tudo caminhava bem pelas águas mansas da vida?

Passamos então, a nos valer dos ensinamentos dos Espíritos contidos na *Revista Espírita* de 1866, mês de outubro.

“Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensação, sem resultados úteis, porquanto, segundo ele, *aniquilam os seres sem retorno*. Mas para o que sabe que a morte apenas destrói o envoltório, eles não têm as mesmas consequências e não lhe causam o menor pavor, porque compreende o seu objetivo e sabe também que os homens não perdem mais morrendo em conjunto do que isoladamente, uma vez que, de uma ou de outra maneira, é preciso sempre lá chegar.

Os incrédulos rirão destas coisas e as tratarão como quimeras. Mas, digam o que disserem, não escaparão à lei comum; cairão por sua vez, como os outros e, então, o que acontecerá? Dizem: *nada*. Mas viverão, a despeito de si mesmos, e um dia serão forçados a abrir os olhos.”

O momento atual da pandemia que assola a face do planeta deve estar sendo um banquete especial para os negadores de Deus, de plantão. Entretanto, lançando mão dos ensinamentos contidos na mesma *Revista Espírita*, no mês e ano mencionados, diremos que a Covid-19 é um desses movimentos gerais que se opera neste momento e que deve desencadear o remanejamento da Humanidade.

Eis o texto: *A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, porque deve apressar a eclosão dos novos germes. São folhas de outono que caem, e às quais sucederão novas folhas, cheias de vida, pois a Humanidade tem as suas estações, como os indivíduos as suas idades. As folhas mortas da*

Humanidade caem, levadas pela ventania, para renascer mais vivazes, sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

Os flagelos destruidores como nos ensinam os Espíritos, embora apresentem aos olhos físicos fenômenos dolorosos, aceleram o movimento de vai e vem entre o mundo corporal e o mundo espiritual fazendo com que o progresso adquira maior dinâmica. Os que acreditam num mundo onde o bem se faça mais presente, aqueles que creem na aproximação lenta, mas progressiva, de um mundo moralmente melhor, compreendem os objetivos da Providência Divina. E como somos frutos do Amor, esse amor presente em cada uma das pessoas não permite que nos transformemos em blocos de mármore insensíveis perante a partida de um ente querido vitimado pela enfermidade atual. Sentimos a dor da separação mesmo sabendo do reencontro futuro. Se nós partirmos ou se os amores da nossa atual existência partirem, estaremos apenas indo trocar de uniforme para retornarmos a uma escola em reforma para aperfeiçoar aqueles que retornarem imbuídos da real necessidade de construir o reino de Deus dentro de si de maneira mais ampla, onde o amor a si mesmo e ao semelhante e, por consequência ao Criador, seja vivenciado da maneira como Jesus nos convidou a fazer.

Pela experiência do sexo

Você já deve ter ouvido a expressão que resume determinada discussão julgada inútil ou extremamente difícil: “discutir o sexo dos anjos!”

É evidente que Kardec abordou no *Livro Dos Espíritos* uma pergunta sobre o sexo nos Espíritos, por ser a força sexual extremamente importante e poderosa nos homens, Espíritos reencarnados.

A indagação está na questão de número 200 e a resposta, para muita gente, é óbvia: os Espíritos têm sexo, não como o entendeis, pois os sexos dependem do organismo. Entre eles há o amor e simpatia baseados na identidade de sentimentos.

Mas não foi só nesse livro que Kardec aborda o assunto.

Na *Revista Espírita* de 1862, mês de junho, vamos encontrar o Espírito Sanson que se manifesta na Sociedade Espírita de Paris, pouco tempo depois do seu desencarne, tratando-se, portanto, de um Espírito de considerável evolução, abordando o assunto.

Kardec, então, pergunta a ele sobre o sexo agora que Sanson estava desencarnado.

A resposta obtida confirma a do *Livro Dos Espíritos*: “Não nos prendemos à natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem.”

Diante dessa afirmação, gostaríamos de aproveitar para alertar sobre colocações no meio espírita da existência de

gravidez no mundo espiritual. Como bem colocou o Espírito comunicante, Espíritos não se reproduzem, portanto, gravidez no mundo espiritual destoa completamente da obra de Kardec.

E mais, Sanson completa a sua informação dizendo que Deus criou a reprodução da raça humana como um mecanismo de proporcionar a reencarnação de Espíritos necessitados de passar pela experiência física. Para isso o Criador permitiu ao Espírito encarnado utilizar-se de um veículo apropriado a essa finalidade assim como nos animais existem o macho e a fêmea.

Na mesma *Revista Espírita* mencionada, Kardec arremata dizendo que os Espíritos não têm sexo, sendo essa forma, essa morfologia do corpo material, um meio para que novos corpos sejam confeccionados com a finalidade de abrigar os seres imortais necessitados do retorno à escola da Terra, deixando bem claro o Codificador que os Espíritos não se reproduzem. Portanto, gravidez no mundo espiritual não é uma informação compatível com a Doutrina.

Em planos espirituais muito atrasados, habitados por Espíritos ainda fortemente vinculados ao mundo das sensações físicas e sem a evolução moral suficiente para romperem com esses laços, essas criaturas podem plasmar em seus veículos perispirituais órgãos semelhantes às características masculinas ou femininas que possuíram no mundo. Ainda assim, não ocorre gravidez entre os desencarnados. Evoluirão por uma determinação divina para libertarem-se desse condicionamento, quando então, retornarão às suas características de Espíritos sem a forma sexual terrena.

Mas falamos no título desse capítulo que os Espíritos

necessitam de passar pela experiência do sexo.

E o porquê dessa necessidade muitos indagarão.

Tudo muito simples. O sexo masculino proporciona experiências próprias dessa forma do veículo físico. O mesmo ocorre em relação às experiências proporcionadas na vivência do sexo feminino.

Como a perfeição final que o Espírito pode alcançar solicita toda uma coleção de lições, nada mais natural e necessário que o ser imortal percorra os caminhos inerentes ao sexo masculino e ao sexo feminino aprendendo com um e com o outro gênero.

Dessa maneira, de acordo com a soma maior das experiências ajuntadas ao seu material de aprendizado, o Espírito apresenta temporariamente uma polaridade maior para o sexo onde adquiriu mais aprendizado. Não se apresenta no mundo espiritual como homem ou mulher sexualmente falando, mas com as tendências psicológicas desse ou daquele sexo. De acordo com a polaridade que predomina masculina ou feminina, o Espírito constrói a sua aparência no mundo dos Espíritos.

Uma pergunta muito comum no meio espírita é se o Espírito volta sempre como homem ou como mulher.

Como dissemos linhas atrás, o Espírito precisa aprender as lições de ambos os sexos quando encarnado. Pode passar longo período apenas vinculado a uma forma física, mas não para sempre.

Outra preocupação entre os encarnados é se o Espírito, quando precisa ocupar um corpo físico com sexo diferente daquele a que estava acostumado, se isso pode gerar um problema psicológico para o ser imortal.

Aí depende da evolução espiritual de cada um. Se essa transição for suave, compreendendo o Espírito a necessidade de novas lições e não provocada por algum trauma contra as Leis de Deus, geralmente isso se dá sem nenhum problema.

Entretanto, pode ocorrer a mudança de sexo na experiência física determinada por um mau emprego das energias sexuais do Espírito enquanto encarnado.

Da mesma maneira como um Espírito pode empregar mal a inteligência, a prova do dinheiro, a experiência do poder, do saber, da beleza física e necessitar reparar o mal praticado, ele pode empregar mal a sua passagem pelo sexo masculino ou feminino disseminando sofrimentos quando na vestimenta física característica de cada um deles.

Usar do sexo para destruir lares, para induzir pessoas ao suicídio, para gerar filhos que são abandonados, esposa ou marido junto aos quais não soube honrar a presença são alguns exemplos desses desequilíbrios.

As Leis de Deus que têm o objetivo de nos conduzir à perfeição para a qual fomos criados, interrompe a experiência no sexo que está proporcionando os desequilíbrios daquele Espírito que é conduzido, então, para experimentar uma ou mais vivências no sexo oposto.

Nessa mudança de sexo por violentar à Lei maior, pode haver trauma, inadaptação do Espírito às novas condições de vida no veículo carnal.

Nessa forma de aprisionamento providencial, o Espírito pode se comportar bem ou dar prosseguimento às escolhas erradas perante a energia sexual.

Nesses casos surgem os conflitos entre a polarização sexual acumulada em um determinado sexo e a aparência do novo veículo físico.

A ciência estuda as variadas formas de inadaptação do ser imortal às novas condições de vida que não cabe nessas singelas linhas entrar em maiores detalhes.

O que vale registrar é que o Espírito, com o auxílio da espiritualidade amiga, pode vencer os problemas que surgem e sair-se vencedor das dificuldades que a vida como encarnado vai apresentar-lhe.

Como inesquecivelmente nos ensinou Chico Xavier, tudo passa.

É verdade que gostaríamos que aquilo que nos desagrada enquanto encarnados passasse o mais rápido possível. Mas, a Providência Divina não tem pressa porque somos imortais. De nada adianta sairmos da escola sem aprendermos a lição devido à pressa e termos que retornar ao mesmo "ano letivo" que abandonamos, não é verdade?

O assunto comporta uma discussão muito maior e mais profunda. Na verdade comporta até mesmo um livro.

Mas, como estamos apenas trocando ideias, vamos parando por aqui para não nos tornarmos cansativos.

Previsão do tempo

Pois é! Essa é a melhor previsão de tempo que já li ou ouvi.

Previsão do tempo: o tempo está passando!

Conforme se diz hoje, o tempo está passando muito rápido!

Não sei se você concorda comigo, mas o tempo não passa. Nós é que passamos pelo tempo.

E a maneira como passamos pelo tempo é que deve nos preocupar muito, principalmente quem tem os alertas da Doutrina.

Vamos a um ensinamento de Emmanuel através de Chico Xavier: *se queres conhecer o lugar que te espera depois da morte, examina o que fazes contigo mesmo nas horas livres!*

Aí está! Acordo muito cedo e fico prestando a atenção no barulho que vem das ruas. Carros e motos para cima e para baixo como se estivessem à procura de alguma coisa.

É o Espírito encarnado absorvido pelos compromissos da vida material.

Não estamos criticando porque temos que cumprir nossos deveres para conosco mesmos sob o ponto de vista de espíritos encarnados e perante a sociedade. Nem Deus, suprema inteligência e sabedoria, exigiria isso da nossa parte enquanto estamos mergulhados na carne. Temos compromissos que precisamos cumprir da melhor maneira

possível como cidadãos de bem.

O problema é outro. Acabamos por nos entregar totalmente em busca dos valores materiais não deixando a menor cota de tempo para cuidar de nós mesmos, Espíritos imortais!

Ficamos sabendo através de Divaldo pelo Espírito Joanna de Ângelis, que Chico Xavier foi recebido por Jesus quando desencarnou.

Ficamos deslumbrados com tal informação! Quem de nós não gostaria de tremenda recepção em nosso retorno ao mundo espiritual?

Entretanto, não paramos para pensar mais detida e profundamente o que Chico fez de suas horas livres dos compromissos como Espírito encarnado.

Ele nunca faltou um único dia no seu emprego para o ganho suado e honesto do pão de cada dia. E quando ficava livre do trabalho material, entregava-se de corpo e alma ao compromisso espiritual da sua abençoada missão.

Poucas horas de sono. Quantas pessoas que reclamam de ter dormido apenas oito horas por dia?!

Chico ouvia queixas seguidas de corações amargurados. Quantos minutos temos de paciência para escutar alguém necessitado?

Raras pessoas que se acercaram dele lembraram-se de perguntar como Chico estava. Será que nunca ele precisou de um coração amigo para desabafar algum problema ou nunca encontrou esse coração?

Mesmo acompanhado praticamente a existência toda por problemas de saúde, nunca deixou de atender aos

mais enfermos. Como nos comportamos quando um simples resfriado nos visita?

Amava também aos animais porque entendia que eram criaturas de Deus. O que fazemos nós a favor desses nossos irmãos menores que de tanto auxílio necessitam?

Chico foi o arrimo de toda a sua família sanguínea que era bastante grande. Que temos feito dentro do nosso próprio lar?

Depois dos parentes biológicos, Chico abraçou a todos os que o procuraram como verdadeiros irmãos aplicando em seus dias a parábola do bom samaritano. Onde termina nossa fronteira para com o nosso próximo? Nos parentes de segundo ou terceiro graus?

Vejamos os exemplos de Divaldo Franco na Mansão do Caminho. De quantas crianças foi o pai adotivo até conduzi-las a bom termo do abandono à realização como adultos honestos? A quantas crianças temos auxiliado além de nossos próprios filhos?

Em quantas palestras sacrificiais, porque Divaldo nunca se aproveitou para fazer turismo pelo mundo através de suas conferências, ele não levou a palavras do Cristianismo redivivo a países longínquos? Quantos núcleos espíritas não surgiram pela sua presença inspiradora? O que temos feito como espíritas para difundir esses ensinamentos? Será que comparecemos a uma palestra mensal a nossa Casa espírita? Será que procuramos a leitura esclarecedora das obras básicas e complementares?

Allan Kardec sabia de suas condições comprometidas de saúde. Mesmo assim, não abriu mão do seu trabalho gigantesco em favor da humanidade para viver alguns anos a mais dentro de um corpo de carne. Optou por bem

aproveitar suas horas livres.

Albert Schweitzer foi o maior intérprete de Bach no seu tempo. Seus recitais eram grandemente concorridos. Contudo, formou-se médico e para aproveitar suas horas vazias, aprofundou-se no interior do continente africano para cuidar de leprosos.

Irmã Dulce esmolava pelas ruas para conseguir amparar os seus doentes do coração. Não tinha tempo para ela mesma. Alimentava-se da mais reduzida cota de qualquer produto destinado a manutenção do corpo. Dormia sentada já que padecia de problemas respiratórios por ter apenas um dos pulmões! Tudo para aproveitar as suas horas livres. E nós com um corpo perfeito o que temos feito em nossas horas vazias? Assistido a novela de nossa escolha? Ficamos torcendo pelo time da nossa predileção em frente a uma televisão? Nos acomodamos sentado numa mesa para tomar cerveja com amigos? Vamos ao clube dar um bronzado na pele? Planejamos e usufruímos de viagens de turismo para conhecer lugares e culturas diferentes? E tem sobrado tempo para o ser imortal que somos? Ou o homem físico tem absorvido todas as nossas horas livres?

O que fizeram de suas horas livres Madre Teresa de Calcutá, Martin Luther King, Mahatma Gandhi, Francisco de Assis e quem mais você desejar incluir nessa lista que vai longe?

Pois é! Essa previsão do tempo é realmente assustadora dependendo de como temos utilizado as nossas horas livres! O tempo está passando! Cada ano a mais é um a menos na nossa cota de tempo aqui na Terra!

Chico Xavier foi recebido por Jesus ao desencarnar. Soube aproveitar completamente suas horas livres.

Como temos utilizado o nosso tempo? Vamos nos movimentar enquanto ainda é tempo?

O que tem feito dos seus talentos?

O capítulo XVI de *O Evangelho Segundo O Espiritismo*, item 6, nos traz a parábola dos talentos.

Para entendermos um pouco mais por que Jesus lançou mão dessa expressão – talento – vamos dar uma recordada no que ela significava ou representava naquela ocasião entre o povo daquela época.

Talento era uma unidade monetária de grande valor para a época. Um talento equivalia ao salário de 15 anos de um trabalhador comum!

Sua procedência remete à moeda romana, em ouro ou em prata, que era a unidade maior no sistema monetário daquele império. Um único talento de ouro em valores atuais daria algo em torno de 60 mil reais aproximadamente. Portanto, representava algo de imenso valor.

Na parábola dos talentos encontramos o Senhor que possuía diversos servidores e que se dispõe realizar uma viagem longa para fora do seu país e resolve confiar a esses servos um número variável de talentos esperando que os mesmos cuidem de multiplicá-los.

Vamos procurar adaptar ao Espírito desencarnado que em vias de reencarnação recebe do seu Senhor – Deus – diversos talentos para multiplicá-los enquanto na carne.

Obviamente que, não se trataria para os Espíritos que irão realizar uma grande viagem através de um novo mergulho no corpo físico em um país distante – mundo de provas e expiações – um valor monetário, uma porção em

dinheiro que deva ser multiplicado.

Não! Talento nesse caso se refere aos recursos que trazemos quando reencarnamos e com os quais podemos auxiliar na construção de um mundo melhor como está acontecendo com a Terra que se encaminha para um mundo de regeneração. Está na hora certa para que cada um se utilize dos seus talentos para auxiliar nessa transição.

Mas que talentos trouxemos você poderá perguntar.

Muitos! Mais do que cinco talentos que foi dado a um dos servos da parábola.

Temos um corpo físico repleto de recursos para serem investidos no bem segundo a nossa vontade.

O que temos feito do talento de enxergar enquanto muitos vivem mergulhados na escuridão dos olhos sem a capacidade de captar a luz?

O que temos feito do talento de ouvir enquanto tantos vivem mergulhados no silêncio da surdez?

O que temos feito da palavra que conseguimos articular enquanto tantos padecem o sofrimento da mudez?

O que temos feito do talento de caminhar enquanto tantos jazem sem pernas ou com os membros paralíticos?

O que temos feito do talento das nossas mãos enquanto muitos nascem amputados ou sofrem a perda das mesmas durante a vida em um acidente que impõe essa condição ao corpo de que se utilizam nessa atual existência?

Temos o talento de raciocinar, de compreender a grandeza da vida e do nosso Criador enquanto muitos são

cerceados pela deficiência mental.

Na passagem do Evangelho Jesus utiliza a figura do dinheiro para que fosse bem compreendido. Entretanto, principalmente para o espírita, esse talento extrapola o valor monetário e ganha dimensões transcendentais agravando nossa responsabilidade.

Temos – os espíritas – a possibilidade de perdoar mais por entendermos que o perdão liberta o ofendido muito mais do que ao ofensor que continua responsável perante as Leis que governam a Vida.

Temos – os espíritas – a possibilidade de amar mais por entendermos que é através do amor que nos integramos cada vez mais ao rebanho do Divino Pastor.

Temos – os espíritas – o talento de compreendermos melhor a prática da caridade que nos aproxima das virtudes necessárias em nossa caminhada evolutiva.

Temos – os espíritas – o talento de entendermos que o suicídio não encerra a vida, apenas destrói o corpo comprometendo-nos ainda mais perante a própria consciência. E isso tem um valor imenso num planeta onde a depressão caminha a passos largos como uma das grandes chagas da humanidade atual.

Em cada manhã em que acordamos no corpo os talentos se renovam na oportunidade de serem utilizados no emprego de um mundo melhor na medida em que proporcionam a nossa melhoria.

Aos que duvidam de toda a realidade apresentada por Jesus, resta o recurso da reencarnação pelo qual voltarão ao aprendizado por hora desdenhado ou ignorado.

Mas a nós, espíritas, semelhante à parábola dos

talentos, o Senhor dos talentos nos aguarda em nosso retorno à realidade inevitável do mundo dos Espíritos imortais.

Esse senhor, entretanto, não se encontra fora de nós, mas em nosso mundo íntimo representado pela consciência que tem em si todas as Leis de Deus.

Seria de boa decisão trocarmos ideias com essa consciência sobre o que temos feito dos inúmeros talentos que possuímos.

Suicídio entre animais

Suicídio entre animais?! Entendo o seu espanto, mas foi o que encontrei na *Revista Espírita* do ano de 1867 em seu mês de fevereiro.

A notícia encontrada no *Morning Post* contava a história de um cão que abandonado pelo seu “dono”, o senhor Home, após suspeita de que estivesse vitimado pela raiva, passou a ser evitado por todos aqueles com os quais convivera até então, mantendo-o afastado da casa.

O animal mergulhou em profunda tristeza e passou a procurar pela convivência de um amigo íntimo do seu “ex-dono”, o senhor Home. Da mesma forma foi rejeitado pelo receio de que estivesse com hidrofobia.

Após alguns dias em frente da casa nessa sua última tentativa de contato com o ser humano, o animal partiu em direção a um rio caudaloso que passava próximo ao local. Desceu lentamente a ribanceira dirigindo-se em direção às águas o que comprova que não estava atingido pela hidrofobia que faz com que o animal evite esse líquido.

Antes de se atirar ao rio, parou em sua margem, voltou-se soltando uma espécie de uivo e entrou deliberadamente nas águas. Em pouco tempo reapareceu sem vida na superfície.

Esse procedimento, segundo consta no relato, foi assistido por um grande número de pessoas.

Ainda segundo dados históricos mais antigos, Hyrcanus, o cão do rei Lysimachus, ficou dias sobre o corpo morto do

seu “dono” sem comer ou beber e quando o rei foi cremado, o animal atirou-se no fogo morrendo junto a ele.

O mesmo teria ocorrido com um cão de nome Pyrrhus, que também teve a mesma atitude e, por consequência, o mesmo fim.

Mozart, o célebre músico, foi enterrado em uma vala comum porque morreu longe dos seus familiares.

Seu corpo só pode ser encontrado devido ao animal que deitou-se sobre a cova do seu “dono” ali morrendo, permitindo assim que Mozart pudesse ser encontrado e removido do local.

Não estamos querendo dizer que nesse caso se trata de um suicídio, mas comprova a presença de fortes emoções nos animais em relação aos humanos que, infelizmente, em muitas ocasiões são terríveis algozes deles.

Aliás, gostaria de narrar um fato ocorrido com um pequeno cão que os “donos” tratavam como uma criança pelo fato de não terem filhos. Vestiam o animalzinho como se fosse um menino e passeavam com ele por toda parte.

Depois de um determinado tempo, a mulher engravidou e o casal colocou o animal que vivia com toda regalia dentro da casa, no fundo do quintal.

O animal adoeceu e acabou morrendo em mais uma comprovação de que os animais não são desprovidos de sentimentos como muitos defendem impondo a eles sofrimentos desumanos.

Hoje em dia não se acredita que os animais cometam o suicídio. Quando o escorpião é acuado num círculo de fogo, parece lançar o ferrão sobre o corpo, num aparente suicídio. Mas não é exatamente isso que ocorre. Nessas

situações, o aracnídeo fica agitado com a alta temperatura e movimenta sua cauda sem controle. O animal morre mesmo desidratado pelo calor que o cerca.

É verdade que os animais podem expor sua vida – e mesmo perdê-la – em função de uma defesa da própria existência da espécie.

Determinadas aves quando vêm o ninho com os filhotes ameaçado por algum predador, atiram-se ao chão e arrastam a asa como se estivesse ferido e deixam-se ser devorado em lugar da cria.

Certas aranhas deixam-se devorar pelos filhotes para perpetuar a espécie.

Essas atitudes não tem nada a ver com o suicídio, mas sim uma atitude que serve de exemplo para muito ser humano aprender a se doar em favor do seu próximo.

Essa pequena introdução utilizamos para abrir a troca de ideias sobre o suicídio no ser humano numa época da humanidade onde a depressão caminha rápida para ser uma das principais causa de morte no mundo, se não for a primeira.

Causa-me pesar quando vejo algumas pessoas, espíritas ou não, emitindo julgamento em relação à situação dos suicidas para além das fronteiras da morte.

Kardec nos esclarece na questão de número 957 de *O Livro Dos Espíritos* que as consequências do suicídio são muito diversas: não há penas fixadas e, em todos os casos, são sempre relativas às causas que provocaram.

A única consequência da qual suicida nenhum escapa é da realidade da vida que continua sem cessar o que se transforma para eles numa profunda e dolorosa

constatação. Numa decepção incomensurável!

Não devemos lançar mãos dos ensinamentos da Doutrina para emitir julgamentos ou suposições de onde e em que situação um suicida se encontra. Quem somos nós? O que sabemos das circunstâncias que levaram uma pessoa a um final de existência tão lamentável?

Basta ao suicida o peso da própria consciência! Vamos entregá-los à misericórdia de Deus que é infinita evitando emitir sequer o mínimo juízo sobre eles.

Façamos como dona Yvonne do Amaral Pereira que, ao ter conhecimento de um ato de eliminação da própria vida física por alguém, anotava o nome da pessoa em um caderno destinado a essa finalidade e orava contritamente por eles derramando sobre esses Espíritos, onde estivessem, o bálsamo da prece de um coração amigo.

Orar pelos suicidas e não comentar sua atitude!

Por acaso temos alguma garantia de que um dia não seremos tentados para buscarmos esse fim?

Vamos trocar as ideias e ao invés de tecer comentários ou julgamentos, orar sinceramente suplicando para eles o socorro da Providência Divina?

Se a nossa Mãe Santíssima cuida deles através da legião dos servos de Maria, você não acha que a nossa opinião ou pretense julgamento é totalmente dispensável no caso?

O dia “D” dos encarnados

Dia “D” foi uma expressão utilizada durante a segunda guerra mundial em que os aliados, Estados Unidos, Canadá, França e o Reino Unido, definiram como o dia de invadir a costa norte da França para atacar os alemães.

Essa expressão é utilizada pela criação das mentes humanas para designar a programação de alguns acontecimentos em um determinado dia do calendário.

Por exemplo, o quinto dia útil do mês é o dia “D” para o pagamento de salários. Tal data é o dia “D” do casamento entre dois enamorados. Dia “D” é o dia de você pagar uma determinada dívida. E assim por diante.

Quando eu era um pré-adolescente no ano de 1960, aconteceu uma tragédia que ficou denominada de tragédia do rio Turvo que foi o dia “D” para 59 estudantes da minha cidade que se dirigiam em dois ônibus de São José do Rio Preto para a cidade de Barretos.

Esses dois ônibus transportavam pessoas que compunham uma fanfarra com variados instrumentos e que se fizera famosa pelo espetáculo que proporcionavam ao exibir seus elementos devidamente paramentados com roupas de gala e seus instrumentos musicais que emitiam toques musicais que conquistavam os assistentes. Era uma exibição muito bonita de ser assistida. Para a época, era um espetáculo bastante solicitado a exibição daquela fanfarra pertencente a um determinado estabelecimento educacional da cidade.

Os jovens iriam se exibir na cidade de Barretos em

comemoração ao aniversário daquela cidade.

Um ônibus seguiu com as meninas e o outro com os meninos.

Antes da partida, porém, um dos jovens mudou de veículo saindo do ônibus masculino para ocupar um lugar junto ao ônibus feminino.

Imaginem o furor que isso causou numa época em que a proximidade entre os dois gêneros era mantida com certa reserva.

Entre a cidade de São José do Rio Preto e a cidade de Barretos, havia uma ponte em construção exigindo um determinado desvio ao chegar naquele local.

Como o ônibus que transportava as meninas partiu antes, o ônibus dos meninos ao aproximar-se da ponte em construção, ultrapassou o primeiro em determinada velocidade e, por desconhecimento do local pelo motorista que conduzia jovens do sexo masculino, perdeu a direção e caiu dentro do rio Turvo virado com o teto para baixo o que desorientou os jovens no interior do veículo e que procuravam sair pelo lado que, na verdade, era o fundo do veículo.

O resultado foi a tragédia que ceifou a vida de 59 jovens iniciando a vida física naquela existência.

O moço que havia trocado de ônibus indo para o das meninas ainda tentou mergulhar no rio para tentar salvar algum companheiro, mas o resultado foi praticamente ineficaz pelo desespero do momento.

Ao trocar de lugar, mal imaginava ele que estava como que fugindo da sua morte.

A cidade de São José do Rio Preto mergulhou num profundo luto como é de se imaginar.

Os caixões foram enfileirados na frente da catedral da cidade e as lágrimas dos pais banharam aquela data que ficou marcada por muito tempo e até os dias atuais como a maior tragédia com um acidente de ônibus.

No atentado terrorista ao *World Trade Center* nos Estados Unidos, algumas pessoas também escaparam da morte por variados motivos.

Vejamos alguns.

O diretor de uma pequena companhia chegou tarde ao trabalho porque foi participar de uma reunião na escola do seu filho.

Uma mulher se atrasou porque o seu despertador não alarmou a tempo e ela perdeu a hora.

Uma das pessoas que trabalhavam naquele edifício enorme chegou atrasada porque pegou um caminho diferente para chegar mais rápido, mas enfrentou um congestionamento no caminho escolhido devido a um engarrafamento.

Outra pessoa perdeu o ônibus que a levaria até o local fatídico naquele dia.

Uma funcionária (vejam só!) foi atingida pelas fezes de um pombo e precisou voltar e trocar de roupa.

Um senhor teve problema para ligar o carro e precisou solicitar ajuda de um mecânico.

Alguém se atrasou porque teve que atender a um telefonema antes de sair para o trabalho.

O resultado comum a todos eles foi escapar do local fatídico onde dois grandes aviões pilotados por terroristas colidiram com os edifícios, colocando-os abaixo juntamente com quase três mil vidas!

Nós nos referimos a esses dois episódios profundamente lamentáveis da tragédia do rio Turvo e das torres do World Trade Center para recordarmos a resposta dada pelos Espíritos superiores no *Livro Dos Espíritos*, à pergunta de número 853, quando afirmam que o instante da morte é fatal e dele não podemos nos livrar.

Sabemos que no projeto da nossa reencarnação, nos é proporcionado uma determinada cota de tempo para frequentarmos a escola da Terra.

Esse tempo, contudo, não é rígido. Podemos aumentá-lo através de grandes investimentos no campo do bem a exemplo de Chico Xavier que teve cinco moratórias segundo seus biógrafos, como também podemos diminuí-lo quando agredimos nosso corpo físico das mais variadas maneiras. Excesso de comida e bebida, utilização de drogas lícitas e ilícitas, momentos de explosão de cólera quando bombardeamos nossa vestimenta física com substâncias nocivas, excesso de preocupação com fatos que podem não acontecer, falta do repouso adequado para o corpo físico e tudo o mais que você queira e possa nomear em termos de agressão ao nosso "uniforme" na escola da Terra.

Pessoas que não conhecem mais a fundo a Doutrina dos Espíritos, mas se dão o direito de opinar sobre ela, alegam que o espírita vive falando em morte como se fizesse um culto a esse momento, trazendo tristeza aos dias das pessoas.

A Doutrina Espírita não faz, de maneira alguma,

apologia ao fenômeno da desencarnação. Apenas procura lembrar àqueles que tenham interesse, que somos seres em trânsito sobre a face do planeta e dia virá, sem exceção, para todos nós esse momento da partida para o qual devemos estar preparados para que possamos bem viver que é muito contrário do que viver bem.

Essa inversão do ato de viver que aparentemente parece apenas um jogo de palavras, oculta uma posição muito séria perante a vida.

Bem viver é cumprir nossos deveres perante a sociedade como Espíritos reencarnados, mas sem esquecermo-nos dos nossos compromissos que trazemos como o ser imortal do plano espiritual. Esse comportamento faz uma tremenda diferença no momento da partida do mundo físico!

Já o viver bem é aproveitar ao máximo aquilo que o mundo pode oferecer ao Espírito reencarnado, mesmo que isso signifique esquecermo-nos da tarefa assumida enquanto desencarnados.

Quem no seu dia a dia procura bem viver está realizando um treino diário para a despedida do mundo material, atenuando esse momento grave para todos os seres criados por Deus.

Não há como se preparar no instante da despedida se isso não foi feito durante o curso de toda uma existência.

A rainha Isabel I ilustra bem esse momento extremamente sério da vida de todos nós. Reinou perseguindo católicos e fortalecendo o anglicanismo. Destroçou a esquadra espanhola considerada à época como invencível. Protegia a um pirata chamado Drake que saqueava navios portugueses. Ou seja, como todos nós

cometeu desequilíbrios perante a Lei que a todos governa dando a cada um segundo as suas obras.

Reinou durante cinquenta anos! Nos instantes finais da sua existência lançou uma frase que se tornou célebre ao mesmo tempo em que é uma séria advertência a todos que desejam se preparar para esse momento solene da vida física: "Todo meu reino, Senhor, por mais um minuto de vida!"

Como estive no poder por meio século, poderia ter se preparado para o ato da desencarnação enfrentando com maior tranquilidade de consciência esse momento.

E a grande maioria até hoje vive dessa maneira. A morte é uma realidade que está muito distante da minha pessoa, supõe erradamente.

Quem dispõe de um calendário que garanta isso?

Provavelmente a rainha nunca cogitou desse momento da vida dela. Estive no trono por cinquenta anos. Deve ter sido contagiada pela mesma ideia de muitas e muitas pessoas dos dias atuais. A morte estava longe dela. Seria uma visão muito distante. Uma miragem. Mas, por mais que se viva no corpo material conheceremos um fim.

Não teria sido mais suave ter pensado nessa possibilidade a rainha Isabel I?

Da mesma forma, não será melhor não perdermos essa realidade da qual ninguém fugirá para podermos bem viver ao invés de viver bem?

Quem, por mais poderoso que seja, consegue adicionar um segundo à sua própria vida?

A rainha passou por essa dolorosa provação. E é

exatamente para que não sejamos submetidos a essa dor no momento derradeiro que a Doutrina Espírita nos convida a mantermos a única certeza da vida sempre presente em nossa mente, em nosso raciocínio e, principalmente, em nossas decisões e escolhas entre bem viver e viver bem.

Existe uma enorme diferença entre esses dois jogos de palavras. A diferença é tão grande que muitos são levados a pensar, senão a dizer: *tudo o que tenho por mais um segundo de existência no corpo!*

O melhor telefone

Quando uma pequena nuvem de problema tolda o horizonte de nossas vidas aqui na Terra, a lembrança do Espírito protetor assume à nossa mente.

Qual seria nessa ocasião o melhor telefone para estabelecermos contato com ele?

Antes, porém, vamos a uma breve recordação sobre alguns conceitos que nos permitem a Doutrina dos Espíritos.

O Espírito protetor é um espírito de maior evolução do que a nossa e que assume compromisso de amparar-nos em nossa caminhada aqui na Terra.

Ao contrário do que muitos pensam, o Espírito protetor não tem somente essa tarefa no sentido de ter uma exclusividade para com à nossa pessoa, junto à nossa orientação. Não. Ao mesmo tempo em que procura acompanhar nosso trânsito pela jornada terrestre, também executam compromissos outros como Espíritos que já abraçam o trabalho como uma Lei de Deus.

Quando necessitamos, está a postos para nos orientar, mas sem jamais para nos pajear! Existe nessa conduta uma definição bem clara que precisamos entender. Não fica como uma xícara ou um copo dentro de um armário que pegamos na hora em que temos necessidade. Não é “utensílio” de uso nos momentos em que julgamos necessitar.

Permanece conosco por toda nossa existência aqui na face do planeta e pode nos acompanhar no plano espiritual

após a nossa desencarnação.

Jamais abandonam a tarefa de nos inspirar. Tem pessoas que defendem a hipótese de que se afastam quando nos negamos a ouvi-lo. Mas, consideremos: se são mais evoluídos do que seus tutelados, não é mais lógico presumir que não são eles que se afastam de sua tarefa, mas nós é que o fazemos através de nossa rebeldia? Fica a ideia para ser pensada.

E os Espíritos familiares quem são?

Espíritos familiares, como o nome já sugere, são Espíritos que pertencem à mesma família espiritual nossa. Geralmente têm uma evolução parecida com a nossa. Uns um pouco mais evoluídos. Outros no mesmo nível evolutivo ou de evolução um pouco menor, porém sem grandes diferenças.

Espíritos simpáticos são aqueles que se afinam conosco de acordo com as ideias e tipo de vida que escolhemos. Daí a verdade do ditado: diga-me o pensas que eu direi com quem andas. De acordo com as ondas mentais que emitimos geradas por nossa conduta moral, os Espíritos simpáticos aos nossos pensamentos se aproximam.

Mas, mas vamos voltar ao assunto sobre o telefone.

Qual seria o melhor meio de apelarmos para o Espírito protetor?

Pensou que pela prece?

Digamos que quase isso.

O melhor meio, contudo, de “ligarmos” pedindo socorro é o trabalho no campo do bem. Sim isso mesmo! Trabalho em favor dos que necessitam mais. Que estão em situação

de necessidades maiores do que a nossa.

Se você discorda achando que é através da prece, perguntamos se o trabalho no bem não é a oração mais completa que existe.

Tem uma frase de Madre Teresa de Calcutá que diz, mais ou menos, o seguinte: as mãos que trabalham são mais poderosas do que os lábios que oram.

Lembram-se da afirmativa do apóstolo Tiago de que a fé sem obras é morta? Pois então!

Quando nos mantemos no trabalho do bem o Espírito protetor está do nosso lado atento a tudo. Não é preciso nem pegarmos o "telefone" para pedir. Ele já está presente. Vigilante. A postos para nos socorrer.

Entendamos, porém, que nos livrar das lições que as dificuldades nos trazem, não é função do Espírito protetor que participou da programação das nossas provas antes de reencarnarmos. Auxiliam-nos a carregarmos a cruz sem revolta, mas não podem retirar a cruz que confeccionamos dos nossos ombros.

Então, para que a "ligação telefônica" não demore ou encontremos a "linha ocupada", vamos trabalhar no bem em todas as oportunidades que a vida nos proporcionar e que são muitas!

Alô! Quem fala? Preciso falar com o meu Espírito protetor urgente! Estou em dificuldades!

"Meu filho"! "Pode desligar o telefone". "Já estou ao seu lado!" "Fique tranquilo!" "Apenas continue trabalhando em nome do amor ao semelhante como Jesus nos recomendou!"

São frases que ouviremos através da nossa
consciência!

Sonho ou realidade?

Os ensinamentos da Doutrina dos Espíritos é um derramar de socorro ininterrupto sobre nossas vidas. E um desses momentos em que mais precisamos dessa ajuda da Providência, é exatamente quando nos separamos de um ente querido que ultrapassa as barreiras vibratórias entre nosso mundo material e os diversos planos do mundo espiritual.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, o espírita também sofre com a partida de um ser querido. Não somos feitos de bloco de mármore. A diferença é que procuramos entender que essa separação é aparente e transitória.

Aparente porque os Espíritos também enxameiam o ambiente terrestre principalmente quando ainda não possuem a devida evolução para elevar-se em direção aos planos maiores da Vida. E transitória porque nenhum encarnado ficará nessa situação.

Os Espíritos nos ensinam essa realidade expressa na questão de número 459 do *Livro Dos Espíritos* quando ficamos sabendo que frequentemente são eles que nos dirigem! Desse modo, o ser amado que partiu antes pelo desencarne, está invisível aos sentidos do corpo físico que transitoriamente possuímos o que não significa dizer que se acabou. Está mergulhado na vida por uma determinação Divina!

E essa separação é transitória simplesmente porque nós todos também deixaremos nosso veículo carnal em direção ao mundo dos Espíritos desencarnados.

Se pertencermos à mesma família espiritual esse reencontro será ainda mais facilitado.

Entretanto, enquanto nossa partida não se verifica, a misericórdia de Deus provê outro recurso.

Quando o corpo físico adormece para a devida reparação das forças dispensadas no dia a dia do homem, o ser espiritual se vê mais livre dos laços que o prendem ao veículo carnal.

Na questão de número 401 do *Livro Dos Espíritos*, aprendemos que o Espírito jamais está inativo. Enfraquecendo a influência do corpo sobre o Espírito, esse fica bem mais livre entrando em contato com o mundo espiritual de forma mais intensa podendo, dessa forma, encontrar-se com o ser querido que partiu pelo fenômeno da desencarnação.

Assim como nos encontramos com pessoas conhecidas quando viajamos para uma cidade muito grande e, às vezes até, para outros países, podemos também nos encontrar, libertos dos laços materiais do corpo adormecido, com as pessoas queridas que nos antecederam na grande Viagem.

Quando damos essa notícia a pessoas não espíritas, mas simpatizantes das ideias espíritas, logo vem a pergunta: mas como vou saber se esse encontro realmente aconteceu ou se foi um simples sonho, um simples produto da minha imaginação?

Realmente temos sonhos que reprisam acontecimentos que vivemos juntos ao ser amado antes do seu desencarne. Como também existem sonhos que nascem dos problemas do nosso dia a dia. Com as preocupações do homem terra a terra.

Então, como saber se houve o encontro Espírito a Espírito?

Simple assim: se no sonho conversamos com a pessoa que partiu entendendo que ela já desencarnou, então, com uma boa chance de acerto podemos dizer que está ocorrendo o encontro entre o desencarnado com o encarnado desdobrado pelo sono.

Muitas vezes, é bom que se esclareça, não fica a lembrança muito nítida desse encontro, mas o encarnado acorda com a lembrança do ser querido que vem ao seu pensamento e se sente feliz, em paz, uma sensação de felicidade por motivo não definido, sentimento não presente nos demais dias.

Essa lembrança não muito clara, às vezes até mesmo sem uma recordação mais intensa, acontece porque o cérebro material quando o Espírito fica submetido ao corpo que acorda, não consegue interpretar de maneira plena a dimensão espiritual conforme encontramos na questão de número 403 do mesmo livro antes mencionado.

No capítulo *Emancipação Da Alma* encontramos todos os detalhes para que não tenhamos dúvidas de que podemos e nos reencontramos com os entes queridos na outra dimensão da vida, mesmo enquanto permanecemos no corpo material.

É a manifestação da Misericórdia Divina a todos os Espíritos, estejam ele na vida física ou quando na pátria espiritual.

O que nos impede de compreendermos melhor esse socorro que não cessa é a confusão que fazemos entre o homem físico, filho do homem, e o Espírito imortal, filho de Deus!

Espero que nessa troca de ideias você também troque de posição: aquela imagem que vemos no espelho todas as manhãs, não é o que somos, mas um mero uniforme que se desgasta dia a dia preparando o ser imortal para a liberdade de retornar ao seu verdadeiro mundo, a sua verdadeira realidade, quando então poderá reencontrar o ser querido que estará a nos aguardar para a grande festa da imortalidade!

Logo ali!

Uma senhora bem idosa, com os dedos das mãos mostrando o processo de artrose pela curvatura acentuada de alguns deles, a pele do rosto tatuado com as rugas do tempo, cabelos muito alvos como se a neve da idade os houvesse descolorido, mantinha-se sentada em um banco de um ônibus segurando-se no apoio do branco da frente para suportar os solavancos que o veículo transmitia na medida em que rodava.

Assim que o transporte público parou em um determinado ponto, subiu uma jovem carregada de pacotes e desprovida da devida dose de educação que é de se esperar de uma pessoa na convivência com os seus semelhantes, principalmente quando se trata de idosos com as angústias que a idade avançada vai trazendo àquele que avança no tempo.

Aproximou-se do banco da velhinha e, olhando por cima daqueles pacotes, todos e sem pedir licença, lançou-se pesadamente sobre o assento.

A idosa assustou-se, mas não disse nenhuma palavra.

A jovem nem olhou para o lado para dirigir algum cumprimento à companheira do banco ao lado que tivera a infelicidade de tê-la como companhia no transporte.

A idosa pensou em dizer alguma coisa em sua defesa contra os modos grosseiros da jovem, mas logo raciocinou: "Para que se vou descer logo ali no próximo ponto?"

A nossa vida também é assim. Vamos descer em algum ponto que pode ser exatamente o próximo! Ou será que

alguém tem algum calendário sinalando os acontecimentos da existência?

Quantas discussões por motivos banais que poderia ser resolvida com uma simples conversa se não sabemos se estamos perto de deixar a existência física? Quanto desgaste, quanta energia consumida em troca agressiva de palavras se não sabemos se acordaremos no corpo na manhã seguinte?

Quantas brigas de trânsito que resultam em morte por desentendimentos que poderiam ter sido contornados com diálogo esclarecedor e sem a carga de energia negativa que culmina com um crime? Podemos estar descendo no “próximo ponto”!

Quanto enriquecimento por meios desonestos com valores do mundo do qual não iremos transportar nem a moeda de Caronte (*) para atravessar o rio da morte conforme crença de povo medieval!

Quanto tempo negado aos filhos que assumimos a responsabilidade de colocar em um novo corpo e que resulta, muitas vezes, em tragédias do consumo de drogas e outros variados crimes se podemos ter que descer na “próxima parada”?

Porque passar adiante a maledicência cujo resultado pode estar nos aguardando de um momento para o outro quando chegar nosso “ponto de descer” do veículo dessa existência com consequências desagradáveis e que poderia ser evitado?

Ciúmes, discussões, brigas, desentendimentos, agressões, negar o perdão a uma ofensa recebida, não agradecer as benesses que nos abençoam, para que se a próxima parada na qual iremos saltar do “ônibus” da vida

material está logo ali?

A viagem é curta demais! O problema é que as consequências “descem” conosco na outra dimensão vibratória para um encontro complicado com a consciência!

Nossa viagem junto às pessoas é extremamente breve!

Não vamos “levar desaforo para casa”! Vamos impedir que ele exista!

Não vamos “deixar a batata assar” como dizemos nos momentos perigosos da raiva! Vamos eliminá-la do nosso “cardápio”! Afinal, batata engorda o corpo e compromete o espírito!

Todos estamos no ônibus da existência com várias paradas para a “descida” inevitável ao longo do percurso que, muitas vezes, é tão curto.

A velhinha que recebeu a falta de educação da moça jovem foi sábia! Poderia ter dado uma lição de moral naquela moça. Mas como sabia que desceria no próximo ponto, o desgaste não valeria a pena. A vida traria para a jovem desavisada das paradas e descidas obrigatórias do ônibus da existência, se tivesse tempo, as lições necessárias da própria vida.

Nessa troca de ideias vamos aproveitar para observar nossa conduta no “ônibus” da vida porque não sabemos qual será nossa situação no próximo “ponto”.

(*) Na mitologia grega, Caronte é o barqueiro de Hades, que carrega as almas dos recém-mortos sobre as águas do rio Estige e Aqueronte, que dividiam o mundo dos vivos do mundo dos mortos. Uma moeda para pagá-lo pelo trajeto, geralmente um óbolo, era por vezes colocada dentro ou sobre a boca dos

cadáveres, de acordo com a tradição funerária da Grécia Antiga. Segundo alguns autores, aqueles que não tinham condições de pagar a quantia, ou aqueles cujos corpos não haviam sido enterrados, tinham de vagar pelas margens por cem anos.

A cruz vazia

O símbolo da cruz para os espíritas evoca a vitória de Jesus em toda a grandeza da sua obra incomensurável de amor para com toda a humanidade.

A figura de Jesus sem vida preso a um instrumento de suplício utilizado há dois mil anos pelos romanos não traduz o seu triunfo sobre a morte, mas mantém fixado na memória dos homens as horas derradeiras de um Mestre que veio nos ensinar a Verdade para o Caminho da Vida imortal.

Onde estaria Jesus após a consumação do seu sacrifício pelos homens de sempre após suas palavras de que tudo estava consumado segundo a vontade de Deus?

Primeiramente, vamos recordar algumas hipóteses sobre o destino do corpo D'Ele sobre o qual ainda se lança um mistério que em nada tem a ver com a obra de um Espírito que dividiu a história da Humanidade em antes e depois D'Ele.

Uma delas é a ideia rejeitada por Allan Kardec de que Jesus teria tido um corpo fluídico sem jamais ter tido um corpo material, físico como os habitantes da Terra.

Com toda a razão o Codificador rejeitou essa hipótese porque Jesus não veio representar um teatro perante os homens. Fosse o seu corpo fluídico e nada teria sofrido desde a sua prisão até a sua morte na cruz infamante.

O interessante é que no século IV da era cristã, julgava-se que todo mal advinha do corpo e, portanto, Jesus não poderia ter habitado um corpo físico igual aos

homens da época, mas sim ter um corpo celestial que apenas passara pelo ventre de sua mãe. Lembra essa interpretação a velha ideia de que o “espírito é forte, mas a carne é fraca” numa tentativa inútil de transferir ao veículo material a responsabilidade das decisões que cabe ao Espírito imortal.

Outra hipótese sobre o desaparecimento do corpo de Jesus é de que seu veículo físico teria sido retirado do sepulcro onde José de Arimateia o havia colocado e levado para local desconhecido até os dias atuais.

Essa ideia esbarra fortemente no fato de que o sepulcro era fechado por uma pesada pedra que demandava o esforço de vários homens para removê-la, e o “detalhe” que o local ficou vigiado por soldados romanos o que praticamente impossibilitaria essa remoção do corpo para outro local desconhecido por seguidores de Jesus.

Consideramos também a hipótese de que o próprio Mestre conhecedor da ciência em toda a sua grandeza como Espírito perfeito que era, tivesse promovido Ele próprio a desintegração molecular do seu veículo carnal, o que teria provocado uma explosão suficientemente forte para remover a pedra que fechava a entrada do sepulcro, apresentando-o aberto no terceiro dia em que procuraram por Ele após a crucificação.

Mas perguntamos onde estaria Jesus após o encerramento da sua vida física no planeta.

Naquele tempo permaneceu entre os discípulos para injetar-lhes a força necessária para o prosseguimento dos Seus ensinamentos entre os homens.

Esteve presente na estrada de Emaús. Apresentou-se aos discípulos permitindo que Tomé tocasse as suas

chagas ainda mantidas em seu corpo espiritual para a devida lição. Buscou Pedro que mergulhara em profunda tristeza perguntando-lhe por três vezes se o amava e, diante da resposta afirmativa, pedindo ao apóstolo que apascentasse suas ovelhas.

Também se fez presente entre os quinhentos da Galileia e, possivelmente, em outras ocasiões de que não se tem registro.

E onde continua Jesus até os dias atuais? No inimaginável conforto das regiões espirituais que sequer conseguimos conceber assistindo à distância todas as tragédias morais e físicas presentes no planeta e entre os homens pelos quais imolou a vida física?

Absolutamente não!

Jesus está presente no leito do enfermo que lentamente se despede da existência em seu retorno à verdadeira vida.

Jesus está presente nos famintos que desfilam de mãos estendidas pelas mais diversas regiões do planeta suplicando o socorro aos que com eles cruzam, muitas vezes indiferentes.

Jesus está presente solicitando que não passemos adiante uma maledicência.

Jesus está presente nos campos de batalha dos homens que ainda não entenderam a parábola do Bom Samaritano e empunham armas para aniquilar seus semelhantes.

Jesus está presente no trânsito quando a discussão perigosa se desenha com a possibilidade de que um crime seja cometido em momentos de desequilíbrio emocional de cada condutor de um veículo.

Jesus está presente quando uma corrupção se apresenta apelando através da consciência do corruptor para que não consuma o fato que gerará compromissos futuros dolorosos.

Jesus está presente em cada abrigo de velhos ou de crianças abandonadas que se despedem ou ingressam na existência material em meio a dificuldades lamentáveis.

Jesus está presente nos lares onde reina a desarmonia entre os casais e em relação aos filhos que não encontram nos pais o tempo necessário para o diálogo indispensável.

Jesus está presente junto àquela mãe que vela pelo sono do filho pequenino e enfermo.

Jesus está presente no jovem totalmente desorientado pelo consumo de drogas que matam o corpo e maculam o Espírito.

Jesus está presente em cada lugar onde uma arma se levante empunhada por alguém em grande desequilíbrio para ferir ou tirar a existência física de outra pessoa.

Jesus está presente onde cada animal que é também criatura de nosso Pai é submetido a maus tratos pela maldade ainda existente em cada coração insensível.

Jesus está presente onde um ato extremado de suicídio se apresenta para ser consumado por um Espírito em completo desconhecimento de que a vida criada por Deus não pode jamais ser interrompida.

Jesus está presente entre os governantes dos mais diversos países para que a paz impere entre os povos que nada mais são do que irmãos perante a Divindade.

Jesus está presente em todos os locais de sofrimento

na dimensão espiritual levando o socorro ininterrupto aos desencarnados envolvidos com os conflitos da consciência.

Enfim, são tantos os locais que solicitam a presença d'Ele, que Jesus não tem tempo de ficar pregado a uma cruz como a representação da Sua pessoa é sugerida por algumas religiões.

Ele trabalha até hoje porque o Pai trabalha também na ampliação desse Universo onde a nossa frágil inteligência descobre uma nova estrela a brilhar na constelação sem fim.

Por isso tudo e por muito mais que cada um pode nomear, a cruz do espírita está vazia. Jesus não está mais nela há milhares de anos!

Ele está ao nosso lado como prometeu até que tudo se cumpra conduzindo ao rebanho do Divino Pastor até a última ovelha tresmalhada!

O Jesus “guerreiro”

Confesso que é muito estranho colocar a palavra “guerreiro” ao lado do nome d’Ele, mas espero explicar o mais rapidamente possível essa expressão.

Sabemos que os judeus até hoje não reconhecem a figura de Jesus como o Messias que Deus enviaria a Humanidade.

Ficamos a pensar como isso pode ser possível se Ele dividiu a história em antes e depois d’Ele enquanto tantos conquistadores que dominaram vasta extensão do mundo em suas épocas, foram tragados pela voragem do tempo.

Onde está agora Alexandre, o Grande, um dos maiores conquistadores de todas as datas, senão o maior que a história registrou? Apenas em livros que registram seus feitos.

Onde está Nabucodonosor, rei da Babilônia senão em anotações históricas?

Alarico I, Alarico II, que terminou a sua recuperação moral na reencarnação ocorrida no século XX na expiação do mal de Hansen, tem sua trajetória trágica apenas em registros históricos, tragados que foram pelo passar das eras.

Onde está o poderio dos exércitos romanos e as regiões e povos dominados?

E, dessa maneira, todos os outros conquistadores que desfilaram pela humanidade semeando sua fúria de conquista interrompida pela morte física.

No entanto, Jesus, o Cordeiro de Deus manso e pacífico persiste dividindo a história do homem!

Como então o povo judeu espera ainda por um Messias?

Esse povo veio de muitos cativeiros escravizados que foi, somente conseguindo a libertação pela violência.

Do domínio de mais de quatrocentos anos no Egito, conseguiu se livrar o povo hebreu através das pragas de Moisés, ou seja, pela violência.

No ano de 721 a.C. o povo judeu caiu sob o domínio dos assírios ocasião em que desapareceram dez das doze tribos de Israel!

Em 596 a.C. foram dominados por Nabudonosor que os levaram cativos para a Babilônia de onde saíram quando o rei foi derrotado por Ciro II, ou seja, através da violência.

Em 332 a.C. caíram diante do poder de Alexandre, o Grande e conheceram outro período de escravidão do qual foram libertados pela violência.

Finalmente no ano de 63 a.C. veio o domínio do povo romano e tentaram a libertação através de sete insurreições, tendo sido derrotados em todas elas pelo poderio dos exércitos romanos.

Está nesse breve resumo o motivo pelo qual esperavam um Messias guerreiro, senhor de exércitos que esmagaria o poderio do escravizador.

Ao invés disso conhecem a figura meiga e doce do profeta Nazareno que recomenda amar ao inimigo, perdoar quantas vezes forem necessárias a quem ofender, reconciliar com o adversário, o amor a Deus sobre todas as

coisas e ao próximo como a si mesmo.

O povo judeu ficou convencido de que aquele homem não poderia ser o Messias que tivesse o poder de libertá-lo das garras dos dominadores.

Por esse motivo também Judas Iscariotes tentou numa decisão infeliz entregar o seu Mestre aos soldados na vã ilusão de que Ele convocaria exércitos celestes que aniquilariam o poder dos exércitos romanos. Judas havia presenciado a força do seu Mestre em curar a tantas pessoas livrando-as dos males físicos. Se utilizasse o mesmo poder, pensava Judas, para evocar as forças celestes depois que se visse prisioneiro, o povo dominador seria esmagado com a mais absoluta certeza.

Estava equivocado como até hoje estão os judeus por todo esse tempo que transcorreu entre a vinda do Amor à Terra para ensinar que somente através d'Ele podemos chegar ao Pai, à felicidade, e à paz que tanto desejamos!

Os vários porquês

Na vida o ser humano encontra ocasião para propor à Providência Divina vários porquês!

Por que estou passando por tal situação? Por que perdi meu ente querido? Por que a dificuldade financeira que me visita? Por que não encontro emprego? Por que meu marido não me compreende? Por que minha esposa não é a mulher que idealizei para companheira? Por que meus filhos dão tanto trabalho? Por que tenho um patrão tão ruim? Por que não consigo comprar um carro? Por que não conquisto a minha casa própria? Por que os problemas de saúde que me acompanham por uma vida inteira?

O leitor pode acrescentar por sua conta os muitos outros “porquês” que lhe ocorrerem à mente.

Um “porquê” bastante na moda hoje que a pandemia do coronavírus visita a Humanidade é sobre o motivo de tal calamidade! E acrescenta ainda o ser humano o “por que” ele tinha que estar na Terra exatamente quando isso acontece ao planeta!

Agora me permita fazer algumas perguntas.

Você já ouviu alguém dizer assim: “Meu Deus! Por que justo eu fui ganhar no primeiro prêmio da loteria sozinho?! Tanto dinheiro só em minhas mãos?! Não é justo!”

Já ouviu alguém fazendo tal ponderação?

E frase como essa você já escutou: “Ó! Meu Deus! Por que tinha que ser premiado com uma viagem internacional com tudo pago?! Tinha muitas outras pessoas

concorrendo! Por que eu fui ganhar?"

Essa "lamentação" você já ouviu?

Ou então, essa outra: "Não é justo eu ganhar o carro da rifa que comprei! Tinha que ter saído para outro ganhador! Outras pessoas também compraram!"

Esse "protesto" contra Deus você já ouviu uma única vez em sua vida?

"Por que tenho tanta saúde enquanto muitos padecem em seus leitos de dores?"

"Por que ganho tão bem enquanto muitos nem emprego possuem?"

"Por que possuo sempre o carro do ano e outras pessoas nem uma bicicleta podem ter?"

"Por que moro numa mansão e pessoas vivem em favelas?"

Já ouviu questionamentos como esses?

Já sabemos a resposta não é mesmo?

Quando as coisas vão bem para o homem físico, não existe protesto mesmo que esse "bem" represente um mal para o Espírito imortal!

Mas quando o menor contratempo aparece no céu da existência do homem material causando as mínimas preocupações, são lançados em direção a Deus os inúmeros "porquês" que conhecemos em abundância.

Vamos utilizar a última existência de um Espírito redimido perante si mesmo no século XX que também teve seu momento de perguntar a causa dos seus imensos

sofrimentos.

Jésus Gonçalves! Quem não conhece, não é mesmo?

Ele sofreu profundamente vitimado pelo mal de Hansen, ou seja, a lepra que no século passado em sua primeira metade pelo menos, exigia que o leproso fosse isolado da sociedade onde vivia.

Jésus tinha uma vida difícil de muito trabalho desde a mocidade, mas mantinha-se muito bem-humorado exercitando suas possibilidades para agregar as pessoas. Foi casado e pai de seis filhos, sendo que dois deles, na realidade, seus enteados.

Com todos esses filhos para cuidar, ele se viu atingido pelo terrível mal que naquela época não tinha cura. Era segregação em leprosários até o término da existência. E foi o que aconteceu com ele.

Internado no sanatório de Pirapitingui e mergulhado inicialmente em ideias materialistas, foi convencido sobre a imortalidade após uma mensagem da sua segunda esposa, Anita, após a desencarnação dela, revelando a ele que a morte não existia e que a vida continuava sim!

Contam também que um determinado dia, como estivesse com muitas dores, lançou uma espécie de desafio diante de um copo com água dizendo que, se Deus existisse, em cinco minutos Ele deveria colocar naquele recipiente um remédio que aliviasse suas dores. Depois de cinco minutos tomou o líquido e obteve alívio para o sofrimento consequente às dores de que estava sofrendo.

Você deve estar pensando como o Criador permitiu essa espécie de desafio por parte de Jésus Gonçalves. É que para ele chegava o momento de sua redenção perante

sofrimentos intensos que marcaram seus dias na Terra. Jésus estava na posição da fruta que amadurecera e estava no ponto de ser colhida pelo Divino pomicultor. Por isso seu desafio foi atendido para oferecer-lhe mais uma prova da existência do Pai.

A partir desses dois fatos Jésus Gonçalves se agigantou diante do sofrimento e mesmo começando a ficar cada vez mais desfigurado pela doença, não desistiu. Seu nariz foi sendo destruído pela enfermidade. Suas orelhas engrossaram. Seus pés e mãos foram afetados pelo mal de Hansen, de modo que, do jovem forte e belo de anos anteriores praticamente nada sobrou.

Mesmo nessas condições de ruína física, não esmoreceu. Fundou o Centro espírita Santo Agostinho no interior do leprosário e desenvolveu diversas atividades sempre com o objetivo de aliviar as dores dos companheiros de infortúnio vitimados pela lepra como ele.

Um dia também Jésus lançou o seu “porquê” perante a Justiça cósmica. Gostaria de saber o motivo de tanto sofrimento naquela existência se havia sido uma pessoa boa.

Foi então informado pelos Espíritos que acompanhavam a sua saga redentora de que em existências anteriores, no início da era cristã, havia, por duas vezes, reencarnado como um conquistador sanguinário que espalhava a morte e o terror por onde passava, semeando a terra com a orfandade, a viuvez, a morte de centenas de pessoas, destruindo aldeias pobres e miseráveis nas guerras de conquistas.

Tinha sido Alarico I e, logo em reencarnação seguinte, Alarico II, rei dos visigodos.

Não bastassem essas duas existências, Jésus também tinha sido o famoso cardeal Richelieu no século XVI que havia dominado o próprio rei com a sua astúcia, fomentado guerras e outros desatinos que vieram custar-lhe muito caro no século XX na pessoa de Jésus Gonçalves e sua provação na lepra.

Aquela informação trouxe a paz à sua consciência levando-o a se empenhar cada vez mais para aproveitar as provas que se apresentavam a ele como mecanismo de sua educação moral.

Estou querendo dizer com tudo o que foi escrito de uma forma a mais resumida possível de que sempre os sofrimentos do presente, têm ligação com o passado de quem sofre?

Absolutamente não! Esses sofrimentos podem também ter começo em atitudes da vida atual.

Por exemplo, muito se perguntam por que nessa pandemia que assola a face do planeta semeando a morte e o sofrimento, muitos contraem o vírus enquanto a maioria passa de maneira ilesa pelo mesmo mal.

Os atingidos seriam sempre Espíritos em resgate por débitos anteriores?

Evidente que não. Muitos contraem a enfermidade por condutas da existência atual. Alguns porque se previnem de maneira inadequada se expondo à doença. Outros aprendem através desse mal a importância da convivência familiar que até então não consideravam. Outros são despertados para o valor de um abraço. Vários contaminados são despertados para o valor da existência após se aproximarem do momento grave da desencarnação modificando a maneira de encarar e

proceder diante da oportunidade de viver. Ou seja, nem sempre existe um vínculo com o passado. Os motivos estão no momento atual de suas vidas.

Eurípides Barsanulfo, o apóstolo de Sacramento, desencarnou vítima da gripe espanhola em 1918. Estaria expurgando erros do seu passado? Um Espírito daquela envergadura moral, evidente que não. A enfermidade foi somente o meio que o levou de volta ao mundo dos Espíritos sem a necessidade de possuir causa em existências anteriores.

Mas então, nessa troca de ideias, como ficamos? As razões dos sofrimentos possuem ligação com o passado do sofredor ou pode ter causas na existência atual?

Creio que a resposta está clara o suficiente nas linhas que foram traçadas até aqui.

Não é necessário lançar nossos porquês em direção à Providência Divina. Basta ter a coragem e honestidade suficiente para analisar a própria consciência e obteremos as respostas que buscamos em nós mesmos.

Existe uma conduta que auxilia muito ao buscarmos respostas para determinados fatos de nossa vida sem a necessidade de dirigirmos perguntas ao Criador. Fique diante de um espelho e interrogue a figura que você vê sobre os porquês dos problemas que despontam em nosso dia a dia. Se não encontrar respostas na sua existência atual, com certeza as explicações remontam ao passado de cada um pelo simples fato de que a Justiça perfeita impera no Universo caminhando junta à Misericórdia de Deus!

Se chegar a essa última conclusão, procure aproveitar as lições que chegam pela via do sofrimento a convidá-lo a uma modificação profunda de você mesmo.

Se nesses momentos que todos temos sentir-se fraco, sem a vontade de lutar de um J3sus Gonçalves, lembre-se da frase do grande ap3stolo Paulo: quando estou fraco 3 que sou forte. 3 que ele sentia-se na presença de Deus nos momentos das maiores prova3es, da mesma forma que um filho doente est3 mais pr3ximo dos cuidados dos pais.

A que dist3ncia da Provid3ncia Divina estaremos em nossos sofrimentos?

A minha dor, a nossa dor!

Passamos, eu e a minha esposa, pelo desencarne de um filho de 39 anos. Moço inteligente na profissão que escolheu, de uma beleza física que chamava a atenção e também de boa moral, mas que não suportou o quadro depressivo que apresentava quando a vida começou a apresentar em seus caminhos os problemas que foram surgindo.

Tentamos várias maneiras de auxiliá-lo. Dizer que fizemos de tudo lembra-me uma conotação de perfeição. Só faz tudo quem é perfeito. Um Espírito completista consegue fazer tudo, o que não é o nosso caso. Longe disso! Prefiro dizer que fizemos aquilo que nossas imperfeições permitiram que fizéssemos. Internação em hospitais, socorro de várias religiões, medicações, psiquiatras, psicólogos, apoio materno com quem era muito identificado e apoio paterno em outros sentidos que no momento tornaria a narrativa muito longa e, talvez, cansativa o que não é nosso objetivo.

Para trocarmos ideia sobre essa dor que somente quem passa é capaz de imaginar, vou me utilizar de uma página do Espírito Joanna de Ângelis, através de Divaldo, contida no livro *Desperte e seja Feliz*, na página *Dor-Reparação*, editora LEAL, 10ª edição, ano de 2007.

Os ensinamentos de Joanna colocarei em itálico para diferenciar das minhas palavras.

Quando a morte física visita a sua vida na pessoa de um ente querido invertendo a lei biológica, no dizer da própria Joanna, é a dor mais intensa que um ser humano

pode conhecer.

Essa dor tem uma característica que não nos apercebemos no momento agudo do acontecimento. Ensina Joanna que *essa dor é pessoal, intransferível, que ninguém pode compartilhar.*

Quando nos atinge, desejamos que os outros a compreendam, a sintam, principalmente as pessoas mais próximas, não em sentido egoísta de transferência do sofrimento, mas como um mecanismo de aliviar a pressão emocional gigantesca que ameaça explodir os sentimentos dos que são vitimados.

Entretanto, *não é possível! Há experiências que necessitam ser vividas, para mais bem dimensionadas. Cada criatura conduz a própria dor e está preocupada com o fardo que a esmaga.*

Quando nos apercebemos que a partilha dessa dor é impossível, passamos a alimentar a ideia de que somos a criatura que a “má sorte” escolheu para ferir.

Nossa dor é a maior do mundo? Não! Não é! Nosso desconhecimento das dores alheias é que nos traz esse pensamento egoísta. Como coloca Joanna, *supões que o teu é um calvário demasiado e que tudo de aflitivo te acontece. Assim crês, porque ignoras os testemunhos dos demais.*

É até mesmo sábio o fato de nosso semelhante mais próximo à nossa dor não senti-la em toda a sua intensidade porque cada um tem os seus problemas a resolver e suas dores a suportar. Se houvesse uma somatória dos nossos sentimentos particulares aos sentimentos daqueles que estão ao nosso lado, em nosso nível evolutivo, não suportariam! Só sintoniza a

profundidade e extensão da dor do outro os Espíritos muito evoluídos como o Chico que chorava junto com as mães que lamentavam a desencarnação de seus filhos e suportava esse compartilhamento, mesmo com o coração problemático que tinha. Aliás, esse trabalho missionário foi quem conferiu a ele várias moratórias.

Como ensina Joanna, *ninguém passa pela Terra sem a presença da agonia, que sempre surge para cada um consoante a necessidade do resgate em que se encontra incurso.*

Dias depois do desencarne de meu filho, encontrei um amigo que me disse que se fosse com ele, estaria a gritar pelo mundo sua dor, sua revolta. Eu perguntei a ele se caso eu subisse no mais alto dos telhados e atirasse as telhas para baixo, isso traria meu filho de volta. Respondeu que não, mas que teria atitude semelhante a essa ou até pior do que essa.

Retorno com Joanna quando ela ensina que *a rebeldia torna-a (a dor) insuportável; a desesperação fá-la maior do que é; o desânimo conspira contra a sua superação; a mágoa apresenta-a mais rude...*

Graças aos ensinamentos da Doutrina Espírita também não fiquei fazendo suposições, hipóteses, para o acontecido. Tenho absoluta certeza de que o sofrimento que nos chegou está envolvido com um planejamento prévio à nossa atual existência. Deus não erra o endereço de ninguém. A Justiça é perfeita e sempre acompanhada pela Sua misericórdia.

Continuando com Joanna, *aprendemos que existe a dor-elevação, a dor-conquista, a dor-resgate. A tua é resgate, sim, que o teu amor não conseguiu evitar.*

E é isso mesmo em meu caso, tenho absoluta certeza. Se tivesse amado em outras existências no corpo, não teria assumido tal promissória. Sim. No meu caso uma dívida a ser saldada na conta da vida porque não tenho evolução suficiente para ter me oferecido para ajudar esse meu filho a superar a alternativa do autoextermínio. Por isso só me cabe continuar seguindo as recomendações dela quando afirma que devemos amar. *Desveste-se das prevenções e do pessimismo, da autocompaixão e da revolta surda, amando mais, e conseguirás com rapidez e harmonia.*

O que me sobressai nessas últimas linhas da nobre Mentora é o sentimento da autocompaixão onde assumimos a ideia de que somos coitadinhos injustiçados ou esquecidos do Amor de Deus. Não e não! Esse posicionamento nos paralisa nas lutas que continuam a existir após a partida do ser amado que continua a viver e a depender de nossos sentimentos construtivos na outra dimensão da Vida. Se continuamos a amá-lo, precisamos demonstrar isso em nosso dia a dia de resignação e continuidade na caminhada evolutiva acreditando no reencontro futuro.

No teu processo de resgate, porque amando, mais amenas têm sido as provações, pois que, igualmente recebes ajudas incomuns, que somente poucas pessoas conseguem. Num balanço justo, a tua coleta de favores divinos é muito maior do que o testemunho de lágrimas e dores.

Por mais paradoxal possa parecer, é exatamente isso que acontece com a *balança* de Deus. Não fosse assim, não suportaríamos as expiações e provas que nos visitam na escola da Terra.

Por isso que *aquelas lágrimas que vertes e as dores que carpes poderão ser amenizadas, se mudares de paisagem mental e começares a agradecer a Deus, louvando-O através da oração.*

Precisamos tomar muito cuidado diante do desencarne de um ente querido atentando para a seguinte realidade: *se sofreu com resignação e amealhou benefícios retirados do sofrimento, a sua dor-resgate brinda-o com os reencontros felizes e as alegrias a que faz jus.*

É o que eu e minha esposa temos tentado com os conhecimentos da abençoada Doutrina dos Espíritos entendendo que *se, no entanto, não foi suportada com o aprumo e a elevação necessários, prossegue, porque dívida não paga ressurgem com juros que a aumentam.*

E não é isso que queremos para nós, não é mesmo?

Então, mãos à obra! Ou melhor, coração no bem ao próximo!

Nossa estrada de Damasco

Sim, precisamos encontrar Jesus! Por onde andar^á nossa estrada de Damasco?

Paulo, enquanto Saulo da cidade de Tarso foi terrível perseguidor dos cristãos. Tão cruel que foi o responsável pelo primeiro mártir do Cristianismo, na figura de Estevão, irmão de sua noiva Abigail.

Seguindo para Damasco em busca de Ananias que tinha levado as verdades do Evangelho à sua noiva Abigail, foi interrompido por uma luz mais forte do que o sol terrível do deserto que lhe impôs uma cegueira imediata e de onde provinha aquela voz inesquecível que perguntava a ele, Saulo, qual o motivo de sua perseguição aos cristãos. O representante fiel aos ensinamentos de Moisés não resistiu a essa luz, caiu do animal que montava e prostrou-se por terra na areia escaldante e dali levantou-se para ser o maior divulgador das mensagens da Boa Nova aos povos gentios. Não fosse por ele e a mensagem do Mestre teria ficado asfixiada no seio do povo judeu. Foi necessário esse encontro. Saulo precisou encontrar-se com Jesus para levantar-se Paulo!

Joanna de Cusa, casada com um funcionário graduado (procurador de Herodes) dos poderes da época, após seu encontro com Jesus, passou a segui-Lo primeiramente à distância por recomendação do próprio Mestre para que ela não se afastasse de suas responsabilidades familiares. Depois, chegou ao testemunho com a sua morte na fogueira com que comprovou juntamente com um dos seus filhos, a sua fidelidade a Ele. Joanna necessitou encontrar-

se com Jesus para culminar com o sacrifício da própria vida a sua entrega a Jesus.

Maria de Magdala que segundo Chico não era uma meretriz, mas uma pessoa atormentada por um processo obsessivo, necessitou de encontrar-se com o Mestre que passou a amar, o Raboni que ela procurou no terceiro dia junto ao sepulcro vazio para que entregasse a sua vida a cuidar de leprosos em nome D'Ele.

Pedro, mesmo tendo-o negado por três vezes, conseguiu fidelizar o seu amor ao Mestre quando interrogado por três vezes se O amava, respondendo afirmativamente e dando continuidade à sua tarefa como o pilar mestre onde Jesus depositou sua confiança no prosseguimento da divulgação das notícias alvissareiras do Evangelho.

Judas, mesmo tendo sido objeto da traição conhecida, deu prosseguimento à quitação de sua consciência através de reencarnações dolorosas onde redimiou-se perante si mesmo, culminando a quitação de sua consciência com a existência como Joanna d'Arc na França do século XV.

Francisco de Assis por ter escutado a voz do Mestre que pedia a ele a restauração da sua Igreja, abandonou os valores do mundo e em extrema pobreza e vitimado por várias enfermidades e sofrimentos atrozes, tornou-se o Irmão Alegria que cantava exultante as glórias de servir ao seu Mestre amado!

É indispensável esse encontro com Ele para modificarmos nossas vidas. Para optarmos pelo amor de forma definitiva!

Madre Teresa de Calcutá encontrou-se com Jesus!

Irmã Dulce encontrou-se com Jesus!

Albert Schweitzer encontrou-se com Jesus!

Chico Xavier encontrou-se com Jesus!

Divaldo Franco encontrou-se com Jesus!

E onde estará nossa estrada de Damasco que não conseguimos encontrá-Lo? Quantas idas e vindas através de tantas reencarnações nesses dois mil anos de cristianismo sem que consigamos nossa estrada de Damasco para levantarmos outro Espírito como fez Paulo?

Onde está Jesus que não conseguimos enxergá-Lo para que também modifiquemos nossas vidas como o fizeram os vultos grandiosos do cristianismo?

Será que existe algum fundamento na ideia daqueles que defendem a volta do Mestre a um novo corpo material para que, finalmente, possamos ter nosso encontro com Ele?

Ou a resposta estaria numa passagem do Evangelho de Mateus?

Vamos dar uma olhadinha?

“Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;³⁶ Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver.

³⁷ Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber?

³⁸ E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos?

³⁹ E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te?

⁴⁰ E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.”

Eis porque não conseguimos nosso encontro com Jesus! Eis aí porque não encontramos nossa estrada de Damasco!

Jesus está dentro do lar na figura da esposa que precisamos compreender sem que queiramos que ela seja exatamente segundo a nossa vontade, mas da maneira como o livre arbítrio dela permite escolher.

Jesus está no lar junto aos filhos que assumimos o compromisso de encaminhar pelo caminho do bem.

Jesus está no lar visitado pela morte onde podemos enxugar lágrimas com mensagens de bom ânimo.

Jesus está no trânsito complicado de nossa cidade pedindo-nos paciência.

Jesus está na criança que esmola nos sinaleiros das grandes metrópoles.

Jesus está debaixo das pontes onde vivem abaixo da crítica aqueles que não possuem um lar como o nosso.

Jesus está ao lado do faminto junto aos quais passamos indiferentes porque não conhecemos a dor da fome.

Jesus está naqueles que caminham seminus enquanto nosso guarda-roupas possui peças sem uso.

Jesus está junto daqueles que sangram os pés descalços enquanto armazenamos pares de sapato sem utilidade.

Jesus está junto àquele que dorme sobre sarjetas frias nas noites de inverno rigoroso enquanto nos agasalhamos da melhor maneira em leitos limpos e confortáveis.

Jesus está naquele que esmola pelas ruas invisíveis aos olhos daqueles que possuem o necessário para uma vida digna.

Jesus está junto ao vizinho que nos importuna dando oportunidade de exercitarmos a paciência.

Jesus está junto àqueles que nos ofendem proporcionando-nos as lições para aprendermos a perdoar.

Não precisamos nos estender mais para compreendermos porque vivemos fugindo da nossa estrada de Damasco e do nosso encontro com a figura do Mestre ignorando aqueles que nos antecederam nas existências em que exemplificaram o caminho da estrada de Saulo de Tarso.

Continuaremos na rota que temos escolhido por inúmeras reencarnações ou ainda existe alguma chance de modificarmos nosso roteiro?

Damasco que significa cidade do jasmim é a capital da Síria. E a nossa Damasco você tem ideia de onde fica? Sim! Claro! Todos têm uma Damasco como iremos trocar ideias.

Se tivéssemos o mérito de encontrar Jesus e Ele nos orientasse para dirigirmo-nos para a nossa Damasco, será que atenderíamos tão sublime convite?

É evidente que não temos nem de longe as condições de Saulo que pode ver uma luz mais intensa do que o próprio sol do deserto e ouvir uma voz a orientá-lo a ir para Damasco. Esse homem que após as escamas dos

seus olhos materiais e espirituais caírem, se transformou no maior divulgador do cristianismo que os judeus queriam reter somente para eles, muito sofreu na Terra para cumprir sua missão.

Foi feito prisioneiro várias vezes, chicoteado a tal ponto de ser jogado em um monte de lixo com a costela fraturada sendo socorrido pelos servidores da Casa do Caminho; desprezado pelos próprios familiares e pelo povo da sua nação, tendo perdido toda a sua condição como futuro grande membro do Sinédrio com um futuro brilhante pela frente; perdeu o grande amor de sua vida na pessoa de sua noiva Abigail; perdeu tudo o que o mundo dos homens tinha a lhe oferecer. Entretanto tinha qualidades para ter o mérito de ouvir a voz de Jesus a apontar-lhe o caminho de Damasco.

Por esse breve resumo que se amplia e aprimora de uma maneira muito grande no livro ditado por Emmanuel intitulado *Paulo e Estêvão* pela mediunidade de Chico Xavier, já temos a certeza absoluta de que não temos a mínima condição de ter um contato com Jesus para que vejamos apontada a nossa Damasco por Ele próprio.

E por lembrarmos de Emmanuel, é automático vir à nossa mente o orgulhoso senador romano à época do Mestre, Públio Lentulus, que também teve a oportunidade deslumbrante de encontrar-se pessoalmente com Jesus encarnado e receber o convite direto D'Ele para segui-Lo! E apesar dessa oportunidade inesquecível para o senador entregue ao orgulho da época, o poderoso representante romano cai por terra de forma incontrolável diante da grandeza espiritual do Messias enviado pelo Pai aos homens da Terra naquele tempo. Apesar de convidado, optou pelos bens terrenos que a sua posição lhe proporcionava.

Mas, em apenas cinquenta anos depois Emmanuel retorna como o escravo Nestório a iniciar seu caminho para o alto atendendo ao convite recusado meio século antes. Um tempo muito breve se compararmos aos milênios de lutas em que teimamos em não aceitar o mesmo convite.

Já vemos também por esse pouco tempo que Emmanuel necessitou para reformular as suas escolhas e a sua vida, que não temos nenhuma condição de nos encontrarmos com Jesus para sermos orientado a buscar nossa Damasco.

E como ficamos então? Ninguém a orientar-nos em nossa cegueira espiritual que já vem há milênios? Se não temos nenhuma possibilidade de um encontro com Jesus, ficamos como barco à deriva? Absolutamente, não! Segundo Ele próprio, nenhuma ovelha que o Pai lhe confiou se perderá.

Espíritos amigos em nome do governador do planeta Terra têm planejado de maneira incansável essa nossa rota para nossa Damasco. Não é por falta de roteiro e sugestão que não temos chegado ainda até ela. Fugimos porque desejamos continuar com as escamas nos olhos espirituais "cavalcando" o orgulho, o egoísmo e a vaidade. De certa forma reagimos como o senador Públio Lentulus! Optamos pelos valores e prazeres do mundo dos homens. Não queremos nos ver livres das escamas dos nossos olhos espirituais, as mesmas que caíram dos olhos de Saulo quando ele resolveu decisivamente a transformar-se em Paulo.

Mas onde afinal está a nossa Damasco?

Todos têm uma Damasco que se repete a cada reencarnação que a misericórdia de Deus nos permite ter em um novo corpo físico.

Saulo ouviu a recomendação de Jesus saindo da cegueira física e espiritual para a luz plena da vida eterna.

Emmanuel necessitou apenas de cinquenta anos para seguir o Mestre cujo convite havia recusado na última reencarnação.

Há quantos séculos ou milênios estamos resistindo?

Nosso "Ananias" está no plano espiritual planejando cada volta nossa à escola da Terra.

Das esferas celestiais Jesus busca-nos através dos seus mensageiros a recomendar repetidas vezes para que sigamos até a nossa Damasco.

Trata-se de estarmos dispostos de maneira decisiva a mudarmos o rumo da nossa história como Espíritos imortais ou permanecer no deserto de nossos sofrimentos aguardando por novas oportunidades em companhia da consciência endividada por nossas escolhas e atitudes.

A caixa de laranja

Uma senhora espírita estava muito preocupada com suas imperfeições. A Doutrina Espírita tem essa peculiaridade de despertar a consciência que muitos procuram deixar adormecida ou “amordaçada” para poder viver os prazeres dos valores do mundo. É a opção pelo viver bem porque a vida é curta ao invés de bem viver. Grande engano porque a vida é extremamente longa para o Espírito. Somos imortais! Temos como calendário a eternidade! O que é muito curta é a existência corpórea que não passa de um sopro.

Com esse incômodo a cobrar-lhe a consciência, a senhora espírita resolveu dirigir-se a um orientador do Centro que frequentava e expor-lhe essa angústia em que se via mergulhada.

Expôs ao amigo a angústia que aflorara em seus pensamentos absorvendo seus pensamentos do dia a dia.

O encontro com o autoconhecimento que propõe a Doutrina Espírita traz dois grandes riscos contra os quais precisamos estar de sobreaviso.

Ao descobrir a quantidade de imperfeições que ainda nos caracterizam como habitantes de um mundo de provas e expiações, a pessoa pode cair em um extremo de assumir seus defeitos e teimar em continuar com eles afirmando que é daquele jeito mesmo, que de nada adianta lutar contra suas imperfeições, que vai assumir o que realmente é e ponto final!

Esse é um dos extremos em que a pessoa pode

mergulhar. Sem dúvida nenhuma uma opção lamentável semelhante ao aluno que inicia seus estudos e ao concluir que ainda não sabe nada, desistir de estudar. Ora, se nascêssemos sabendo, não precisaríamos estar na escola da Terra. Estamos aqui exatamente porque temos muito a aprender. Necessitamos desse aprendizado para sair da ignorância moral para a perfeição que nos aguarda.

O outro extremo muito perigoso do autoconhecimento é a pessoa cair em processo depressivo ao constatar o pouco desenvolvimento moral que possui. Nessa posição é convidado a desistir da luta o que é extremamente lamentável. A falta de evolução deve ser um convite ao progresso espiritual e nunca um chamado para a desistência porque ainda falta muito. Nesses momentos de falta de forças para lutar é preciso lembrar dos ensinamentos de Jesus entre os quais encontramos a afirmativa de que poderemos fazer tudo o que Ele fazia e, até mesmo, muito mais!

Mas aquela senhora ainda não tinha caído em nenhum dos dois extremos. Desejava uma orientação. Queria lutar pelo aperfeiçoamento e desejava um amparo nesse sentido. Lembrava-se constantemente dos ensinamentos de Santo Agostinho que orientava repassar os acontecimentos do dia antes de adormecer à noite e procurar fazer uma análise das escolhas feitas, propondo-se a não repetir os mesmos erros no dia seguinte.

O companheiro do Centro percebeu a preocupação daquela senhora companheira das atividades espíritas e convidou-a a dirigir-se até à cozinha que havia naquele local destinado a produzir a sopa fraterna que era servida aos mais necessitados.

No ambiente em que entraram havia uma caixa repleta

de laranjas até a parte de cima do recipiente.

O amigo pediu àquela senhora que colocasse a caixa toda de laranjas sobre o balcão para produzir o suco a ser distribuído entre as pessoas que seriam atendidas.

A senhora observou bem o tamanho da caixa e respondeu-lhe que não conseguiria levantar aquela caixa até a altura da mesa. Só seria possível a ela ir colocando as frutas aos poucos sobre o balcão.

O amigo sorriu e passou a explicar-lhe que com Deus em relação às nossas imperfeições se passava o mesmo.

– Como assim? – indagou a senhora.

– Considere a caixa de laranja como as imperfeições que carregamos. O Criador sabe muito bem o peso que transportamos devido a nossa invigilância. Jamais Ele esperaria que eliminássemos todos os nossos deslizes morais em apenas uma única existência que, muitas vezes, é bastante curta. Seria muito “peso” para erguermos à semelhança do recipiente onde estão as frutas. Aos poucos vamos retirando em cada existência na carne aquilo que a consciência nos cobra. É exatamente por isso que temos inúmeras oportunidades através da reencarnação.

– Mas, que fazer então? Quais meus defeitos que devo eliminar de maneira mais rápida? É tudo muito confuso! – retrucou a mulher.

– Fique tranquila. Fazendo uma análise dos erros que se repetem com mais frequência ou aqueles que incomodam mais as pessoas com as quais convivemos, podemos escolher dois ou três problemas para focar neles nossa luta. Como a maior batalha da vida é contra nós mesmos, a Doutrina espírita nos proporciona os meios de

nos orientarmos nessa espécie de “guerra” do bem contra o mal que ainda reside em cada um de nós.

Diante do silêncio da senhora que ficara pensativa, o amigo voltou a completar:

– Se tivermos dúvidas ou dificuldades para escolher os defeitos que devemos combater mais rapidamente, vamos aplicar a orientação de Jesus e nos colocar do outro lado da questão, ou seja, o que incomodaria mais a nossa pessoa se tivéssemos que conviver com alguém que apresentasse as nossas imperfeições? Fazendo assim, devemos dar combate àquelas que nossa consciência nos apontar. Sendo o reflexo de Deus em nós, a consciência sempre ditará o mais correto desde que nos dispomos realmente em consultá-la com coragem e verdade. Dessa forma iremos retirando uma a uma as imperfeições que carregamos semelhante as frutas que se encontram na caixa pesada que não conseguimos erguer de uma só vez, minha amiga. Retirar uma a uma as laranjas. Retirar uma a uma as imperfeições com uma imensa diferença: a caixa conseguiremos erguer em pouco tempo. As imperfeições conseguiremos eliminar existência a existência, paciente e vagorosamente sem nos entregarmos, entretanto, ao desânimo.

É assim que a Providência Divina espera que esvaziemos nossa “caixa” da consciência dos “frutos” que nos roubam a paz e nos impedem de sermos felizes e vivermos em paz em plenitude!

Já que estamos trocando ideias, que tal darmos uma olhada em nossa “caixa de laranjas”?

Os três médiuns que visitaram Jesus

“E tendo Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém.” – (Mateus, 2:1)

Tenho quase a certeza que ao ler o título você já pensou: em nenhum momento Mateus falou que eram três! E você está certo. Apenas conservamos o número que a tradição consagrou como sendo três reis magos para trocarmos ideias.

Outro aspecto que também tenho certeza que você observou foi quanto ao título: “reis”! Em nenhum momento, da mesma forma, Mateus disse que se tratavam de reis, apenas de magos. Ótimo isso! Também trocaremos ideias sobre esse fato.

Na realidade, não se sabe se foram três ou um número maior ou menor que saindo do Oriente veio até o local onde Jesus havia nascido, orientados, segundo a tradição, por uma estrela que em Doutrina espírita consideramos a hipótese de ser uma plêiade de Espíritos luminosos a indicar o caminho até Jesus.

O título pode parecer estranho: os três médiuns!

Contudo, se procurarmos no dicionário um dos significados da palavra “mago”, começaremos a entender a colocação em nossa troca de ideias. Mago pode traduzir-se como feiticeiro, bruxo, aquele que faz previsões. Esse termo, portanto, pode muito bem ter sido aplicado aos chamados “reis” magos como sinônimo de que eram

médiuns, mediunidade essa que na Idade Média levava à fogueira da Inquisição.

E qual o motivo de chamá-los de “reis”? Pertenceriam realmente a uma aristocracia? Também não. O termo “reis” poderia traduzir uma mediunidade muito bem desenvolvida que permitia o contato com o plano espiritual através do qual teriam sido informados do nascimento do tão aguardado Messias, o rei dos Judeus.

Interessante aprender com Paulo Alves Godoy, um grande estudioso da Doutrina espírita do século XX, o significado dos chamados presentes levados até o recém-nascido em Belém: o ouro, o incenso e a mirra.

O ouro, segundo Paulo Alves, simboliza o homem carnal que gira seus interesses em torno desse metal precioso de alto valor, situação em que mergulha no egoísmo e no orgulho podendo ser o causador de muitas misérias no mundo.

O incenso simboliza o Espírito já que, naquela época, acreditava-se e era usado como higienizador do ambiente para manifestações de caráter espiritual.

Segundo nos ensina ainda o referido autor, no livro “Êxodo” deparamos com uma ordenação a Moisés sobre a maneira como preparar o incenso, afirmando que ele seria santo para o Senhor.

Finalmente, a mirra, é uma planta extremamente amarga, difícil de ser suportada na boca que poderíamos fazer uma associação em nossa troca de ideias com a taça amarga do sacrifício de Jesus depois da sua prisão, julgamento e crucificação.

Procurando fazer uma síntese dos três presentes,

resumiríamos assim: Jesus (Espírito) encarnou entre os homens (ouro) tomando de um corpo físico e amargou (mirra) em seu testemunho pelo planeta inundado de ódio dos homens daquela época, como se alguém tentasse ficar com a mirra em sua boca.

Interessante lembrar que os “reis” magos, desconhecendo o local preciso onde nascera o Salvador, cometeram a ingenuidade de buscar informações junto ao rei Herodes sobre o menino. Outros já acham que Herodes consultou os sacerdotes do Templo para saber a localização da criança recém-nascida. Contudo, haveria um bom relacionamento entre o rei e os sacerdotes para que Herodes procurasse essa informação entre eles? Fica a indagação.

Herodes não era de família real. Era um homem do povo. Tornou-se rei porque casou-se com Mariana, filha do rei Antíoco, e com ela teve seis filhos. Por ser uma pessoa muito má, a esposa e dois filhos tramaram a morte do marido e pai. Entretanto, foram descobertos e levados à pena de morte.

Perante os magos, Herodes demonstrou o interesse sobre o local onde o rei dos judeus tivesse nascido mentindo sobre as suas intenções que já conhecemos hoje muito bem. Pediu, portanto, aos visitantes que retornassem após descobrir o local do nascimento para avisá-lo onde era tal localidade.

As ideias são variadas e, creio, devemos ir conhecendo-as e enriquecendo o que podemos aprender.

Pela intervenção do plano espiritual junto aos magos, assim que levaram suas oferendas ao menino recém-nascido e planejavam retornar para revelar o local a Herodes, foram avisados em sono pela espiritualidade

maior de que não deveriam retornar junto ao soberano por razões óbvias. Mais uma vez se evidencia nesse sonho de alerta o dom mediúnico de que eram portadores.

Como os magos não retornaram, Herodes teria decretado a morte dos meninos recém-nascidos em toda a redondeza e com a idade até dois anos.

Estima-se que cerca de vinte crianças foram mortas numa população que contava àquela época, cerca de mil habitantes. Jesus escapou porque um “anjo” alertou e orientou José levar a família para o Egito.

Somente Mateus se refere ao acontecimento do massacre. Se não existem dados históricos sobre esse episódio, ele é compatível com a crueldade de Herodes cuja personalidade foi bem descrita por Flávio Josefo.

Evidentemente que não pretendemos nessas poucas linhas aprofundarmo-nos sobre o assunto, mas trocar ideias e incentivar quem assim o desejar a buscar mais dados sobre o assunto.

Problemas: provas ou expiações?

Tornou-se comum no meio espírita pela ideia da reencarnação, a pergunta acima diante das dificuldades da vida: provas ou expiações?

É dispensável saber essa resposta para todos que acreditam firmemente na existência de Deus, porque sabe que os obstáculos que nos alcançam nunca têm o endereço errado. Entretanto, como temos a capacidade de raciocinar permitida pelo Criador, vamos usá-la para ver até onde conseguimos ir.

É bom lembrar que as dores podem ter três origens: expiações, provações e caráter missionário.

É expiatória as dificuldades do hoje quando traz os meios de resgatar desequilíbrios de existências passadas.

Contudo, encontramos sofrimentos que são provatórios, ou seja, não estão vinculados ao nosso passado espiritual, mas é o Espírito que escolhe para adquirir qualidades que ainda não possui. Pode parecer estranho quando estamos reencarnados que um Espírito escolha sofrer. Mas tudo se esclarece quando nos lembramos de que no plano espiritual temos uma visão real do que é a transitoriedade da vida no corpo e entendemos que tudo passa e, portanto, compensa a quota de sofrimento que nos traga lições através das quais iremos evoluir para planos melhores na espiritualidade.

Não podemos nos esquecer das dores missionárias que são aquelas que Espíritos evoluídos o suficiente aceitam trazer para nos exemplificar como devemos nos comportar

diante do sofrimento quando temos realmente fé na existência do Criador. Para aqueles que não creem em Deus, a discussão se encerra com a ideia do materialismo que não se preocupa com a lógica do raciocínio, mas com o intuito de negar uma Inteligência suprema autora do Universo. Resta deixar a esses descrentes uma pergunta: quem seria a Causa do efeito que os cientistas descobrem cada dia mais ao estudar os astros partindo do pressuposto de que não existe efeito sem causa segundo enunciado aceito pelo próprio homem? O acaso seria o responsável por esse equilíbrio perfeito que rege os universos ou os multiversos?

De tempos em tempos o homem, ainda muito pequeno em conhecimentos, descobre uma nova estrela. Ela seria obra do acaso? Quem a teria colocado numa harmonia perfeita exatamente no local em que está? O acaso?

Sabemos que estrelas se extinguem e são formadas. Tudo teria por autor o acaso? Mas que acaso inteligente, não?! Talvez “acaso” seja, para os materialistas, um apelido de Deus.

Mas voltemos a falar sobre as dores missionárias. Espíritos de grande evolução aceitam trazer o sofrimento em uma determinada reencarnação para nos ensinar já que estamos bem no início da nossa caminhada evolutiva.

Por exemplo, Francisco de Assis, o segundo Espírito em evolução que passou pelo planeta depois de Jesus, ficou cego devido uma infecção no olho que, naquele tempo, era tratado com ferro em brasa! Isso mesmo! Francisco foi tratado com o calor intenso de um ferro incandescente aplicado em seus olhos o que o levou a cegueira. Imaginem a dor que sentiu quando teve seus olhos queimados quando um pequeno cisco já nos incomoda

tanto! Imagine se você teria condições de suportar um tratamento dessa forma hoje que a anestesia evoluiu muito quando necessitamos de uma cirurgia!

Mas não parou por aí. Francisco também contraiu a lepra por conviver com irmãos leprosos! Você sabia que no início do século XX as pessoas fugiam do contato com esses doentes que eram internados em colônias especializadas em recebê-los e retirá-los do convívio da família? Alguns leprosos tinham um pequeno sino preso ao corpo para anunciar sua aproximação das pessoas sãs e que se afastavam rapidamente deles. Hoje sabemos que o contágio não se faz apenas porque respiramos o mesmo ar que eles respiram ou frequentamos o mesmo ambiente que eles frequentam. Mas, naquela época não se sabia disso o que custava uma dolorosa expiação para os portadores do mal da lepra retirados do convívio com a sociedade.

Pois é! Francisco, no século XIII, abraçou os leprosos como seus legítimos irmãos. E se a lepra só encontrou tratamento e cura no século XX, imaginem o que acontecia naquele tempo distante!

Diante dessas dores apresentadas por um Espírito da evolução de Francisco de Assis, fica o exemplo das dores missionárias! A não ser que você acredite que ele tivesse débitos com o passado espiritual para trazer tais sofrimentos em sua existência terrestre. Logo Francisco que enxergava a obra da criação Divina em tudo e em todos – irmão Sol, irmã Lua, irmão lobo, irmão fogo, irmã água – o raciocínio nos diz que se tratava um exemplo para os sofredores de todos os tempos de como devemos nos comportar diante das enfermidades e demais obstáculos.

Pois bem. Seja dor expiação, seja dor provação, não devemos procurar a causa porque isso representa um questionamento à Providência Divina: por que sofro?

Se acreditamos que Deus não erra, o que nos cabe é aceitar que existe um motivo para os nossos problemas e que um dia saberemos as explicações quando retornarmos ao plano espiritual. Esse querer saber soa como uma interpelação ao Pai como se estivéssemos pedindo conta a Ele.

Quando Jesus afirmou que bem-aventurados eram aqueles que sofriam porque seriam consolados, Ele se referia aos sofredores resignados exatamente por depositar confiança irrestrita em Deus.

Mas, se podemos fazer alguma suposição para buscarmos um entendimento sobre os problemas da existência, talvez essa hipótese traga alguma pacificação às nossas dúvidas: os que passam pela dor expiação, geralmente reclamam por serem Espíritos de pouca evolução que estão resgatando desequilíbrios de passadas existência.

Aqueles que passam pela dor provação, reclamam menos porque pediram essas lições visando o objetivo do seu crescimento espiritual. Dessa forma, são mais resignados com as dificuldades por terem um grau evolutivo um pouco maior do que aqueles que transitam pelas expiações.

Contudo, essa análise é apenas uma suposição. O ideal sempre é ter a devida fé no Criador e entender que tudo aquilo que nos acontece e que não tem relação com a existência presente, deve ter com fatos passados quando se tratar de expiações.

Como Espíritos imortais no caminho evolutivo para a conquista da perfeição, retornamos a um novo corpo para aprender através das dificuldades, sejam expiatórias ou provatórias, que nos tragam lições das quais temos necessidade.

A dor, os obstáculos, as dificuldades, os problemas são “cercas de Deus” para que não nos afastemos D’Ele e, por consequência, não nos distanciemos da felicidade e da paz para a qual fomos criados.

Com essas trocas de ideias, espero que possamos modificar nossas indagações a respeito dos problemas que nos visitam com a promessa de permanecer conosco apenas enquanto precisarmos de tal presença.

Vencendo os obstáculos

Conta-se, e não sei o autor para mencionar, que um homem ficou extremamente rico em uma pequena cidade do interior.

Como ficou rico, despertou a curiosidade das pessoas. Infelizmente, como ocorre muitas vezes, o acontecimento julgado bom na vida de alguém gerou inveja a que levou a vários comentários que podemos resumir dessa forma: como aquele homem pode ficar tão rico se era analfabeto?!

Era o ser humano tentando ofuscar o brilho da vitória alcançada levantando a crítica destrutiva sobre o dinheiro conquistado honestamente.

A curiosidade foi crescendo de uma tal maneira que um dia alguém representando a muitas pessoas abordou o novo rico e perguntou sem nenhum constrangimento:

– Como você conseguiu conquistar tamanha fortuna se é analfabeto?

E para suavizar um pouco a má língua, colocou:

– Se soubesse ler e escrever teria ficado ainda mais rico!

O homem muito tranquilo respondeu calmamente:

– Você está enganado meu amigo. Se eu soubesse ler e escrever, não teria conquistado o meu dinheiro!

Diante do espanto e da curiosidade ainda mais aguçada do representante da má língua, continuou:

– Sim! É isso mesmo. Eu ajudava na Igreja da nossa cidade tocando o sino para chamar os fiéis para a santa Missa. Depois o padre quis que eu lesse o missal, coisa que não poderia fazer porque não sei ler. Fui dispensado do meu trabalho. Entretanto, não desisti. Comprei algumas dúzias de bananas e consegui algum lucro revendendo-as. Com esse lucro comprei mais frutas e, novamente, consegui lucrar um pouco mais. Dessa maneira, de negócio a negócio, mesmo sem saber ler e escrever consegui, honestamente, a soma de dinheiro que hoje possuo.

A lição que a história nos permite argumentar é de que o obstáculo, muitas vezes, é exatamente a ferramenta para superar-nos. Está no obstáculo o chamamento à superação tirando-nos do comodismo limitante em que nos permitimos ficar. Como o homem que enriqueceu não pode continuar com sua função na igreja, teve que buscar outra alternativa para ganhar o sustento.

Se você está pensando o contrário, ou seja, que o problema nos convida ao desânimo e não à luta, vamos relembrar alguns pontos da vida vencedora do maior psiquiatra que o mundo conheceu, doutor Viktor Frankl!

Esse médico era austríaco de família judia que durante a segunda guerra mundial foi perseguida como muitos outros seres humanos. Antes, porém, dedicava-se a ajudar as pessoas a buscar o sentido da vida evitando dessa maneira o caminho errado do suicídio.

Mas, Viktor foi levado aos campos de concentração alemães pela sua origem. Nesses locais, por algumas vezes o seu número como prisioneiro – nº 119 104 – foi levado à lista para morrer na câmara de gás, mas que acabou não se consumando. Sua esposa grávida foi obrigada a abortar a criança. Ela, os pais de Viktor, os irmãos, foram

destinados a campos de concentração diferentes, onde a maioria deles foi sacrificada pela impiedade da guerra. Em resumo, ele acabou perdendo todos os familiares.

Depois da guerra quando foi solto pela invasão dos aliados, era muito perguntado de como conseguira sobreviver àqueles dias pavorosos dos campos de concentração. A sua explicação era muito simples de ser anunciada, mas extremamente difícil de ser praticada.

Viktor Frankl ensinava que procurava sempre uma razão para viver, mesmo dentro de um campo de concentração, auxiliando também a muitos judeus que pensavam em se suicidar antes que a câmara de gás tirasse as suas vidas.

Trabalhando esse tema de valorizar a existência, de encontrar uma razão para viver, ele construiu uma escola renomada no mundo inteiro levando à renovação da esperança a milhares de pessoas.

Existe uma colocação consagrada do psiquiatra de renome mundial: Nós podemos descobrir o significado da vida de três diferentes maneiras. Fazendo alguma coisa. Experimentando um valor ou um amor. E a terceira alternativa que ele coloca pode parecer estranha porque é sofrendo!

E ele realmente vivia esses seus ensinamentos. Nos campos de concentração onde a morte rondava dia a dia, ele fazia algo enorme que era exatamente orientar os judeus desejosos de cometer o suicídio antes que morressem nas câmaras de gás, a enxergar que sempre existia uma chance de sobreviver. Existia uma possibilidade daquela pessoa entregue ao desespero de não chegar a ser morta pelo gás, como realmente muitas escaparam.

Viktor Frankl também exercitou sua segunda a orientação que era experimentar o amor. Ele amava suficientemente aqueles sofredores cadavéricos ao ponto de levantar o ânimo daqueles que queriam desistir da vida pela impossibilidade de fugir ao campo de concentração e à morte pelo gás.

E a sua terceira orientação ele também a vivenciou profundamente que era o sofrimento. Perdeu a maioria dos seres amados, mas não perdeu a fé numa possibilidade de liberdade como realmente aconteceu.

Muitas vezes nos sentimos como se estivéssemos numa guerra do mundo contra nossos sonhos e objetivos maiores. Parece até que os obstáculos que temos que enfrentar são um verdadeiro campo de concentração com câmaras de gás a nos aguardar para o golpe final. Não conseguimos a suficiente dose de otimismo que possa modificar nossa visão da vida acreditando em dias melhores dando como consumado a tragédia que abrigamos em nossa mente para os dias futuros que nem sabemos se serão concretizados.

Gostaria de deixar registrada uma história narrada por Divaldo Franco em uma de suas *lives*.

Um judeu ficou prisioneiro de um árabe. Sabemos bem o desentendimento que existe entre esses povos, infelizmente.

Por problemas pessoais o judeu foi condenado à morte pelo seu inimigo. Entretanto o judeu teve a visão de perceber que o árabe adorava o seu animal de montaria, o seu cavalo.

Como havia sido condenado à morte em pouco tempo, teve uma ideia brilhante. Propôs ao árabe a ensinar o

cavalo dele a falar! Sim! Isso mesmo. A ensinar o cavalo do árabe a falar! Impossível você estará pensando.

Contudo, vamos seguir o raciocínio do judeu porque vale a pena para nos ensinar algo.

– Senhor! – disse o judeu ao seu inimigo. Já que estou condenado à morte em poucas horas, gostaria de fazer-lhe uma proposta.

O árabe aquiesceu. Não teria nenhum problema deixar o judeu falar já que o seu destino estava selado. Seria executado de qualquer jeito.

O judeu prosseguiu:

– Se me for concedido um ano de vida, ensino o seu animal maravilhoso a falar!

Evidentemente que o árabe ficou espantado com a ousadia do judeu já que isso era uma coisa impossível! Mas, para verificar até onde ia a coragem do inimigo, aceitou a proposta concedendo-lhe o ano de vida pedido. O final – pensou o árabe – seria o mesmo, ou seja, a morte do judeu porque seu animal jamais aprenderia a falar.

E assim foi feito. O judeu foi libertado com o prazo de mais um ano de vida.

Os judeus que souberam da história ficaram boquiabertos com o patricio. Como prometer ensinar um animal a falar se isso era absolutamente impossível?!

Tranquilo o judeu explicou:

– Estava condenado a morrer em algumas horas e ganhei um ano de vida! Um ano! Em um ano eu posso morrer de qualquer coisa. O árabe pode morrer! O animal pode morrer. Ou o cavalo poderá aprender a falar! Não se

sabe o que será do dia de amanhã.

É exatamente isso que precisamos colocar em nossas vidas. O destino não está selado como muitas vezes pensamos. O dia de amanhã não poderá ser tão cruel, tão desastroso como concebemos. Soluções podem surgir diante dos desafios do momento presente. Não devemos nos entregar derrotados diante do obstáculo. Podemos escapar dos aparentes campos de concentração que a vida se nos apresenta. Um novo dia com novas oportunidades para modificarmos a tragédia aparente de hoje se apresentarão à nossa vontade de modificar as situações adversas. Nada está consumado irremediavelmente. Precisamos buscar um objetivo de vida como ensinou durante toda a sua existência doutor Viktor Frankl dentro e fora do campo de concentração alemão quando tinha perdido toda a sua família. A única coisa que ele nunca perdeu foi a busca para um sentido da sua existência!

Trocando as ideias e em miúdos a nossa conversa: porque não tentar ensinar o “cavalo” dos problemas que a vida se nos apresenta a falar?!

Onde se localiza a violência?

Violência contra as mulheres. Violência contra as crianças. Violência contra idosos. Violência contra os animais.

Violência! Violência!

Mas onde ela está na realidade?

No caso das mulheres, ela se localiza no homem agressor?

Nos demais casos que possamos citar ou lembrar, estaria em uma pessoa contra outra?

Sim ou não?

Vamos nos valer da *Revista Espírita* de 1860, mês de fevereiro, na qual o Espírito de São Luís ensina sobre a violência de um Espírito desencarnado.

Numa casa pequena perto de Castelnaudary, aconteciam manifestações de efeito físico como barulhos estranhos e outros acontecimentos que levaram os moradores a concluir de que aquele local era assombrado.

Em virtude disso, a casa foi exorcizada e colocaram nela um número muito grande de imagens de santos.

Acreditando que o mal estava sanado, uma pessoa resolveu realizar os reparos na casa e retirou as gravuras ali colocadas.

Acontece que depois de alguns anos morando no lugar, essa pessoa teve uma morte repentina.

A casa passou a ser utilizada pelo filho do desencarnado que certo dia levou uma bofetada repentina de mão invisível.

A pessoa como tivesse a certeza absoluta de estar sozinha no local abandonou incontinenti a casa em questão.

O Espírito de São Luís consultado sobre a possibilidade de se evocar o Espírito perturbador concordou e ele logo se manifestou de maneira violenta através do médium.

Lápis destinados a grafar alguma comunicação foram quebrados com violência e atirados sobre os presentes, assim como papéis foram rasgados com cólera.

Sob a orientação de São Luís, os presentes aprenderam que o Espírito que perturbava o local fora inclusive o responsável pela morte do primeiro morador após o local ter sido exorcizado.

Dessa forma sucinta trouxemos esse fato registrado por Kardec para deixarmos claro que a violência está no ser espiritual e não no corpo físico através do qual se manifesta. Como o Espírito não tem sexo, tanto pode ser violento quando reencarnado em um corpo feminino, como em roupa física masculina.

É compreensível que no mundo dos encarnados a notícia chegue responsabilizando um homem pela violência cometida contra uma mulher ou que uma pessoa é a autora da violência contra seu semelhante, contra os animais e demais componentes da Natureza como rios, florestas, atmosfera e em qualquer lugar onde a manifestação do desamor encontre possibilidade de se manifestar.

O corpo, porém, é apenas um mero instrumento através do qual o sentimento do ódio se manifesta.

Você poderá estar pensando que tudo o que foi escrito até agora é muito óbvio para o espírita.

Sim. Concordo. Porém, tem outro aspecto nessa realidade. Sendo o Espírito aquele que detém a violência, podemos concluir a inverdade do ditado popular que diz: morta a cobra, morto o veneno. Pois é. O desencarne não promove uma limpeza dos sentimentos negativos. O ser imortal continua na posse desses sentimentos até que consiga fazer sua reforma íntima instalando dentro de si mesmo o reino de Deus.

E tem mais. A realidade de que o Espírito é quem abriga a violência que se manifesta através do corpo material, o alerta de Jesus para que reconciliemos com nossos inimigos ganha mais força! Força tremenda!

Mantida a mágoa, mantido o ódio, continuando o sentimento de violência que não foi eliminado enquanto em vida física, o problema obsessivo adquire mais força para se estabelecer entre aqueles que se desentendem.

A violência que se manifestava enquanto no corpo, pode continuar a se processar após o desencarne com o agravante de que se torna menos, muito menos evidente aos olhos humanos não ocupando espaço nos noticiários, porém, não menos efetiva.

Então, quando assistirmos algum relato de violência de um ser humano contra o outro, é bom que meditemos nos alertas abundantes da Doutrina espírita em nosso círculo de relacionamento, buscando a paz em nosso interior e em nossa volta, estendendo a quem necessitar a força do perdão por mais distante que essa pessoa esteja do nosso

raio de ação.

Violência contra a mulher, contra a criança, contra o idoso, ou seja, onde essa violência se manifestar, que se levante a força do amor para que o Espírito pacificado possa prosseguir em paz na vida espiritual e permitir que prossigamos também em paz onde quer que estejamos.

A afirmativa sobre a morte da cobra e o seu veneno não é realidade quando se trata do ser imortal mergulhado na vida que prossegue para todo o sempre.

Doutrina Espírita: converter ou convencer?

Ambas! Calma! Se você não concorda, me dê sua atenção em apenas umas linhas a mais e trocaremos ideias sobre esta afirmação.

Abordaremos a grande médium brasileira de materialização Anna Prado, que reencarnou no estado do Pará no início do século XX e deslumbrou os olhos de muitas pessoas com a materialização de vários Espíritos.

Só para termos ideia da importância do seu trabalho, foi através dela que se materializou, no dia 28 de abril de 1831, a filha Rachel de Frederico Figner, o irmão Jacob, autor do excelente livro "Voltei", em que ele conta o seu retorno ao plano espiritual amparado por doutor Bezerra de Menezes!

Foi uma grande colaboradora na ilustração do livro *Os mortos falam* de autoria de Raymundo Nogueira de Faria, publicado pela FEB no ano de 1921.

Mas, voltando ao assunto, a Doutrina serve para converter e convencer, como veremos.

O Espiritismo é uma grande arma contra o materialismo porque demonstra com fatos a imortalidade da alma, o prosseguimento da vida para além das fronteiras acanhadas do mundo material.

As comunicações com os desencarnados inapropriadamente denominados de mortos, trazem uma robustez muito grande contra a ideia materialista já que coloca os que estão em outra dimensão em contato com o mundo vibratório dos encarnados, que apesar de

caminharem para o fenômeno da desencarnação ou morte física, são chamados de vivos.

Por isso dissemos que a revelação espírita serve para convencer os incrédulos sobre a vida abundante que a todos aguarda em dimensão diferente do espaço. Esse trabalho realizado pela médium Anna Prado por ser algo que todos os presentes no local onde se realizava a materialização dos Espíritos podiam constatar pessoalmente, forneceu as provas necessárias aos sentidos do homem físico que podia vê-los de maneira bastante evidente.

Creio, portanto, que não fica nenhuma dúvida sobre o papel importantíssimo da Doutrina nesse aspecto do convencimento da criatura humana, Espírito encarnado.

Já a expressão “converter”, examinada de maneira muito rápida, pode trazer uma impressão errada já que o espiritismo não é dado a converter ninguém à Doutrina dos Espíritos. Não comporta essa Doutrina a função de fazer adeptos já que ela própria destaca o livre arbítrio de que as pessoas são providas pela Providência Divina.

Esse “converter” não é transformar ninguém em seguidor das obras da Codificação de Allan Kardec. Não! Converter no caso é levar a pessoa a realizar a sua reforma íntima, a construir o reino de Deus dentro de cada um, caso seja da vontade de determinada pessoa. É nesse sentido que empregamos a palavra “converter”.

Dalai-lama, líder religioso do budismo, indagado certa ocasião sobre qual era a melhor religião, não titubeou em informar que a melhor religião era aquela que fizesse a pessoa modificar-se para o bem.

Não resta nenhuma dúvida quanto a isso. Aliás, fato

interessante ocorrido com Chico Xavier e que endossa esse pensamento, foi o caso da esposa que contava para o Chico que o marido só tinha um defeito. Perguntado a ela qual defeito seria esse, a esposa afirmou que o marido não era espírita. Contudo, era um excelente pai, um companheiro amoroso que não deixava faltar nada em seu lar em termos materiais e emocionais para ela e os rebentos. Diante dessa colocação daquela moça, Chico sorriu e disse que ela ficasse em paz porque era preferível qualquer religião que o marido professasse do que ele ser espírita, porém, uma má pessoa.

Os ensinamentos dos Espíritos na obra da codificação de Allan Kardec têm essa intenção, esse objetivo: que nos transformemos a cada dia em um ser melhor perante a sociedade e perante a nossa própria consciência.

Nesse sentido é que não titubeamos em afirmar que o Espiritismo deseja sim converter a todos para que possamos viver num mundo melhorado pelo cultivo do amor e pelo afastamento do ódio entre as criaturas!

Então, por que os fenômenos de efeitos físicos são tão poucos hoje em diante se apresentam também uma forma de converter uma pessoa após convencê-la sobre a continuidade da vida?

Muito simples: os dados referentes aos anos que Anna Prado exerceu o seu trabalho no Estado do Pará, informam que cerca de quatrocentas pessoas tiveram a oportunidade de assistir a manifestação dos desencarnados através daquela médium.

Entretanto, apenas cerca de duas pessoas se tornaram espíritas!

Ora, qual o maior produtor de provas de que o Espírito

é imortal, senão Jesus?

No entanto, infelizmente para toda a humanidade, poucos se convenceram acabando com a infâmia de sua crucificação.

Outra parte menor se converteu e se transformou nos primeiros mártires do Cristianismo nascente entregando a própria vida física aos mais diversos meios de tortura da época.

Chico “materializou” palavras de filhos, maridos e esposas desencarnados através das cartas abençoadas de suas mãos. Muitos foram convencidos. Entretanto, quantos se converteram em pessoas que mudaram de vida para uma atitude melhor perante si mesmos? Não sabemos a resposta, mas fica a pergunta para nossa meditação sobre o convencer-se e o converter-se.

Mas o que importa para o momento é aplicar essas duas questões a nós mesmos através da nossa consciência.

Fomos convencidos pela Doutrina Espírita da imortalidade da vida com as suas conseqüências?

Se fomos, passamos para a pergunta seguinte: estamos convertidos numa pessoa que procura aperfeiçoar-se a cada dia um pouco?

Lembremos as palavras de Jesus a Tomé: felizes daqueles que não viram e creram!

Será que deu para trocar alguma ideia sobre o motivo dos fenômenos de materialização ir se escasseando no meio espírita?

Onde está a paz?

Senão todos os seres humanos, a imensa maioria busca pela paz porque ela é uma condição indispensável para a felicidade de qualquer pessoa. Pode existir já que toda regra comporta exceção, que alguém goste de viver em atrito, sentir-se bem discutindo, ser agressivo, preferir a beligerância ao invés da paz. Mas, com certeza será a minoria, mesmo nesse período conturbado da Humanidade.

O interessante é que o homem, quando falamos sobre a paz, assume uma atitude semelhante àquela quando busca por Deus. Pelo menos a maioria procede assim.

Quando abordamos a figura do Criador, a imensa maioria das criaturas olha para cima como se Ele estivesse em algum lugar muito alto inacessível a qualquer mortal, a exemplo do Olimpo dos deuses gregos que habitavam um lugar muito acima do mundo e proibido para os mortais.

Deus estaria em uma localização imensamente distante da sua criatura a contemplar do seu trono o que fazemos aqui na Terra, e só aqui nesse planeta, já que admitir a vida nos inúmeros e incontáveis outros sóis ainda é ideia que se debate entre o orgulho e vaidade desse ser humano tão pequeno! Tão pequeno que não enxerga a sua pequenez.

Essa atitude de altivez do homem atual da escola da Terra, faz-me recordar da humildade grandiosa de Sócrates quando foi informado pelo oráculo de Delfos sobre o fato de ser o homem mais sábio do planeta. Ao invés do orgulho e da soberba pela notícia, justificou-se

afirmando que o que sabia era que nada sabia! Como estamos longe de tal comportamento!

Pois bem. Quando se toca no assunto da paz, a atitude é semelhante. O olhar do homem se volta para fora a buscar algum lugar longe ou perto, mas que seja sempre fora dele.

A paz estaria nos campos de batalha dos países envolvidos em guerras em pleno século XXI quando as razões para a destruição acabasse.

A paz estaria num sistema de combate eficaz ao crime impedindo as inúmeras vítimas do ódio do seu semelhante.

A paz estaria numa justiça social que realmente se efetivasse.

A paz estaria num sistema de saúde que atendesse a toda uma população com os mesmos recursos dos hospitais de primeira linha e que somente os portadores de muito dinheiro conseguem acesso.

A paz estaria no preço justo do alimento que não faltasse na mesa dos mais desprovidos de recurso financeiro.

A paz estaria na presença do emprego a todos os cidadãos desejosos de ganhar o pão de maneira honesta.

A paz estaria no preço dos combustíveis que não subissem de semana a semana.

Resumindo, a paz estaria sempre fora do indivíduo e distante da sua casa.

Vou narrar uma pequena história cuja íntegra não me recordo mais, mas que serve para ilustrar essa nossa troca de ideias.

Existia um lar em localidade distante que vivia em absoluta paz. Nunca naquela casa se ouvira uma única palavra exaltada. Os cônjuges e os filhos viviam em harmonia invejável!

Qual o segredo para tamanha conquista? Que bem-aventurança havia feito morada naquele lar modesto?

Observando-se do lado de fora, o que chamava a atenção é que o responsável pelo sustento da família saía todas as manhãs da sua morada, acariciava as folhas de uma frondosa árvore e nela pegava um pequeno alforje que colocava no ombro e se dirigia ao trabalho.

A curiosidade ficava ainda maior quando esse mesmo trabalhador retornava ao lar nas primeiras horas da noite e colocava o mesmo alforje na árvore silenciosa.

Os moradores da localidade depois de observar tal comportamento por longo tempo, não resistiram e resolveram abordar àquele homem do lar feliz.

Porém, tiveram o cuidado de espiar dentro do alforje antes que fosse recolhido por aquele homem ao se dirigir ao trabalho e, depois, em seu retorno ao lar dependurando-o na frondosa árvore.

Nada encontraram! Por isso mesmo a curiosidade se fez mais intensa!

A solução era mesma abordá-lo e perguntar diretamente sobre duas grandes dúvidas.

E assim o fizeram através de dois questionamentos: como conseguia viver num lar onde a paz fizera morada e o que ele levava no alforje que todos os dias ele recolhia da árvore e devolvia à mesma planta em seu regresso ao lar.

“Não era possível!” – comentavam. Deveria haver alguma relação entre a paz do lar e aquela pequena bolsa que era transportada invariavelmente todos os dias!

Assim decidido, assim foi feito e o trabalhador foi abordado e questionado sobre o conteúdo do alforje.

“Nada levo para o trabalho. Nenhum alimento ou tipo de objeto. Apenas transporto o meu alforje vazio quando vou.” – foi a resposta simples e sincera dele.

“E quando retorna para sua casa, traz alguma coisa para seu lar?” – perguntaram curiosos.

“Sim! Vem repleto de coisas!” – respondeu de maneira bem simplificada para aguçar ainda mais a curiosidade das pessoas.

“Mas o quê? O que traz tem relação com a paz que existe em sua casa?!” – voltaram a perguntar em curiosa ansiedade.

“Toda relação meus amigos! Vivo num lar feliz porque transporto o meu alforje repleto de coisas quando volto do trabalho à noite.” – foi a resposta.

“Então divida conosco o seu segredo se deseja ajudar-nos!” – colocaram todos em tom quase de súplica.

“Muito simples! Dentro do meu alforje que penduro na árvore amiga, trago todas as minhas preocupações de cada dia. Eles permanecem do lado de fora de onde moro. Não permito que os problemas adentrem comigo a intimidade do meu lar! Dessa maneira consigo manter a paz da minha família.” – arrematou deixando os curiosos envolvidos em profundas meditações.

Allan Kardec na *Revista Espírita* de 1865, mês de

agosto, traz uma orientação do Espírito de Lacordaire.

Vamos rever um pequeno trecho: E a família, que será dela? Estamos quites com ela desde que socorremos os chamados pobres? Não, evidentemente, senhores, porquanto, desde que reconheceis a necessidade de vos despojar pelos pobres, trata-se de fazer uma escolha e estabelecer uma hierarquia. Ora, vossas mulheres e vossos filhos são os vossos primeiros pobres; a eles, pois, deveis dar a vossa primeira esmola. Depois vêm as almas que Deus vos deu como irmãos segundo a carne; depois os amigos do coração; depois todos os pobres, a começar pelos mais miseráveis.

Ou seja, a primeira opção é a família junto a qual Deus permitiu que retornássemos. Mais objetivamente falando em relação que tanto desejamos e buscamos um tanto além, ela está dentro de cada pessoa e de cada lar.

Em vão buscaremos a paz nas ruas, no trabalho, no trânsito, junto ao patrão complicado se não a estabelecermos muito antes em nosso íntimo e dentro de nossas casas ao lado dos familiares diretos que constituímos.

Justo raciocinar que essa paz nasce primeiramente junto a própria consciência tranquila pelo dever retamente cumprido. Sem essa paz, todas as condições que se apresentarem como sendo a nossa tranquilidade será falsa. O sopro do tempo vai revelar que a paz sem o alicerce da consciência pacificada é ilusória, não existe. Temos exemplos grandiosos na história da humanidade.

Em nosso movimento espírita, avulta a vida de Chico Xavier em meio a tantos problemas particulares e de seus semelhantes a quem socorria, mas sempre estava em paz!

Divaldo Franco que atinge, para nossa felicidade, uma vida de grande longevidade por méritos adquiridos perante o plano espiritual superior, é outro exemplo da paz nascida nele mesmo e que não depende da instabilidade de outras pessoas.

Procure, portanto, pela paz iniciando em você mesmo e, logo em seguida, no seio da sua família.

Qualquer busca que seja feita em outros lugares e que se assente em condições diferentes, apenas trará a ilusão da paz que se desmorona ao primeiro vendaval do infortúnio que atinge a todos que vivem em um planeta de provas e expiações.

Somente a paz que se assenta no alicerce da própria pessoa e no seio da sua família conseguirá suplantar os obstáculos e prosseguir em direção à vitória sobre o mundo ao invés da vitória no mundo dos homens.

A fidelidade de Deus

Antes de entrarmos propriamente no tema do título desse artigo, devo esclarecer que vejo a frase – *Deus é fiel* – em vários carros nas diversas cidades por onde tenho passado. E a resposta é óbvia quando não interpretada com a intenção que é anunciada como se o Criador estivesse à nossa disposição para resolver todo e qualquer problema que se apresente em nossa jornada terrestre.

Essa frase, a meu ver, traduz a ideia comodista de um Deus à disposição do ser humano para satisfazer a todos os pedidos a Ele dirigidos. Seria um Deus do “me dá is

Esse Deus que concebemos de acordo com nossas necessidades não é fiel simplesmente porque não existe. Já pensaram como Ele conseguiria aplicar ao mundo suas Leis de perfeição absoluta caso tivesse que satisfazer aos incontáveis pedidos que do Universo chegassem até Ele, sendo muitos deles antagônicos? Só para ilustrar e não ficar confuso, se Ele fosse atender aos pedidos dos torcedores de times de futebol, como satisfaria a todos, percebem?

O equilíbrio do infinito mundo cósmico estaria comprometido.

O Deus que entendemos ser fiel é Aquele anunciado por Emmanuel na oração do *Pai Nosso* quando o venerável Espírito nos ensina a dizer que seja feita a Sua vontade acima de nossos desejos tanto na Terra como nos círculos espirituais. Esse sim é fiel porque tem em suas sábias e perfeitas decisões o controle da Vida.

Antes de reencarnarmos é feito todo um estudo sobre as nossas necessidades na escola da Terra e a essa programação Deus é fiel nos concedendo tudo, absolutamente tudo o que foi planejado.

O lar ou a ausência dele; a saúde ou as debilidades orgânicas; a bonança ou a falta; a instrução que teremos oportunidade de adquirir ou a ausência dela; a presença de pais amorosos ou a orfandade; o alimento sobre a mesa ou a escassez; a profissão que nos permitirá o aprimoramento moral ou a dificuldade de um serviço; o reencontro com amigos do passado assim como com os credores do presente, a tudo isso Deus é fiel permitindo que não se desvie uma única vírgula da programação de vida que nos proporcionará o crescimento espiritual, embora o homem físico passe por dificuldades variadas indispensáveis ao amadurecimento do espírito imortal. Os desvios que ocorrem, e são muitos, correm por conta do nosso livre arbítrio já que não somos obrigados a aceitar nada. Os programadores da nossa reencarnação nos apresentam o que é o melhor para a nossa evolução, porém, ao tomarmos posse de um novo corpo podemos realizar desvios que correm por conta e risco da nossa responsabilidade, sempre dentro da lei de sementeira e colheita. Quando isso ocorre, a fidelidade de Deus não fica comprometida porque fazemos opções que visam atender aos interesses do homem físico, esquecendo-nos da necessidade do espírito imortal que somos.

Entretanto, a ideia exposta nos dizeres *Deus é fiel* estampada nos veículos em circulação, sugere que o Criador deve atender sua criatura livrando-as dos problemas mais variados, mas necessários ao enriquecimento do Espírito em evolução.

No livro *Alma e Luz*, Editora IDE, psicografia do querido

Chico Xavier, Emmanuel nos chama à realidade com sábias e profundas observações que devemos entender para termos a certeza de que Deus realmente é fiel sob outro ângulo: “Sob a infecção mental do pessimismo, afirma-te, por vezes, irremediavelmente, cansado, à frente da luta e proclamas, tanta vez, em desânimo e desespero, que a Terra se converteu em charco de podridão; que a sociedade é um jogo de máscaras; que os maus tripudiam, impunes, sobre o amor dos bons; que a crueldade é a norma da vida; que cataclismos diversos tombarão no horizonte, incendiando a atmosfera de que os homens se nutrem e dizes desalentado que te apartaste da confiança, que perdeste a fé; que não tornarás ao prazer de servir; que não estenderás o coração ao culto do amor e que te retirarás da arena qual soldado rebelde, fugindo à própria luta.”

Toda essa revolta porque, nessas condições, Deus não é fiel em nossa concepção porque deixou o *pobrezinho* do ser humano em ambiente hostil submetido a terríveis e *injustos* sofrimentos! Pensamos assim porque Deus não nos acomodou em um hotel cinco estrelas na atual reencarnação permitindo que os problemas da existência nos atingissem para o aprimoramento do espírito imortal!

Mas Emmanuel desfaz essa concepção infantil que ainda nos caracteriza ao ensinar que “a cada manhã, volves ao corpo que te suporta a intemperança e recebes a bênção do Sol que te convida ao trabalho, a palavra do amigo que te induz à esperança, o apoio constante da Natureza, o reencontro com os desafetos para que aprendas a convertê-los em laços de beleza e harmonia, e, sobretudo, a graça de lutar, por teu próprio aprimoramento, a fim de que o tempo te erga à vitória do Bem.”

A isso Deus é absolutamente fiel! Deus só falta com a sua fidelidade quando abrimos mão de cumprir a parte que assumimos em nossa programação de vida para a atual reencarnação.

Deus não é e não pode ser fiel a nossa infidelidade!

A quarta guerra mundial

Albert Einstein, o gênio do século XX, afirmou que, se existisse uma terceira guerra mundial, a quarta seria com paus e pedras, tamanho o poder de destruição das armas nucleares existentes. Vou ousar discordar do gênio. Eu que sou um fiapo de um saco de estopa comparado a ele! Não ousou nem me tipificar como um verme porque esses têm determinada função e exercem seu trabalho na natureza. Creio que um fiapo de saco de estopa vai melhor.

Pois bem, como tenho o atrevimento de tal atitude de discordar de Einstein em relação à quarta guerra mundial?

Passo a explicar. A União Soviética em 1961 construiu uma bomba de hidrogênio denominada de ZDS-220, também conhecida como "Tzar Bomba" com um poder de destruição cerca de 3.300 vezes à da bomba atômica que dizimou Hiroshima e Nagasaki durante a segunda guerra mundial.

Essa bomba foi transportada por um avião bombardeiro que voava a 10.500 metros de altura e detonada numa ilha do Oceano Ártico para experimentar seu poder de destruição calculado em mais de 50 megatons! (*) Para dar tempo do avião se afastar o máximo possível do local do impacto da bomba com o solo, ela foi solta com um paraquedas que retardou sua chegada ao solo, dando tempo da aeronave de se afastar cerca de 40 km do local. A bola de fogo gerada pela explosão alcançou a mesma altitude do avião bombardeiro, podendo ser vista por cerca de mais de 1.000 km. O calor gerado seria capaz de provocar queimaduras de terceiro grau em uma pessoa

que estivesse a 100 km de distância! A nuvem em forma de cogumelo atingiu 60 km de altura, ou seja, seis vezes mais do que a altitude de um avião que voa a caminho da Europa ou dos Estados Unidos! O impacto da explosão da bomba chegou a atingir a Finlândia onde foi capaz de quebrar algumas janelas.

Tudo isso dito de uma forma muito reduzida sem detalhes técnicos mais profundos.

Essa terrível bomba foi construída em 1961. O que poderemos ter nos dias atuais com determinados seres humanos que empregam, infelizmente, a inteligência para o mal?

Por isso me atrevi como um fiapo de saco de estopa a contrariar Einstein, entendendo que a quarta guerra não acontecerá porque não sobrar nenhum ser humano para realizá-la com paus e pedras. A não ser que alguém acredite que bombas com esse poder de destruição não existam mais. Você é capaz de colocar sua "mão no fogo" de que não exista?

Bem, mas o objetivo desse artigo é outro. Vamos utilizar a questão do *Livro Dos Espíritos* de número 737 que aborda os flagelos destruidores. Nela Kardec interroga aos Espíritos da Codificação com que objetivo Deus atinge a Humanidade por meio de flagelos destruidores. E a resposta resumida é para fazer essa Humanidade evoluir.

Mais diretamente: "Não vos dissemos que a destruição é necessária para a regeneração moral dos Espíritos, que adquirem a cada nova existência, um novo grau de perfeição?"

Novamente, na posição do fiapo de saco de estopa, fico a pensar se esse vírus que se tornou uma pandemia não

teria esse objetivo. Não estaria a Humanidade encaminhando-se para uma terceira guerra mundial com a possibilidade de devastação de todo planeta com a troca de bombas do tipo ZDS-220 citada no início desse artigo?

Na posição de fiapo de saco de estopa nada posso afirmar, mas tenho o direito de levantar essa possibilidade.

O poderio bélico em arsenal atômico das grandes potências possui poder de destruir várias vezes o planeta Terra, transformando-o em poeira cósmica!

De uma terceira guerra com o poder destrutivo das armas que devem existir e que desconhecemos como leigos no assunto, não sobraria ninguém para realizar a quarta com paus e pedras. Aqueles que não desencarnassem de imediato o fariam nas sequências imprevisíveis da destruição em cadeia que se instalaria no planeta.

Por mais destruidor que seja o coronavírus em relação ao ser humano no sentido de sua saúde física e na devastação econômica que poderá se instalar em diversas partes do mundo, ele, o vírus, não terá o poder destruidor da "Tzar Bomba". Uma hora será debelado pelos recursos da ciência do homem empregada para a solução do mal comum a toda a Humanidade.

Procurem ler a mensagem psicografada que circula pelos meios sociais intitulada "Em apenas quinze dias!".

Desconheço o autor, mas é repleta de lógica. O homem aprenderá que o ouro não é capaz de alimentar. A cidade-luz (Paris) encontra-se em trevas e a cidade eterna (Roma) conhece uma devastação lamentável. O valor de um abraço, da convivência familiar, do relacionamento social, dos valores morais enfim, conhecerá uma outra

etapa para melhor.

Infelizmente existem aqueles que, em meio a toda uma tragédia, reconhecem a oportunidade de explorar a miséria do outro. Aquilo que não desaparece dos supermercados aumentam de preço assustadoramente. Alcool em gel é fabricado com etanol que é tóxico para o organismo além de não adiantar nada como recurso de se preservar contra o contágio. E vai por aí afora o ser humano continuando a errar e explorar o seu próximo em meio a esse outro flagelo que chega para nos trazer um recado na forma da dor, professora que ainda não aprendemos a dispensar de nossas vidas.

Será que paira alguma dúvida de que a destruição é necessária para a regeneração moral dos Espíritos?

(*) um megaton equivale a explosão de um milhão de toneladas de trinitrotolueno!

Ano Novo?

“Em todo primeiro de janeiro, muitos aspiram por um bom ano; poucos, porém, estão dispostos a construir um ano bom.” – Dr. José Carlos de Lucca. (*Olho mágico*, cap. XIV.)

Por certo, diante do Ano Novo festejado pela humanidade, você terá desejado alguns benefícios.

Acalentaste a esperança por um mundo com mais paz e menos guerra que desonra a toda a Humanidade criada por Deus. Antes, porém, comece por pacificar o seu interior porque paz nenhuma te alcançará enquanto estiveres em guerra íntima.

É compreensível que tenha almejado por uma saúde melhor no Ano Novo. Contudo, comece a ser o mais urgentemente possível o seu próprio médico aplicando em sua alma os ensinamentos sublimes do Evangelho de Jesus sem o qual o teu corpo não conhecerá a saúde verdadeira. Estranhamente, muitos daqueles que pedem por mais saúde, já iniciam o ano dando chance a enfermidades quando se entregam aos excessos da alimentação, da bebida alcoólica e da noite mal dormida nos festejos que varam a madrugada em direção da aurora do primeiro dia do ano.

Também pode ter feito parte dos teus anseios uma maior união da família e para isso é indispensável que te transformes no veículo da harmonia quando o desentendimento rondar o teu ambiente familiar.

Se o teu desejo foi o de uma melhor situação financeira, não dispenses o esforço próprio em busca desse objetivo lembrando-te de que Deus faz a parte D'Ele a partir do momento em que nos pomos em marcha para fazer a nossa.

Não te iludas em colher do solo da existência aquilo que não semeias porque, segundo Jesus, a cada um será dado segundo as suas próprias obras.

O Ano Novo que se inicia é a renovação de oportunidades de realizarmos o bem, oportunidades essas que já nos visitaram nos anos anteriores e que, muitas vezes, deixamos passar em branco inebriados pelos tesouros do mundo material.

A cada cota de tempo que o calendário dos homens assinala encontramos o desfilar de convites à prática do amor ao próximo como a nós mesmos. E é válido ressaltar que, se realmente nos amarmos, não deveremos deixar passar em branco essas oportunidades que se nos oferecem e que passam com a rapidez de um relâmpago. A existência atual não fica esperando que saíamos da indecisão do egoísmo. Cabe-nos a firme decisão do que nos cumpre realizar na atual existência e que irá compor o testemunho à nossa paz íntima ou a nossa confissão de débitos perante a própria consciência no dia de nosso retorno ao mundo real dos Espíritos imortais.

Sempre é bom lembrar que a maioria dos Espíritos desencarnados e que tiveram a bênção de conhecer os ensinamentos espíritas, lamentam o tempo perdido enquanto no corpo quando fizeram o que não deveriam ter feito, ao mesmo tempo em que deixaram de realizar o que deveriam ter realizado.

Ano Novo! Que seja ele aquele instante de nossa

estrada de Damasco onde o homem velho carregando o fardo pesado dos desequilíbrios milenares, ceda a oportunidade para o homem novo realmente desejoso de seguir Jesus.

Somente assim o Ano Novo realmente será um novo ano.

Lembremos com o Espírito de Casimiro Cunha no livro *Cartas do Evangelho*, a seguinte realidade:

Entre um ano que se vai
E outro que se inicia,
Há sempre nova esperança,
Promessas de Novo Dia...

Considerar meu amigo,
Nesse pequeno intervalo,
Todo bem que perdeste
Sem saber aproveitá-lo.

Ano Novo!... Deus te abençoe
No esforço que te conduz
Das sombras tristes da Terra
Para as bênçãos de Jesus.

Agradeçamos à Providência Divina a permissão de mais um ano no corpo físico que se constitui em oportunidade valiosíssima em nosso caminho evolutivo, deixando velhos caminhos e retornando ao rebanho do Bom Pastor para que os erros cometidos e as oportunidades de agir no bem desperdiçadas em anos anteriores, não venham a se repetir em mais essa cota de tempo que denominamos na linguagem dos homens de "Ano Novo".

Afinal, de que adianta um Ano Novo para um homem que deseja continuar espiritualmente velho, não é mesmo?

As luzes se apagaram...

As luzes se apagaram. A melodia característica que atende ao calendário dos homens emudeceu. Cestas básicas deixaram de ser recolhidas para a devida distribuição aos necessitados. Os presentes angariados para crianças pobres cessaram de ser solicitados. As roupas que eram novas perderam o brilho porque já debutaram. Os sapatos novos e caros dormem aguardando nova oportunidade em lugares a eles destinados, esperando por novas exposições já sem o mesmo brilho. A casa reformada, os móveis novos adquiridos para ocasião que já se foi, perderam o encanto. Os enfeites pendentes das ruas foram recolhidos. As lojas ávidas por consumidores não aguardam mais os visitantes tão esperados. O “bom velhinho” com o seu carrossel mágico tracionado por renas dóceis e voadoras, se recolheram em algum lugar da imaginação infantil alimentada pelas histórias de adultos que sabem sobre a realidade dos meros sonhos tão dolorosos e decepcionantes para tantas mentes infantis!

Ah! Os animais entre os quais Jesus nasceu na gruta agreste, encontram um tempo muito breve de paz em que não pagam com a vida para satisfazer a gula dos homens que dizem crer na vinda do Redentor da Humanidade debruçados sobre pratos exóticos, bebidas finas, toalhas de puro linho, talheres de prata e louça de porcelana importada, em data estabelecida pela conveniência humana.

Pois é! As luzes se apagaram. O Natal do calendário dos homens, do comércio, da troca de presentes, da roupa e

calçados novos, das ceias e almoços regados com exageros que no dia seguinte se direcionam para o lixo em consideráveis proporções enquanto a fome que campeia em tantos lares, silenciou. É o fastio do excesso, do supérfluo, que caracteriza a ausência do Cristo em muitos lares.

Onde colocamos Jesus a partir do dia 26 de dezembro pelo espaço de um ano?

Trazemo-Lo de volta apenas na data do martírio que lhe impusemos num ato de ausência total de amor, daquele Amor ensinado e vivenciado por Ele, na chamada "Semana Santa"?

Famílias continuam famintas! Onde estão as cestas básicas recolhidas por ocasião do Natal dos homens? Já se tornaram desnecessárias ou retornamos ao nosso mundo de indiferença para com os problemas alheios?

Crianças pobres continuam desejosas de pequenos brinquedos remendados, remediados de um jeito ou de outro porque continuam a sonhar em suas mentes infantis. Pararam de ser recolhidos porque o calendário dos homens anunciou que o Natal acabou?

A roupa nova adquirida para comemorar o nascimento Daquele que sempre se vestiu da maneira mais simples de que se tem notícias, embora tivesse o mérito de usar um manto de estrelas, jaz dependurada a tantas outras que poderiam vestir corpo seminus, caso o Natal dos homens não tivesse colocado um ponto final no calendário da Terra!

Nossa gula em satisfazer um corpo físico que caminha para a morte continuará a exigir a vida de nossos irmãos mais novos em churrascos e festas afins?

Que André Luiz nos diga algumas coisas para nossa reflexão quando a data dos homens deu por encerrado o Natal de Jesus: *Envolve-te ricamente, porém de vestes do amor e do bem; alimenta-te fartamente, mas de bom ânimo e coragem; bebe em abundância apenas do licor da alegria e da esperança; presenteia sem erro paz e harmonia ao teu próximo e roga para ti os mimos imorredouros do aperfeiçoamento, como lembrança preciosa e definitiva. Paciência para as dificuldades. Tolerância para as diferenças. Benevolência para os equívocos. Misericórdia para os erros. Perdão para as ofensas. Coragem para as provas. Fé para as conquistas. Amor para todas as ocasiões.*

Somente assim viveremos de Natal a Natal conforme a orientação cristã do Espiritismo, que nos recomenda raciocinar para compreender, amar para engrandecer e trabalhar para realizar.

Somente assim as bocas famintas não deixarão de ser alimentadas; os presentes continuarão a ser recolhidos e depositados nas mãos de crianças inocentes.

Somente assim as roupas, a troca de mimos, o excesso de comida e a presença de bebidas fartas deixarão de ser o símbolo do verdadeiro Natal para que as luzes do Amor não se apaguem e a presença de Jesus não seja uma mera lembrança a partir do dia seguinte no calendário dos homens!

Vamos acender a verdadeira Luz do Natal imperecível do Mestre?

Cirurgia plástica

A cirurgia plástica se divide em reparadora e cirurgia estética.

A chamada de reparadora como o nome está a dizer, ocorre quando visa reparar um dano no corpo ocasionado por algum tipo de acidente ou fator externo que venha a agredir a parte material e também emocional de uma pessoa.

Para exemplificarmos, suponhamos que alguém sofra uma queimadura em alguma região do seu corpo e essa região atingida necessite de uma reparação através de uma cirurgia plástica. Para ficar mais bem explicado, imaginemos que a queimadura venha provocar cicatrizes que deformem alguma parte do organismo que possa ser reparado – cirurgia reparadora – através de uma cirurgia.

A cirurgia plástica com a finalidade estética já é diferente. A pessoa sente-se mal com alguma parte do corpo que não sofreu nenhuma agressão externa prévia, mas incomoda muito a autoestima de alguém.

Existe quem não goste do formato do nariz que é muito grande, ou adunco (curvo), ou tem um osso saliente em seu dorso. Essas pessoas vão-se submeter à rinoplastia, que é a cirurgia plástica com finalidade estética. Argumentam que essa insatisfação com essa parte do corpo afeta o lado emocional da pessoa, o que devemos respeitar.

Outros não gostam (homens ou mulheres), não se sentem bem com o volume da região abdominal e se

submetem a cirurgia denominada abdominoplastia onde esse volume é reduzido por técnicas adequadas.

Nessa lista aparecem aquelas pessoas que se incomodam com a gordura nos braços, nas coxas, na região do quadril (culotes) e procuram por uma lipoaspiração que remove a gordura dessas regiões.

No quadro das cirurgias plásticas estéticas existem ainda as próteses de glúteos ou de panturrilha (“barriga” da perna) onde são colocadas peças que aumentam o volume dessas regiões.

Como o assunto não é discutir sobre cirurgia propriamente dita, vamos ao foco real. A intenção dessa introdução é nos lembrar de como seria muito bem-vindo se nos incomodássemos com as imperfeições morais de que ainda somos portadores e procurássemos corrigi-las por ser motivo de nos tirar a tranquilidade.

Lembra Emmanuel que devemos cuidar do corpo como se ele fosse eterno e do Espírito como se fosse desencarnar amanhã.

Já imaginaram a urgência das “cirurgias” da alma diante dessa realidade do Mentor?

Irmão José, no livro *Com Cinco Pães e Dois Peixes*, psicografia de Baccelli, Editora DIDIER, assim comenta na lição de número 40: *Esmera-te em conhecer mais as tuas deficiências que as tuas virtudes. Não te iludas com algumas poucas qualidades que possuas. Em ti, há muito mais a ser feito do que já fizeste. Concentra-te em vencer as inclinações infelizes, que, sem dificuldade, identificas em ti. Toda criatura já se conhece o suficiente para saber que precisa melhorar.*

Se assim procedêssemos, quantas “cirurgias” na alma necessitariam ser providenciadas!

Aquele que reconhecesse a pouca capacidade de perdoar e se sentisse incomodado com essa imperfeição, procuraria aperfeiçoar a capacidade de compreender melhor seus agressores.

Se aquele que reconhecesse que é avarento e isso fosse motivo de grande preocupação, procuraria se doar mais por se sentir incomodado com a sovinice, lamentável defeito do ser!

Se aquele que reconhecesse na sua indiferença para com a dor dos seus semelhantes causa de importuná-lo intimamente, buscaria sentir melhor a dor alheia e providenciar o socorro necessário.

Se os que buscam movidos pelo orgulho as situações de destaque no mundo despertassem para a brevidade dos valores da Terra, despertariam para a necessidade de maior desapego dos bens terrenos e providenciariam a devida “cirurgia” na alma para remover essa imperfeição.

Em resumo, se corrigimos com a cirurgia plástica os problemas do corpo que mesmo embelezado caminha para a morte, como seria bom se utilizássemos o “bisturi” do Evangelho para remover as imperfeições e recuperar a saúde do Espírito! Com a mais absoluta certeza nos sentiríamos extremamente melhores!

Como vai a nossa pista?

Os Espíritos Amigos sempre se mostram dispostos a nos auxiliar, mas é preciso que, pelo menos, lhes ofereçamos uma base. Muitos ficam na expectativa do socorro do Alto, mas não querem nada com o esforço de renovação. Desejam ou até mesmo intimam os Espíritos a se intrometerem em suas vidas para que resolvam os seus problemas.

Como diz o Chico: "Ora, nem mesmo Jesus Cristo, quando veio à Terra, se propôs resolver o problema particular de alguém! Ele se limitou a nos ensinar o caminho, que necessitamos palmilhar por nós mesmos."

Quando ocorre alguma catástrofe que causa devastações em uma determinada região do planeta, a ajuda humanitária tem no transporte aéreo um caminho para conduzir o socorro necessário ao local. Para que a aeronave possa aterrissar com o auxílio que a situação exige, é necessário existir uma pista para o pouso adequado. Caso essa pista esteja cheia de buracos, com mato alto ou pedras de grandes proporções, o socorro aéreo estará comprometido. Restará a alternativa de lançar do alto com paraquedas os materiais possíveis de chegarem em segurança através dessa forma. Contudo, sempre a melhor alternativa é a de que aconteça o pouso da aeronave possibilitando a chegada de profissionais que venham trazer o alívio às pessoas atingidas, além do socorro material.

Quando surgem problemas sérios representando para a pessoa que está sofrendo um grave cataclismo, podemos

ter a certeza de que Espíritos amigos se assemelham a aeronaves que dispõem do socorro proporcionado pela Providência Divina àqueles que singram os mares dos obstáculos evolutivos. Entretanto, para que isso aconteça, é necessário que apresentemos a esses Amigos espirituais uma “pista de pouso” adequada para que o socorro chegue até cada um de nós encarnados na escola da Terra. Se a nossa “pista” estiver invadida pela revolta, contendo “pedras” de grande porte representadas pela ausência da fé necessária ou o “mato alto” das blasfêmias contra a Providência Divina, o socorro do Alto não conseguirá “aterrissar” trazendo-nos auxílio.

A máxima “Ajuda-te e o céu te ajudará” é muito fácil de ser repetida quando tudo vai indo muito bem em nossa vida. Mas ao turvar o horizonte de nossa existência com as provas necessárias à nossa evolução, o ditado é totalmente esquecido e passamos a cobrar de Deus as soluções que cabe a cada um buscar.

No livro *na Luz da Vitória* de José Carlos de Lucca, encontramos um parágrafo que elucida muito bem essa realidade: “Em vão clamaremos pela intervenção divina, permanecendo de braços cruzados para o trabalho de renovação a que o sofrimento está nos chamando.”

Como nos ensinou Chico Xavier, nem Jesus veio para resolver o problema de alguém. Essa realidade fica bem clara quando Ele dizia às pessoas a quem curava: “A tua fé te curou!”. Era indispensável essa condição para que o socorro D’Ele chegasse até o necessitado. A fé era a “pista” de pouso para o auxílio do Cristo. Em várias ocasiões isso ficou documentado em caráter definitivo para toda a Humanidade. A mulher hemorroíssa fez a parte dela em busca do socorro do Senhor. Aproximou-se D’Ele de maneira discreta e temerosa por ser do sexo feminino,

mergulhada entre uma turba de homens extremamente machistas. Era considerada impura porque sangrava. No entanto, a “pista” de pouso que ela apresentou para o socorro de Jesus era tão livre de obstáculos que Ele sentiu quando a cura ardentemente buscada partiu D’Ele!

Muitas pessoas procuram um Centro Espírita com a intenção de deixar a carga dos Espíritos a “mochila” com os problemas que elas próprias confeccionaram. Não entendem o “vá e não peques mais”! Querem continuar entregando a César o que é de César e para Deus as dificuldades que criaram para si mesmas.

No mesmo livro anteriormente mencionado encontramos a seguinte lição: “A dor vem para incomodar o homem a ser melhor do que tem sido. Deus nos criou para o amor; por isso, todas as vezes em que nos afastamos da estrada que nos conduz a esse propósito, acabamos experimentando situações desconfortáveis e dolorosas, cuja finalidade outra não é, que não a de trazer de volta aos caminhos do amor.”

Nessas ocasiões é de bom alvitre verificarmos a “pista” da nossa consciência! Será que a mantemos em bom estado para que o socorro nos alcance?

Deus me esqueceu?

Vamos a duas perguntas básicas para podermos prosseguir raciocinando sobre o assunto.

Você concorda que Deus é infinitamente melhor e mais misericordioso do que qualquer criatura?

Você concorda que Deus é infinitamente mais inteligente do que qualquer ser humano?

Se estivermos de acordo, então vamos prosseguir em direção à resposta da pergunta ao título desse artigo. Quando os pais estão mais próximos de um filho: quando ele está doente ou quando está gozando de saúde perfeita?

Quando é que os pais estão mais próximos de um filho: quando ele está em boa companhia ou quando se encontra envolvido com pessoas não recomendáveis?

Quando é que os pais estão mais próximos de um filho: quando esse filho está indo bem em seus estudos ou quando está sob a ameaça de uma reprovação?

Quando os pais estão mais próximos de um filho: quando ele está seguindo por um bom caminho ou atraído pelos descaminhos da existência?

Creio que a sua resposta é óbvia e não preciso transcrevê-la para o papel.

Ora, se como pais extremamente imperfeitos que somos estamos mais próximos de um filho exatamente nos momentos em que o identificamos em dificuldades e perigos maiores, como temos a ousadia de julgar que Deus de nós se afaste no momento de nossos problemas mais

inquietantes?

Novamente, deixemos que Emmanuel nos esclareça com a sua página *Provação E Fé*, do livro *Amigo*, Editora CEU: *Tenhas talvez alcançado o apogeu de semelhantes tribulações.*

Encontraste esse topo do sofrimento na enfermidade que provavelmente se demora contigo, flagelando-te a vida orgânica.

Criaturas queridas se desvincularam de ti, violentamente, arrojando-te à inquietação e ao desânimo.

Sofreste a perda de entes amados nas brumas da morte e trazes o coração encharcado de lágrimas.

Empenhaste as melhores forças na causa do bem de todos e situaram-te num cipoal de incompreensões e desafetos gratuitos que te prendem à dor.

É possível hajas atingido esses dias de conflitos e aflições, tumultuando-te o ser.

Seja qual seja a espécie de provação que te visita, não te rebeles, nem desanimes.

Ama e serve mais.

Por mais dolorosa a crise em que te vejas, permanece firme na coragem da fé, porquanto no momento em que a criatura se imagina esquecida do Céu, o ápice do sofrimento significa que o socorro de Deus se encontra a caminho.

Baseado em nossa atitude em relação aos nossos filhos aqui na Terra, outra não seria de se esperar da atitude de um Pai de perfeição e amor como é Deus!

Porque, então, nos sentimos abandonados por Ele quando somos atingidos pelos problemas da existência?

Por um motivo muito simples de explicar e de entender se deixarmos o orgulho de lado e optarmos pela sinceridade.

Somos crianças no sentido espiritual de nossa evolução, acostumados a ter a nossa vontade satisfeita. Sabe aquela criança que na loja de brinquedo sapateia, se joga no chão para que a mãe compre o brinquedo que deseja, não importando o alto preço?

Pois é. Procedemos com Deus da mesma maneira. Apesar dos Espíritos nos ensinarem que as lições que nos visitam se apresentam como mecanismo de nossa educação espiritual, queremos reencarnar para uma viagem de turismo hospedando-nos em um hotel de cinco estrelas na escola da Terra!

Quando a dificuldade aparece, ao invés de entendermos que somos os responsáveis por elas porque temos o livre arbítrio e fazemos nossas escolhas no momento presente com consequências nos dias do futuro, julgamos mais fácil alegar que Deus nos esqueceu. Que Deus nos abandonou. Transferimos, ou, pelo menos, tentamos como gostamos de fazer, a culpa e a responsabilidade que é nossa para Ele. E o que ganhamos com essa atitude? Passamos a imagem de coitadinhos que não resolve problema algum, mas muito pelo contrário, complica a nossa vida porque abrimos a porta para a revolta e dificultamos o socorro do Pai que está sempre a caminho como enfatiza Emmanuel linhas atrás.

Retornando a pergunta do título: Deus nos esqueceu? A resposta é muito fácil: não, nós é que nos esquecemos D'Ele ou de quem Ele seja. Não fosse assim, jamais levantaríamos essa hipótese para Aquele a quem Jesus nos ensinou chamar de Pai e que na definição do Apóstolo João é a expressão máxima do Amor.

Permitam-me a mesma pergunta desse artigo, mas em outro sentido: e nós, temos nos esquecido dos filhos de Deus que se hospedam em nossos lares para serem amados e compreendidos de maneira segura num mundo de provas e expiações, retornando para o Lar do Criador melhores do que foram em existências anteriores?

Na “boca” do caixa

Todos que acreditam na imortalidade da vida anseiam por um bom lugar ao deixar o corpo físico aqui na Terra. Entretanto, isso não acontece por diversas razões.

Vamos a uma situação da vida real para entendermos os motivos dessa frustração em nosso retorno ao mundo espiritual.

Com certeza, você como usuário de agências bancárias, já esteve em uma delas num desses dias em que parece que o banco *ferve*. Geralmente isso ocorre no início do mês em que os aposentados, injustamente remunerados nesse país dos disparates sociais, com as devidas exceções, se dirigem para receber o *magro* salário após uma vida de trabalho que não lhes proporciona um final de existência com a devida dignidade que todo trabalhador deveria merecer. Para quem discorda dessa opinião, analise os salários de determinados marajás em diversos setores da sociedade e que se constituem no sorvedouro da receita da Previdência Social. Nessas datas, portanto, as agências bancárias se sobrecarregam no atendimento ao público.

Por acaso você, uma única vez, viu alguém que está numa longa e morosa fila aguardando atendimento e se aproximando da *boca* do caixa para ser atendido depois de muito esperar, sair desse lugar privilegiado e dirigir-se a última pessoa da fila cedendo-lhe a vez para ser atendido e colocando-se no último lugar para reiniciar mais uma longa espera?

Salvo algum enorme engano da minha parte, creio que

sua resposta será negativa, ou seja, nunca viu alguém que está prestes a ser atendido após penosos minutos de espera, ceder seu lugar para o último da fila.

Mas eu já assisti uma pessoa jovem valer-se de um parente idoso colocado ao seu lado para entrar na fila preferencial e dessa maneira burlar a fila, e pagar suas contas de maneira muito mais cômoda à custa do velhinho ali utilizado como um instrumento sem vontade própria.

Seria por atitudes semelhantes que Chico dizia que muita gente desejava ir para o céu, mas na Terra fazia o que o diabo gosta?

Se você ainda não viu nexos entre o que foi escrito e o mérito de ir ter a um bom lugar após o desencarne, vou lembrar a passagem do Evangelho de Marcos, 9:35 que diz o seguinte: *Se alguém quiser ser o primeiro, será o último de todos e servo de todos.*

Fazemos isso enquanto nos digladiamos nas batalhas do mundo material? Saímos da *boca do caixa* para ceder lugar àquele que está em último lugar no sentido extenso do termo?

Será que não foi exatamente isso que fez durante toda a sua existência Chico Xavier ao abrir mão da sua vida em favor da imensa população de sofredores que o procuravam desesperados?

Será que não foi o que fez Madre Teresa de Calcutá e Irmã Dulce buscando os esquecidos pelos caminhos do mundo, renunciando a si próprias?

Não teria tido o mesmo ato de renúncia inclusive com a entrega da própria existência o pastor Martin Luther King batalhando pelo direito dos negros e Mahatma Gandhi em

busca da libertação do povo indiano do jugo inglês?

Saíram da *boca do caixa* para entregar suas existências àqueles que necessitavam mais.

Esse é o caminho que nos levará para uma situação melhor ao partirmos em direção à colheita da nossa semente aqui na Terra, no mundo dos Espíritos.

Recordemos Emmanuel no livro *Vinha de Luz*, edição FEB, capítulo 56, quando nos ensina o seguinte: *Ser dos primeiros na Terra não é problema de solução complicada. Há maiorais no mundo em todas as situações. A ciência, a filosofia, o sacerdócio, tanto quanto a política, o comércio e as finanças podem exibi-los facilmente. Ser dos primeiros, no entanto, nas esferas de Jesus sobre a Terra, não é questão de fácil acesso à criatura vulgar. Em Cristianismo puro, os espíritos dominantes são os últimos na recepção dos benefícios, porquanto são servos reais de quantos lhes procuram a colaboração fraterna. É por isso que em todas as escolas cristãs há numerosos pregadores, muitos mordomos, turbas de operários, cooperadores do culto, polemistas valiosos, doutores da letra, intérpretes competentes, reformistas apaixonados, mas raríssimos apóstolos.*

Raríssimos os que estão dispostos a deixar a *boca do caixa* em favor do último da fila!

O cenário do mundo atual é um recibo incontestável de tal situação na fase em que estagia a humanidade terrestre. Falou em levar vantagem a fila de interessados perde-se de vista. Quando a referência é sobre auxiliar ao semelhante, não existe fila nenhuma porque a porta do trabalho em favor dos que necessitam mais está sempre aberta, mas sem ninguém a esperar o chamado para o serviço.

Posto que a Lei determina que a cada um seja dado segundo suas obras, enquanto no mundo por egoísmo ou por orgulho disputarmos avidamente a *boca do caixa*, do outro lado da vida estaremos localizados por uma questão de justiça no fim da fila daqueles que aguardam um local de refrigério como Espíritos desencarnados.

O Natal de Lin Meiyun

“O perdão para as faltas alheias luariza a paisagem íntima, clareando as sombras da angústia insistente que bloqueia a alegria de viver, produzindo sofrimentos injustificáveis.” – Joanna de Ângelis.

O Natal do ano 2000 de Lin Meiyun seria o pior possível. A dor da perda de um filho, a maior das dores, visitaria o coração dessa mãe quando o telefone de sua casa tocou incessantemente na manhã do dia vinte e cinco de dezembro para anunciar que seu filho único, Teng De, de dezessete anos havia sido assassinado em uma briga de adolescentes. Lin passou a cultivar um ódio mortal contra o assassino, Yang, um jovem com idade inferior à do seu filho, e também contra os pais dele. Lin chegou a ir armada com uma faca ao tribunal com o firme desejo de tirar a vida de Yang, da mesma forma como Teng De havia morrido. No culto ao seu ódio, passou a seguir os pais do jovem delinquente. Numa das ruas da cidade com intenso movimento, Lin Meiyun descobriu que eles eram pobres como ela. Vendiam magnólias por entre os carros. O pai de Yang, com uma das mãos amputadas, utilizava a outra para fazer o troco.

Quase dois anos depois, esse casal foi até a casa dela e, ajoelhados, pediram perdão pelo que o filho fizera.

Certa noite, ela sonhou com o filho Teng De que lhe disse: *“Mãe, estou bem, não fique mais preocupada comigo. Viver com ódio dentro de você faz mal à sua saúde. Por favor, cuide-se, por mim.”*

Lin Meiyun não era espírita. Nem sei se em Taiwan se sabe o que seja a Doutrina Espírita, mas o Amor é Lei do Universo não importando as barreiras geográficas, étnicas, religiosas ou de que outras mais possa se valer o homem para se separar. Aquele coração que odiava profundamente tomou uma decisão no dia 21 de junho de 2004 que está relatada na revista *Seleções* READER´S DIGEST, edição de setembro de 2011, página 153 que passaremos a reproduzir: "A garoa incessante do lado de fora da Escola Secundária de Correção Ming Yang deixa a sala de recepção ainda mais fria e vazia. Lin Meiyun está sentada à espera numa das extremidades da mesa comprida.

O silêncio da sala do centro de detenção juvenil de Taiwan é ampliado pelo som das batidas do seu coração. Lin diz a si mesma: *Calma. Não importa o que acontecer, não se irrite.*

Finalmente, a porta se abre. Surge um adolescente escoltado por um conselheiro. Ele se chama Yang. O menino magrela que ela vira anos atrás se transformou num rapaz alto. O ar tímido e sincero no rosto faz lembrar o do seu filho único, Teng De.

Ao ver o rapaz à sua frente, as lágrimas se acumulam nos olhos de Lin. Foi essa pessoa que, três anos atrás, matou seu filho com uma facada no peito. Não há troca de palavras; os dois se fitam em silêncio, as emoções congeladas no ar frio. Yang rompe o silêncio e gagueja: "Sra. You é o sobrenome de casada de Lin. Com lágrimas correndo pelo rosto, ele continua: Posso abraçar a senhora?"

Lin faz que sim. Yang a abraça com força, e as emoções refreadas dão lugar a soluços incontrolláveis.

"Sinto muito. Eu errei. Sinto muito.", repete Yang

várias vezes. As palavras soltam as correntes de ódio e sofrimento que prenderam por tanto tempo o coração de Lin. Naquele mesmo instante, a sua alma algemada se liberta.”

Quando o jovem delinquente ganhou a liberdade condicional, Lin dispensou-o de trabalhar para pagar a indenização que o Tribunal ordenara. Preferiu que ele voltasse à escola.

Disse mais essa nobre senhora: “Não me arrependo de ter escolhido o perdão. Perdi meu filho, mas não quero que o meu ódio faça com que outra criança ferida pela culpa se perca.”

O Natal de 2004 para Lin Meiyun foi totalmente diferente. Podemos dizer que naquele ano o Natal realmente renasceu em seu coração. Que não fosse feliz diante da perda que sofrera, mas entrara na posse da paz que ela própria se conferira optando pelo perdão do jovem algoz de seu filho.

Ensina Joanna de Ângelis que o ato de perdoar não leva, necessariamente, à ideia de anuência com aquilo que fere o estatuto legal e o código moral da vida, mas proporciona a compreensão exata da dimensão do gravame e dos comportamentos a serem adotados para que ele desapareça, devolvendo à vida a harmonia que foi perturbada com aquela atitude.

Felizmente não passamos pela dor semelhante a de Lin Meiyun. Entretanto, que temos anotado em nossa consciência para que o nosso Natal seja engrandecido com uma atitude cristã de tal beleza?

A lâmpada da garagem

Na entrada da garagem um senhor colocou uma pequena lâmpada de fraca luminescência, apenas para que todo o espaço não ficasse mergulhado na escuridão madrugada adentro.

Comparava as duas luzes acesas dentro daquela parte da casa com a iluminação discreta da entrada e julgava que, praticamente, a luz que era emitida quase nada significava. Mas, porque o raciocínio lhe dizia que mesmo assim a pequenina fonte de luz deveria ser mantida, mexeu no interruptor apenas para apagar as duas lâmpadas mais fortes de luz.

Uma determinada madrugada desejoso por um copo de água, levantou-se e dirigiu-se à geladeira que ficava na altura de uma janela bem próxima da entrada da garagem.

Estranhou a forte claridade que entrava ambiente adentro.

Procurou pelo motivo daquela luz e, para seu espanto, deparou-se com a lâmpada fraca que havia se tornado bastante vigorosa em confronto com o escuro da madrugada.

Podemos ser, se assim o desejarmos, semelhante a pequena lâmpada da entrada da garagem que diante de luz mais intensa parecia desnecessária, mas que diante da escuridão da madrugada crescia em importância.

Nas pequenas atitudes que estão ao nosso alcance realizar, muitas vezes desanimamos porque não conseguimos grandes feitos o que pode estar ocultando

uma dose de orgulho e vaidade em nosso comportamento.

No livro *Vinha de Luz* do Espírito Emmanuel, psicografia de Chico Xavier pela Editora FEB, encontramos uma página cujo título é bastante significativo: *Servicinhos!*

Vamos aprender um pouco com ela: "A maioria anda esquecida do valor dos pequenos trabalhos que se traduzem, habitualmente, num gesto de boas maneiras, num sorriso fraterno e consolador... Um copo de água pura, o silêncio ante o mal que não comporta esclarecimentos imediatos, um livro santificante que se dá com amor, uma sentença carinhosa, o transporte de um fardo pequenino, a sugestão do bem, a tolerância em face de uma conversação fastidiosa, os favores gratuitos de alguns vinténs, a dádiva espontânea ainda que humilde, a gentileza natural, constituem serviços de grande valor que raras pessoas toma à justa consideração.

Não te mortifiques pela obtenção do ensejo de aparecer nos cartazes enormes do mundo. Isso pode traduzir muita dificuldade e perturbação para teu espírito, agora ou depois.

Sê benevolente para com aqueles que te rodeiam.

Não menosprezes os servicinhos úteis.

Neles repousa o bem-estar do caminho diário para quantos se congregam na experiência humana."

Temos que entender que os Espíritos missionários já percorreram um trecho maior da estrada evolutiva, enquanto estamos ainda muito no início. Eles já se fortaleceram o suficiente para serviços maiores no panorama do mundo. Por isso mesmo, a Providência Divina em nosso programa reencarnatório, não estabeleceu feitos de vulto comparados a existência de Chico Xavier, de Divaldo Franco, de Irmã Dulce, Madre Teresa ou qualquer

outro missionário com que a vida brindou o planeta Terra.

Contudo, mesmo como pirilampos da vida, podemos em meio à escuridão da necessidade alheia, jorrarmos luz na intensidade possível de promover o socorro aos sofredores.

Na doação da viúva no templo de Jerusalém, Jesus faz destaque à moeda, quase sem valor nenhum, doada por aquela mulher que tirava do pouco que tinha para doar a outrem.

Talvez na posição dela nem adentrássemos o local preocupados com o pouco que trazíamos para ofertar.

Não podemos perder de vista que existe sempre alguma “escuridão” na alma alheia para a qual possamos ser a fraca luz que praticamente inexistente na claridade do dia.

E a exemplo da pequena lâmpada na entrada da garagem, se tivermos a devida dose de boa intenção, poderemos começar algum “servicinho” dentro de nosso próprio lar, abençoada oficina de trabalho.

Que tal sermos aquela luz fraquinha que ilumine nossa compreensão e não alimente discussão dentro de casa?

Aquela luz bem discreta que saiba compreender a limitação daqueles que convivem conosco no serviço de burilamento de suas almas como lapidamos a nossa?

Como seria bom que a nossa frágil luz nunca se apagasse em atenção aos filhos que nos procuram para o diálogo necessário como Espíritos entregues à nossa responsabilidade!

Seríamos a alegria de nossos pais idosos se contribuíssemos com a nossa pequena intensidade evolutiva na compreensão das limitações da idade mais

avançada que tanto precisa de amor na reta final da jornada!

Trocando ideias como fizemos ao longo desses diálogos sobre o papel que tivemos até agora e que por hora se encerra, vamos fazer a proposta de sermos a pequena lâmpada na entrada da garagem das necessidades do nosso próximo abraçando os “servicinhos” em nosso próprio lar?

Fim